UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA EUGÊNIA SEIXAS DE ARRUDA CAMARGO FERNANDES

O World Café e o aprendizado pelo diálogo:

limites e possibilidades de um território de sentidos no processo de formação

“Diagnóstico socioambiental na APA Embu Verde: Educação Ambiental para a sustentabilidade na bacia do rio Cotia”, Embu das Artes, SP.

São Paulo
2015

MARIA EUGÊNIA SEIXAS DE ARRUDA CAMARGO FERNANDES

O *World Café* e o aprendizado pelo diálogo:

limites e possibilidades de um território de sentidos no processo de formação

“Diagnóstico socioambiental na APA Embu Verde: Educação Ambiental para a sustentabilidade na bacia do rio Cotia”, Embu das Artes, SP.

**Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutora em Educação**

**Área de Concentração: Cultura, Organização e
Educação**

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos

**São Paulo
2015**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

375.991 Fernandes, Maria Eugênia Seixas de Arruda Camargo

F363w O World Café e o aprendizado pelo diálogo: limites e possibilidades de um território de sentidos no processo de formação "Diagnóstico socioambiental na APA Embu Verde: Educação Ambiental para a sustentabilidade na bacia do rio Cotia", Embu das Artes, SP. / Maria Eugênia Seixas de Arruda Camargo Fernandes; orientação Marcos Ferreira Santos. São Paulo: s.n., 2015.

210 p. ils.; anexos; apêndice

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área
de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Educação Ambiental 2. Antropologia educacional I. Santos, Marcos Ferreira, orient.

FERNANDES, Maria Eugênia Seixas de Arruda Camargo

Título: O *World Café* e o aprendizado pelo diálogo: limites e possibilidades de um território de sentidos no processo de formação: “*Diagnóstico Socioambiental na APA Embu Verde: Educação Ambiental para a Sustentabilidade na Bacia do Rio Cotia*”, Embu das Artes, SP.

Teste apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, área de concentração Cultura, Organização e Educação, para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovado em: / /

Prof(a) Dr(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao meu pai (in memoriam) pelo bom exemplo;

À minha mãe pela alegria de viver;

Ao Tarcísio, pela companhia de todo dia;

Aos meninos: Gabriel, Lucas e Antônio, pela esperança no amanhã

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor Marcos Ferreira Santos, por me apresentar caminhos e possibilidades e por permitir, com sua orientação, que eu trilhasse e descobrisse o meu próprio caminho, por todo apoio e confiança neste percurso, e, sobretudo, pela parceria no cultivo de jardins.

Ao Prof. Dr Pedro Jacobi, por sua orientação no mestrado que permitiu que eu chegasse até aqui, pela abertura de caminhos, projetos e contatos, por toda amizade.

Ao Prof. Marcos Sorrentino por criar um espaço de acolhida no Laboratório de Educação Ambiental e Políticas públicas, a nossa “OCA”, que muito contribuiu para a minha formação e para a realização desta pesquisa. Aos amigos e colegas pesquisadores da OCA que compartilharam seus projetos e desafios da Educação Ambiental: Cintia, Daniel, Denise, Henriqueta, Isis, Maria, Semiramis, Thais, em especial Andrea Quirino, que me levou para a OCA e me incentivou a ingressar no doutorado.

À Prof. Regina Machado, pelos *“Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias”* vivenciados em sua disciplina na ECA-USP e pela beleza dos contos que partilhou conosco.

Ao Prof. Rogério de Almeida, pela disciplina *“O Trágico e o Imaginário em Machado de Assis”*, pelas contribuições que me ofereceu no exame de qualificação, com sua leitura atenta.

À Prof. Rachel Stefanutto, também pelas valiosas contribuições no exame de qualificação, mas sobretudo por ter me iniciado no caminho do diálogo, através do *“World Café”* e do *“Art of Hosting”*, pela sua amizade anfitriã e por nossas boas conversas.

À querida Isabel por me apresentar o Embu das Artes e possibilitar a prática e a vivência das nossas “metodologias inovadoras”, agradeço também a equipe do projeto Agenda 21 Escolar: Cesar Pegoraro, Indaia Pelosini, Leni Bueno, Martha Schultz e Silvana Pontes, pela caminhada que nos permitiu chegar até os desafios da APA Embu Verde. A toda equipe do projeto *Diagnóstico Socioambiental da APA Embu Verde*, assim como toda equipe da Sociedade Ecológica Amigos do

Embu (SEAE). Um agradecimento especial a todos os educadores e educadoras participantes do processo de formação que muito contribuíram para este trabalho.

Aos amigos da Faculdade de Educação (LabArte) da USP, Andrea Cavinato, Elni Willms, Fabina Rubira, Solange e Raquel do EDA.

Ao time de anfitriões do meu primeiro treinamento “Art of Hosting”: Bob Wing, Kathy Jourdain, Maria Barreto, Narjara Thamiz, Thomas Ufer, em especial Tamara Azevedo que desde então sempre me apoiou nos projetos de diálogo e na criação de espaços de diálogo.

A toda a Comunidade brasileira do *Art of Hosting* pelas conversas significativas e pelo compromisso com essa prática. Um agradecimento especial a Amanda Gambale pelas ilustrações do nosso Café da APA que ajudaram a tornar o conhecimento visível.

Ao Prof. Abril Trigo que me acolheu na Ohio State por sua visão crítica e acolhedora que me permitiu entender melhor a América latina. Ao Prof. Richard Gordon pela parceria USP – *Ohio State*. À Prof. Katherine Borland que compartilhou comigo seu curso sobre Desenvolvimento e pela oportunidade de realizar um *World Café* com os alunos ao final do curso.

A Capes/Fulbright pelo apoio concedido com a bolsa de estudos para a realização do estágio de doutorado-sanduíche em Columbus, Ohio.

A todos os anfitriões (hosts) que compartilharam comigo suas histórias, seus projetos, permitindo que eu aprendesse e vivenciasse esse modo de ser anfitrião: Barbara Poppe, Deb Ballam, Deb Helber, Hazel Morrow-Jones, Kelly Budros, Dr Marc Parnes, Matt Habash, Phil Cass, Dr Rick Livingston, Dr Tom Gregoire, Tuesday Ryan-Hart e Virginia Barney. Um muito obrigado à toda a comunidade de anfitriões de Columbus, Ohio.

Um agradecimento especial a Juanita Brown pela abertura ao diálogo, pelos contatos com os anfitriões de Columbus, Ohio e principalmente pela conversa significativa que tivemos por skype. Agradeço também a Amy Lenzo da Fundação World Café e ao Prof. Bo Gyllempalm do Fielding Institute pelo curso online “*Os fundamentos do World Café*” por toda sua disponibilidade e todo apoio. Ao Flavio Mesquita, companheiro de pesquisa sobre o World Café, pelas suas perguntas pertinentes.

Aos professores amigos da Ohio State University em Columbus: Sarah Brooks, pelo espaço de trabalho cedido no Mershon Center, assim como toda a equipe, Dra Lucia Costigan por acolher em sua casa as reuniões do “grupo Brasil”, Prof. Dra Suzan Saltzburg, do Curso de Serviço Social, pelo apoio nas questões referentes à metodologia de pesquisa e Prof. Pamela Lovern, pelas aulas de Inglês que foram encontros preciosos com colegas da China, Japão, Líbia, dentre outros países.

Aos anfitriões do treinamento “Authentic Leadership in Action (ALIA)”: Chris Corrigan, Caitlin Frost, Marguerite Drescher, Tim Merry e Tuesday Ryan Hart que muito contribuíram para o entendimento desta prática.

Aos amigos de Columbus, Ohio, em especial de Worthington, que nos receberam muito bem e tornaram nossa estadia muito especial: Rosanne Nagel e família, Wendy, Jane, Shannon, Sarah, Robin, e toda equipe do *Creative Play Center* que cuidaram dos nossos meninos com todo carinho.

As amigas mães: Adriana Guimarães, Denise, Julia, Juliana Trindade, Kalu, Lara, Lilian, Patricia, Raquel, Rosana, Valéria, por todo apoio no cuidado com os meninos e amizade no dia a dia.

À querida Janaína Campos pelas conversas que curam.

Um agradecimento especial à minha família que muito contribuiu para a minha formação: minha mãe, pela ajuda e amor incondicional, minha irmã Sylvia, minha madrinha Maria Eugênia e meu padrinho Sérgio (in memoriam), aos tios Calu e Marília, Lélío e Graziella. E a família do Tarcísio, que é minha também: Mariete, Sr Amandio, Julia, Luciana, todas as tias e tios.

Um agradecimento mais que especial ao Tarcísio, companheiro de vida, de sonhos, de projetos, parceiro amoroso, parceiro de trabalho, essa tese é sua também!

E aos meninos amores, Gabriel, Lucas e Antônio pela paciência com as ausências da mamãe, pelas perguntas e pelo olhar de infância, pelo presente que são em minha vida.

O tempo de escrever, diga-se ainda, é sempre precedido pelo de falar das ideias que serão fixadas no papel. Pelo menos foi assim que se deu comigo. Falar delas antes de sobre elas escrever, em conversas de amigos, em seminários, em conferências, foi também uma forma de não só testá-las, mas de recriá-las, de repartejá-las, cujas arestas poderiam ser melhor aparadas quando o pensamento ganhasse forma escrita com outra disciplina, com outra sistemática. Neste sentido, escrever é tão refazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática, de nossas relações com, é tão recriar, tão re-dizer o antes dizendo-se no tempo de nossa ação quanto ler seriamente exige de quem o faz, repensar o pensado, re-escever o escrito e ler também o que antes de ter virado o escrito do autor ou da autora foi uma certa leitura sua.

Paulo Freire

RESUMO

CAMARGO FERNANDES, Maria Eugênia S.A. **O *World Café* e o aprendizado pelo diálogo: limites e possibilidades de um território de sentidos no processo de formação: “Diagnóstico socioambiental na APA Embu Verde: Educação Ambiental para a sustentabilidade na bacia do rio Cotia”, Embu das Artes, SP. 2015. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.**

A pesquisa em questão pretendeu compreender o processo de construção de um território dos sentidos através do diálogo, no âmbito de um projeto de Educação Ambiental. Buscou-se investigar as relações de pertencimento e vínculo que se estabelecem entre os sujeitos e o ambiente da APA Embu-Verde através de um processo de diálogo e criação coletiva para uma leitura de mundo (FREIRE, 1996). Situada na região metropolitana de São Paulo, no município de Embu das Artes, a APA (Área de Proteção Ambiental) Embu-Verde é uma unidade de conservação criada pela Lei municipal n. 108/ 2008 (EMBU DAS ARTES, 2008). A pesquisa está inserida num projeto mais amplo de *Diagnóstico Socioambiental da APA Embu- Verde*, aprovado com recursos do FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos) que envolve uma série de atores e instituições incluindo poder público, sociedade civil e Universidade de São Paulo. Neste contexto utilizou-se uma metodologia inovadora para a prática do diálogo “The World Café” (BROWN, 2001) que faz parte de um conjunto de metodologias intitulada “*Art of Hosting*” (Arte de anfitriar conversas significativas). Buscamos através do presente estudo responder a seguinte pergunta: Em que medida o *World Café*, entendido como método de diálogo pode contribuir nos processos de Educação Ambiental? Com a possibilidade de um estágio de doutorado-sanduíche nos EUA com apoio da Capes/Fulbright foi possível aprofundar o estudo sobre o *World Café* como método de diálogo e da abordagem do *Art of Hosting* no tratamento de questões complexas. Neste sentido foram realizadas 12 entrevistas com lideranças que vem utilizando tal abordagem na cidade de Columbus, Ohio, EUA para lidar com questões complexas em diversas áreas (Saúde, Educação, Moradia, Segurança alimentar). Os resultados destacam o forte componente de aprendizado presente em tais metodologias e a jornada pessoal de cada um dos anfitriões como parte essencial do processo. O referencial teórico é multirreferencial contando com o pensamento de autores de diversos campos: da Educação e complexidade ((FREIRE, MORIN) da Educação Ambiental (SORRENTINO, CARVALHO, SAUVÉ, JACOBI). A compreensão dos dados foi realizada segundo a hermenêutica, uma interpretação simbólica de cunho antropológico através da jornada interpretativa (FERREIRA-SANTOS, 2006) no campo da Antropologia da Educação.

Palavras-chave: Educação Ambiental – diálogo - *World Café* - *Art of Hosting* – antropologia da educação

ABSTRACT

CAMARGO FERNANDES, Maria Eugênia S.A. **The *World Café* and the learning process through dialogue: limits and possibilities of a territory of meanings at the educational project: APA Embu Verde – social and environmental diagnosis: environmental education to sustainability at Cotia river watershed, Embu das Artes, SP, Brazil.** 2015. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015

This research aims to comprehend the process of building a territory of meanings through dialogue within the framework of an environmental education project. We sought to investigate the sense of belonging and connections established between people and the environment at the Embu Verde environmental protected area through a process of dialogue and collective creation for a reading of world (FREIRE, 1996). Situated in the metropolitan region of São Paulo, in the city of Embu das Artes, the APA (Environmental Protected Area) Embu Verde is a conservation unity recently created by a municipal law (n. 108/2008). This research is inserted into a bigger project called “APA Embu Verde – Social and Environmental Diagnosis”, financially supported by FEHIDRO (Water Resources State Fund), which is composed by multiple stakeholders and institutions including the public sector, civil society and University of São Paulo. In this context we used The *World Café* methodology (BROWN, 2001) which is included at the *Art of Hosting* approach, a set of innovative methodologies to deal with complex issues. We sought through this study to answer the question: In which way *The World Café*, as a dialogue method, can contribute to the environmental education process? Through the opportunity of a Capes/Fulbright scholarship we could deeply understand the methodology principles in contact to The World Café Community Foundation. We did 12 interviews with host leaderships who have been using such an approach in various fields in the city of Columbus, Ohio (US) to deal with complex issues in areas like Health, Education, Homelessness, Food Security. The results highlights the strong learning component present in such methodologies and the personal journey of each host as an important part of the process. The theoretical reference has multidisciplinary sources, with the authors working on different fields, like Education and Complexity (FREIRE, MORIN), Environmental Education (SORRENTINO, CARVALHO, SAUVÉ, JACOBI). The analysis of the data was based on hermeneutics, which is a symbolic interpretation with an anthropological approach through an interpretative journey (FERREIRA-SANTOS, 2006) in the field of Anthropology of Education.

Key-words: Environmental education, dialogue, *The World Café*, *Art of Hosting*, education anthropology

SUMÁRIO

Sumário	19
Memorial	21
Introdução	35
CAPÍTULO 1. Os sentidos do território e o território dos sentidos	45
1.1. De um espaço de fronteira à construção de um território de sentidos	47
1.2. Embu, terra de contrastes	51
1.3. Educação Ambiental: educação dos sentidos	55
1.4. A complexidade como método	67
1.5. A natureza complexa da Educação Ambiental	71
1.6. Os sentidos do diálogo	73
CAPÍTULO 2. Descobrimo o <i>World Café</i> e vislumbrando sua potencialidade na Educação Ambiental.....	79
2.1. Os princípios do <i>World Café</i> : Entre o novo e o antigo – a importância da conversa	81
2.2. A conversa como base de interação humana no mundo.....	84
2.3. Aprendendo mais sobre o <i>World Café</i> com os anfitriões:	87
2.4. Os aprendizados sobre o modo de ser anfitrião - a postura do host.....	149
2.5. Mitos que nos ajudam a compreender a figura do anfitrião: <i>Hermes e Héstia</i>	155
CAPÍTULO 3. Praticando o <i>World Café</i> , vivenciando os desafios: o 1º Café da APA EMBU Verde.....	159
3.1. O 1º Café da APA Embu Verde: tornando visível o conhecimento do grupo.....	161
3.2. Os desafios do diálogo na APA Embu Verde: O Plano diretor	180
CAPÍTULO 4. De volta para casa: o retorno, os aprendizados.....	183
4.1. Tecendo os fios, os aprendizados daqui e de lá.....	185
4.2. ALIA- percorrendo o caminho dos hosts.....	190
4.3. Considerações finais	193
Referências	197
Apêndice.....	205
Anexos	209

MEMORIAL

*(...) Eu adoro todas as coisas
E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.
Tenho pela vida um interesse ávido
Que busca compreendê-la sentindo-a muito.
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,
Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas.
Para aumentar com isso a minha personalidade.
Pertengo a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio
E a minha ambição era trazer o universo ao colo
Como uma criança a quem a ama beija (...)*
Álvaro de Campos (1935)

A história dessa pesquisa começa sem dúvida com um pouco da minha história, uma vez que partimos do pressuposto de que num processo como esse, mais do que contar a história dos entrevistados, da experiência educativa que tive o privilégio de participar, dos métodos aqui estudados, da situação e dos desafios da Educação Ambiental, vou contar a minha história, já que há sempre uma exposição de quem aqui escreve na exposição do conhecimento, segundo as palavras do meu orientador, Marcos Ferreira Santos.

Tarefa difícil esta de escrever um memorial, como selecionar o que deve ou não entrar, como escrever um texto que mostre um pouco da pessoa por trás da pesquisa, de maneira séria, comprometida e que forneça mais elementos para que o leitor compreenda melhor o objeto de estudo, os interesses e as motivações presentes nesta trajetória.

Com este intuito, seleciono aqui alguns pontos que julgo importantes nesta apresentação, de modo a compreender como se deu este processo de pesquisa, desde sua construção até sua conclusão, evidenciando as histórias que não cabem na estrutura da tese, mas que não poderiam

ficar de fora, uma vez que pesquisamos aquilo que amamos e por isso o nosso desejo de conhecer melhor, entender, compreender.

Nasci em São Paulo, no dia 19 de abril de 1978, dia do índio, como diz a música da Rita Lee, *“todo dia era dia do índio....mas agora eles só tem o dia 19 de abril...”*. Maria Eugênia é o meu nome, recebi esse nome em homenagem à minha madrinha Maria Eugênia, meu pai gostava muito do nome e resolveu me dar o mesmo para que ela ficasse feliz, mesmo a contragosto da minha mãe, que já havia prometido para a minha irmã, que eu me chamaria Maria Beatriz. Hoje gosto do nome e até acho bonito, mas quando pequena não gostava, era um nome muito grande para uma criança, por que eu não podia ter um nome “normal” como o das minhas amigas: Juliana, Rafaela, Beatriz, tinha que chamar Maria Eugênia? Mas como era mesmo um nome muito grande e pomposo para uma criança acabei ficando Marô, apelido que conservo até hoje tanto em casa quanto no ambiente profissional causando às vezes surpresa para muitos – Quem é Maria Eugênia? É a Marô.

Ser diferente é uma questão que sempre me acompanhou, diferente tanto no sentido de não me enquadrar perfeitamente no mundo, quanto no de querer fazer alguma diferença no mundo. Desde pequena que ouço que sou do plano espiritual, que sou iluminada, isso porque nasci depois de 11 anos e depois de dois abortos da minha mãe que não conseguia ter outro filho. Esta diferença de idade fez com que minha irmã Sylvia se achasse também um pouco minha mãe, me levando para todos os lugares, como as aulas de natação para que eu aprendesse a nadar, como ela gosta de lembrar. Uma vez uma médica homeopata me disse que já nasci com a responsabilidade muito grande de “dar certo” e isso às vezes pode ser um grande peso. Minha mãe diz que durante toda a gravidez ela frequentou um Centro Espírita, daí a história do plano espiritual.

Paulistana, sempre fui uma criança de cidade, de apartamento, mas com um gosto pelo mato, pela “natureza”, uma das minhas primeiras lembranças de um contato mais próximo com o ambiente é de quando eu tinha 5 anos e nos mudamos para uma casa em Petrópolis, no Rio de Janeiro, lembro-me de correr pelo gramado, num quintal enorme para o meu tamanho, gritando:

- O Sol, O Sol, Olha o Sol! Foi nesta casa que ganhei meu primeiro cachorro, o Billy, no meu aniversário de sete anos, meu pai vinha trazendo pelo braço um cachorrinho todo preto com uma

mancha branca no pescoço. Sempre tive verdadeira paixão por cachorros, de agradar todos da rua e de levar comida para os que moravam na rua também, paixão que me acompanha até hoje.

Com sete anos meus pais se separaram e eu aprendi a conviver com as duas casas e duas vidas muito distintas. Meu pai se casou de novo e foi morar no Rio de Janeiro e isso fez com que a cada quinze dias eu viajasse sozinha de avião para a cidade maravilhosa com aqueles envelopes de *“Menor desacompanhado”* no pescoço. Achava que para viajar tinha que ter uma roupa especial, então vestia minha saia comprida, botas brancas e chapéu branco e uma bolsa azul e branca para levar os livros e alguns brinquedos. Aprendi a gostar do Rio com meu pai, passeávamos muito na cidade maravilhosa e aqueles finais de semana eram muito especiais. Sempre participei do mundo dos adultos, mais do que do das crianças, as conversas, as brincadeiras eram mais com os adultos ou sozinha. Fui uma criança sem limites e dei muito trabalho, mas depois fiquei muito calma como todos gostam de dizer.

A mudança é algo que sempre esteve presente em minha vida, dos cinco aos sete anos morei em Petrópolis, no Rio de Janeiro depois voltei para São Paulo, dos 13 aos 17 fui morar em Portugal com meu pai que tinha ido tentar um novo negócio na Europa. Quando meu primeiro filho, Gabriel, nasceu, achamos que era hora de sair de São Paulo e buscar o sonho da casa com grama novamente e foi então que nos mudamos para Campinas, depois com o segundo filho, Lucas mais uma mudança de casa, ainda na mesma cidade e, mais recentemente, a aventura de morar um ano nos Estados Unidos num estágio de doutorado-sanduiche que faz parte da história dessa pesquisa. Agora de volta à Campinas, numa nova casa, com grama, cachorro e um quintal para as crianças brincarem.

Sempre gostei muito de escrever e de ler, aos sete anos ganhei um concurso de redação sobre o tema *“Meio Ambiente”* na escola, em que eu falava dos problemas da degradação ambiental ao derrubarem as árvores para construir prédios na cidade de São Paulo.

Em Portugal, já com 15 anos, montamos uma *“Acção Ambientalista”*, uma iniciativa para lidar com os problemas ambientais da Escola Secundária de Cascais como a questão do lixo. Trabalhávamos em parceria com uma ONG maior, a *Quercus*, presente até hoje no cenário ambiental de Lisboa. Neste contexto coordenei um projeto local de diagnóstico do lixo do mar,

íamos coletar e analisar o lixo da praia do Guincho em pleno inverno de janeiro. Atividade esta que me fez perder alguns amigos e ganhar outros, é claro. Sempre gostei de estar à frente de iniciativas que tivessem um objetivo maior e a questão “*ambiental*” sempre fez parte da minha vida. Sempre gostei de estar em grupo, de pertencer a algo que estivesse ligado a uma causa coletiva, e a vivência num país estranho me fez participar de muitos grupos – grupo de jovens da Igreja, grupo de teatro na escola, ONGs (organizações não governamentais) e projetos diversos. O dom de conseguir mais gente para tais iniciativas sempre esteve presente, acho que me sairia bem como vendedora, anunciante, mas acabei me tornando uma Educadora Ambiental.

Uma vez escrevi que sou bióloga de formação e educadora de coração, frase que eu acho que me define bem, pois já tive diversas experiências profissionais que tiveram a Educação muito presente, como um objetivo maior, uma escolha e até mesmo uma vocação. A escolha da faculdade de Biologia veio num momento muito difícil na minha vida, sempre quis fazer Medicina para ajudar as pessoas, o cuidado, principalmente com os mais velhos, era algo que me atraía muito. Depois de acompanhar meu pai num tratamento de câncer e vivenciar mais de perto o ambiente hospitalar, achei que aquilo não seria para mim, muita sensibilidade para lidar com tanta dor e frieza, foi então que descobri o curso de Biologia, era o ano da ovelha Dolly (1998) e a carreira parecia muito promissora. Lembro de uma conversa com meu pai, quase já perto da sua partida, em que ele me disse que eu não precisava ser médica, mas que deveria ser feliz, isso foi o que eu precisava para tomar a decisão e no mesmo ano em que meu pai faleceu eu entrei na Faculdade de Biologia da USP.

Meu pai foi e é até hoje uma figura muito importante na minha vida, químico e microbiologista ele acabou mudando de profissão ao se decepcionar com a Indústria farmacêutica multinacional e se tornou empresário com mais de 40 anos. Parece que ele sempre soube que morreria cedo, pois me falava coisas sobre a vida, os valores e as questões complexas desde minha mais tenra idade, talvez por isso sempre me considerei mais velha do que minha idade real. Do meu pai herdei o gosto pelas perguntas, e também pelas conversas, longas que nos levavam a lugares muito distantes. Conversávamos sobre tudo: Física, Química, Astronomia, Filosofia e as grandes questões da humanidade, sempre que vinha com uma pergunta ou pedia alguma ajuda na lição de casa, ele me trazia pelo menos mais três, e me fazia pensar mais além.

Foi em Portugal, durante a convivência mais próxima com meu pai que tive a oportunidade de conhecer autores como Fernando Pessoa e Florbela Espanca e aprender mais sobre os poetas brasileiros como Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes, através do grupo de Teatro da escola e de um Recital de poesia luso-brasileiro que organizamos por lá.

O Teatro sempre foi uma grande paixão, assim como a Literatura, tinha um caderno de poesias onde gostava de copiar os versos mais bonitos e de vez em quando me arriscava em alguns escritos. A escrita e a leitura sempre me trouxeram muito conforto, com a oportunidade de morar fora criei o hábito de escrever cartas para os amigos, algo que tento manter até hoje, mesmo com as tecnologias mais modernas.

Na faculdade, comecei a perceber que gostava mais de gente do que dos bichos e plantas, mas considerava-os igualmente importantes. Num primeiro estágio no ICB – Instituto de Ciências Biomédicas, estudando o “rotavírus”, percebi que o que mais me atraía no laboratório era a vista, lá do alto que dava para a Matinha da Biologia. Foi nesse período que descobri a Educação Ambiental, como possibilidade de integrar os dois mundos, no estágio na *Comissão de Visitas*, recebia escolas da rede pública para conhecer a maravilhosa Biologia da USP de forma a traduzir um pouco do que se faz lá de forma mais acessível a todos e todas.

Mas foi num outro projeto de extensão universitária, onde pude praticar a interdisciplinaridade e vivenciar a realidade de uma comunidade, o **Projeto Carapuruhy** foi a minha grande e primeira experiência de Educação Ambiental na Comunidade 1o de Maio, em Carapicuíba, SP integrando a dimensão social a ambiental num trabalho com crianças e jovens para ampliação do repertório cultural e melhoria do ambiente local. Ali entendi a complexidade da questão socioambiental, da dificuldade em falar de ambiente quando as condições de vida mais básicas ainda não foram alcançadas e de sua importância, ainda maior, neste contexto.

Foi num encontro na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), promovido por Gabriel Feltran para a renovação do grupo, que eu conheci o projeto e de lá não saí mais, montamos uma equipe interdisciplinar, com estudantes de diversas áreas – Letras, Arquitetura, Ciências Sociais, Administração, Geografia, Artes e conseguimos recursos do Fundo de Cultura e Extensão para uma Projeto de Educação Ambiental. Aos domingos fazíamos oficinas com as crianças e jovens no

local e proporcionávamos visitas aos centros de referência em Educação, Cultura e Lazer da cidade de São Paulo. Foi lá que desenvolvi meu trabalho de Iniciação Científica, queria estudar a percepção ambiental, entender como as crianças daquele lugar se relacionavam com o ambiente em que vivem e foi então que descobri o Professor Marcos Ferreira Santos, na Faculdade de Educação, que me disse que o meu projeto era possível e me apresentou o referencial do Imaginário como possibilidade de entendimento desta relação homem-ambiente, numa perspectiva antropológica, em que a natureza também faz parte da cultura. Além de uma orientação, foi um encontro de almas, desses raros que acontecem em nossas vidas. Comecei então a ler Bachelard, Durand e todos esses autores, trabalhando a imaginação material das crianças em jardins feitos com pedras, terra, e saco de lixo azul para ser o rio, resgatando a poesia e despertando o olhar para o ambiente.

Conseguimos com este projeto levar os melhores colegas e profissionais da Faculdade de Educação e da USP para a Comunidade 1o de Maio em Carapicuíba, proporcionando oficinas de Bonsai, Ikebana, Contação de Histórias, Teatro, Cinema, Argila e Cultura indígena, Cultivo de jardins, Mosaico, dentre outras. Algumas vezes éramos só nós, as meninas da USP, Giuliana, Mariana e eu chegando num carro simples, era a “USP chegando” como as crianças gostavam de falar quando vinham correndo nos receber. Além das oficinas, um dos objetivos do projeto era ampliar o referencial das crianças e jovens para que conhecessem outros ambientes além do que estavam acostumadas, lembro-me da felicidade dos meninos ao rolarem no gramado verdinho do Jardim Botânico de São Paulo e da trilha pelo túnel de bambu. O sonho deles, como eles pintavam nos desenhos era ter um campo de futebol verde e gramado e podia-se ver montanhas e colinas azuis em seus desenhos da comunidade, nos mostrando que o nosso imaginário pode sim ter uma função equilibradora.

Esta experiência do *Carapuruhy* eu pude apresentar no Canadá em Montreal, Quebec, numa conferência sobre Educação Ambiental, era um treinamento para lideranças ambientais ITEL (*International Training Environmental Leadership*) em 2002 – organizado por uma ONG que proporcionava este intercâmbio de saberes. Visitamos centros de referência, museus interdisciplinares e conhecemos os trabalhos inovadores na área de Educação Ambiental por 15 dias entre Toronto e Montreal.

Desta experiência caminhei para o mundo das ONGs e das periferias de São Paulo, sempre buscando uma conexão entre as questões sociais e ambientais, Jardim Ângela, Grajaú, Cidade Tiradentes, Guaianases, comecei também a dar palestras num programa de reciclagem e muitas vezes andava mais de três horas de ônibus, trem, metrô para dar uma palestra de uma hora, foi assim que conheci São Paulo e a realidade das periferias e entendi na Educação uma porta de entrada para a Educação Ambiental, com foco no local, na comunidade, no bairro.

Sempre que possível transformava uma palestra numa Oficina ou num Mini-Curso para aproveitar mais, afinal era tanto que precisava ser trabalhado! Nesse período, desenvolvi um trabalho na FEBEM de Mogi Mirim que foi extremamente marcante e vale a pena ser registrado aqui. Após assistir ao filme *“Ilha das Flores”*¹, discutimos as questões ambientais e pedi para que os meninos desenhassem algo que tivesse chamado a atenção no filme. Como eles tinham oficinas de costura e pintura em tecido, resolvemos fazer uma colcha de retalhos em que cada um pintou um pedaço do tecido e depois costuraram todos os pedaços formando um tecido maior. Como era final de ano, eu trouxe comigo o tecido grande e coloquei numa moldura para dar de presente aos meninos, ao chegar lá na festa de final de ano com o presente a alegria foi imensa, percebi a importância de se trabalhar a questão da autoestima, afinal todo o processo criativo é interno e externo, sempre.

Trabalhei com Inclusão Digital na formação de educadores, integrando os princípios da pedagogia de Paulo Freire com as tecnologias da informação e comunicação e suas possibilidades, em que os educadores tinham que desenvolver projetos nas suas comunidades de modo a trabalhar questões de Informática e Cidadania.

No mestrado participei de um Projeto Interdisciplinar e internacional sobre metodologias para ampliar a participação da população na gestão da água em Parelheiros, sub-bacia da Guarapiranga, estudando as metodologias do Jogo de Papéis para negociação de conflitos ambientais, sempre com o intuito de propiciar uma tradução dos termos técnicos e de difícil entendimento numa linguagem mais simples e acessível a todos e a todas, promovendo uma

¹ Ilha das Flores, filme de Jorge Furtado (1989, Brasil)

formação para a participação. Neste projeto tive a oportunidade de vivenciar na prática os desafios do diálogo e da interdisciplinaridade no meio acadêmico e interinstitucional, uma vez que o projeto previa a participação de instituições diversas, desde à universidade até ONGs e outras instituições públicas da área ambiental.

Trabalhar no SESC foi um grande aprendizado, mais uma vez na área da Cultura, integrando os saberes – Cultura, Educação, Lazer e Ambiente, num ambiente privilegiado como o SESC Interlagos. Creio que fui selecionada em meio a muitos artistas por conta da minha formação e experiência em Educação, um diferencial que eles valorizavam. De repente me vi coordenando a área de Dança e colocando na Programação do SESC Interlagos um espetáculo do Balé Cisne Negro com o teatro lotado a preços acessíveis a população local. Uma experiência marcante que tive neste período foi participar da concepção e organização de uma exposição sobre Guimarães Rosa, e a obra do Grande Sertão Veredas, utilizando o ambiente da unidade como cenário para que o público em geral pudesse conhecer um pouco da obra no sentido de que o *“sertão é dentro da gente”*. A Coordenação dos Programas Educativos da unidade: Curumim e Programa Viva o Verde, que recebia as escolas para um contato com “a natureza” exuberante do local foi também uma experiência desafiadora. Apreendi muito de Arte e reconheci algumas de minhas práticas de Educação Ambiental como exemplos de instalações e obras da Ligia Clark, que buscavam a percepção e a sensibilidade ambiental.

Com o nascimento do Gabriel, mais uma grande mudança na minha vida e a opção de largar o trabalho com “carteira assinada” por uma forma de trabalho mais autônoma, trabalhando em casa na produção de materiais didáticos e paradidáticos e por consultorias que me permitissem a amamentação exclusiva até os seis meses do bebê e um horário mais flexível nesse começo de vida. A parceria com o companheiro Tarcísio tornou essa opção possível e viável e com isso veio a mudança para Campinas.

Aqui vale destacar que o Tarcísio, meu marido querido e companheiro nesta jornada, eu conheci num lugar maravilhoso também, daí a importância dos lugares na minha vida. A Ilha do Cardoso, estava lá há três meses num estágio do Parque Estadual convivendo com a população local e realizando atividades educativas quando o Tarcísio chegou em pleno sábado de carnaval, veio como um “engenheiro disfarçado de biólogo” com um chapeuzinho de sertanejo do Vale do

Jequitinhonha, sua terra natal que eu tive o prazer e o privilégio de conhecer. Ganhei um namorado, um marido e uma família mineira espalhada por todo o Brasil, muito acolhedora que, como eu, gosta de um bom café e de uma boa prosa.

E com o Gabriel, o aprendizado de vivenciar e praticar os valores e fundamentos da Educação Ambiental no dia a dia da maternidade, nesse processo de aprender e ensinar a olhar o mundo de uma forma diferente, percebendo as árvores, as flores, o céu e as estrelas.

Gabriel sempre me acompanhou nas primeiras aventuras profissionais desta nova fase da vida, neste período fomos para a Acorde, Associação sem fins lucrativos no Jardim Tomé, Embu que promove oficinas e atividades para crianças e jovens da região. Tive a oportunidade de formar o educador ambiental, jardineiro querido, Sr Luiz e o grupo de jovens do Projeto Paisahorta, proporcionando um entendimento das questões da Educação Ambiental e do Ecomercado na região como possibilidades de trabalho. Com uma parceria com a empresa *Canoar*, conseguimos uma vivência de Rafting para a turma e na volta ouvimos do Rafael, um menino de 17 anos que aquele dia tinha sido o melhor de toda a sua vida! Posso dizer que para mim também foi um dos melhores, lembro-me de deixar o Gabrielzinho com a minha mãe e seguir para a excursão, era o dia da nossa mudança para Campinas, mas com todo apoio, pude também vivenciar esta experiência renovadora de sentir a força da descida do rio e da água na cara, num lugar lindo de Mata Atlântica, em Juquitiba, tão próximo a São Paulo.

Em Campinas aos poucos fui retomando os contatos pelo interior e foi aí que entrei na OCA, Laboratório de Educação Ambiental e Políticas Públicas, coordenado pelo professor Marcos Sorrentino na ESALQ, em Piracicaba, em 2010 cursei uma disciplina como aluna especial, já com o intuito de retomar os estudos, e começar a esboçar um possível projeto de doutorado. Participei da seleção da UNICAMP, mas não fui aprovada, talvez o projeto ainda não estivesse bom ou talvez fosse muita ousadia tentar o doutorado em Antropologia. A proposta seria estudar a percepção ambiental na Ilha do Cardoso, comunidade do Marujá, a partir da experiência que vivi naqueles três meses de estágio, onde ouvi de um professor primário que mandava as crianças fazerem cópias de livros, porque lá não tinha nada, e lá fora da sala de aula, estava todo aquele manguezal exuberante, a restinga, aquela biodiversidade incrível num dos maiores fragmentos de Mata Atlântica do Estado de São Paulo. Realmente não basta ter olhos para ver, é preciso saber olhar

e essa, ao meu ver, é uma das grandes tarefas da Educação Ambiental, ensinar-nos a olhar a beleza e os desafios do ambiente que temos bem ao nosso alcance.

Em 2008 comecei a dar aulas no SENAC SP, no curso de Especialização em Educação Ambiental assumindo a disciplina – *Métodos e Técnicas de Sensibilização para Mobilização e Participação*, ensinando e vivenciando através das práticas os conceitos que podem tornar a nossa Educação Ambiental mais efetiva diante dos grandes desafios que enfrentamos. Durante 4 anos, foi uma experiência significativa, o contato com educadores e educadoras de áreas diversas com o objetivo de se tornarem educadores e educadoras ambientais. Mas ao final dos quatro anos, senti que estava me repetindo e que era necessário alçar novos voos, estudar mais a fundo os fundamentos da Educação Ambiental na construção desse território de sentidos, entendendo-a como uma educação do sensível.

Em 2009, com a chegada do pequeno Lucas, mais uma mudança que veio me mostrar o verdadeiro sentido da palavra imponderável, algo que não podemos prever, mas que temos que aceitar como parte de nós e da nossa vida. Lucas foi um bebê malabarista que dava voltas e voltas na minha barriga, mudando constantemente de posição até a hora de nascer. Um menino de bem com a vida que gosta de sorrir e de pular e requer minha total atenção e presença, com ele aprendo a ser menos mental e mais presente.

Em 2010, quando ele já estava grandinho, com 1 ano, achei que era hora de partir para mais um desafio, o do doutorado e foi nesta mesma época que descobri o “*Art of Hosting*” (*Arte de Anfitriar Conversas Significativas*), um conjunto de métodos que trazem a conversa como ponto principal das nossas ações, o modo pelo qual as coisas são feitas e as decisões são tomadas, desafiando nossos modelos mentais a que estamos acostumados e trazendo possibilidades de inovação e mudança social.

Deixar a casa para um treinamento em forma de imersão por 4 dias não foi uma tarefa fácil, mas com a ajuda de todos consegui, fui e dormi sozinha por três noites, conseguindo voltar a ler um livro inteiro numa só noite. Redescobri os “*Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*”, de Regina Machado e nele escolhi a história do rio que queria chegar no mar, ou “*A Lenda das Areias*” para contar na manhã seguinte na “dinâmica” que iria facilitar com o

grupo sobre o poder das histórias e a Investigação Apreciativa, um dos métodos que estávamos aprendendo.

A história foi extremamente significativa para o grupo e ao final do curso a minha narração fez parte do vídeo da colheita final, e eu redescobri a minha voz e vislumbrei nestes “novos” métodos de diálogo, um caminho para enfrentar os desafios da nossa Educação Ambiental.

Logo no primeiro círculo de apresentação fomos convidados a responder a seguinte pergunta – *O que parte o seu coração?* E a medida que todos foram falando alguns começaram a chorar e a expressar suas mais profundas emoções e até o desespero de não conseguir responder à pergunta por uma anestesia, talvez, uma crise de falta de sentidos ou de conexão. Percebi então que a ferramenta era um jeito de acessar lembranças mais antigas e um modo mais autêntico de expressar nossa humanidade através de algo que nos é peculiar: o diálogo, a boa conversa. Será que podemos nos tornar anfitriões de nós mesmos para então anfitriar processos? Havia algo de muito antigo, até mesmo ritual naquela forma de encontro, as pessoas falavam de um outro lugar, com mais atenção e mais intenção e mostravam seu lado mais humano e menos automático do que o que operamos frequentemente no nosso cotidiano.

Deixei o curso com o propósito de estudar mais a fundo tais métodos e trazê-los para os processos da Educação Ambiental, conseguir estabelecer as relações entre a importância do resgate desse modo mais humano de ser para uma religação com o ambiente onde vivemos, cuidando das relações humanas e com as outras formas de vida. Como tinha acabado de fazer uma disciplina, como aluna especial, no Instituto de Artes da UNICAMP, do Professor João Francisco Duarte Júnior, que trazia a questão da Educação dos sentidos e o conceito de *anestesia*, ou “crise dos sentidos”, consegui tecer um projeto sobre a construção de um território de sentidos.

Neste mesmo tempo, minha querida amiga Isabel (outro encontro de almas) me apresentou a proposta de um projeto de Formação no Embu das Artes, município tão querido, desde 2004 quando tive a feliz oportunidade de integrar a equipe da *Agenda 21 Escolar de Embu das Artes* e desenvolver um projeto comprometido e realmente transformador para nós e para as escolas da região. Agora o desafio era a APA Embu Verde, uma Área de Proteção Ambiental

recentemente criada por uma Lei Municipal, mas que precisava ser conhecida e reconhecida como tal, vivida e sentida pelos moradores locais, pelo poder público e por todos os atores que fazem do município seu palco de atuação. Desta vez os desafios da conservação ambiental se chocavam com os do desenvolvimento do município e o diálogo nunca foi tão pertinente em tal ambiente de conflito.

Pronto agora já tinha um projeto: construir um território de sentidos através do diálogo, no âmbito da Educação Ambiental na APA Embu Verde. O meu querido orientador, aquele, desde a Iniciação Científica, que me disse ser possível uma abordagem mais sensível da questão ambiental com base no Imaginário, na percepção, havia aberto uma vaga e, como uma conspiração dos deuses e muito trabalho, eu finalmente fui aprovada no processo seletivo para cursar o doutorado em Educação na FEUSP. Com o projeto, o sonho de morar fora, aprender Inglês de uma vez por todas e, compreender a partir da experiência de Columbus, Ohio, uma cidade comum, “ordinária”, do “Midwest” norte-americano, a experiência extraordinária do diálogo para tratar questões complexas nas mais diversas áreas (Saúde, Administração Pública, Moradia, Segurança Alimentar, Universidade). E então, como uma conspiração do universo, novamente, tudo foi se encaixando, os contatos com Juanita Brown, fundadora do método *The World Café*, através da *World Café Foundation*, a bolsa Capes/Fulbright e até o acolhimento do Professor Abril Trigo, do Centro de Estudos da América Latina, na *Ohio State University* que foi fundamental no processo. Na família, a possibilidade de transferência do trabalho do Tarcísio para um ano em Columbus, Ohio e a disposição dos meninos para mais uma “aventura”. Foi um ano especial, de muitas viagens e muito crescimento para toda a família, aprendemos muito mais do que Inglês, aprendemos a superar os desafios de viver num país estranho, em família, a sorrir e a chorar juntos, certamente voltamos melhores do que fomos, fui para estudar uma metodologia de diálogo e aprendi, mais do que um método ou uma técnica, mas sim uma forma de se estar na vida e entendi que tudo começa com a gente, numa constante caminhada, ou melhor, numa prática. Uma das experiências marcantes desta viagem, quem sabe a melhor que tive nesta temporada, foi a de participar de um seminário promovido pela *Fulbright* sobre Empreendedorismo Social em Portland, Oregon e encontrar pessoas de 72 países, nunca imaginei que pudesse viver uma experiência tão maravilhosa como esta, todos os países ali reunidos e

representados naquelas pessoas tão especiais. E eu ali, conversando com todos, em Inglês, a língua que nos permitia esse encontro. Aprendi tanto sobre a África como nunca sequer havia estudado em nenhuma aula de Geografia, foi um momento de grandes encontros, encontrei duas pessoas com o mesmo nome que o meu: Eugénie (de origem francesa), da Burkina Faso e Ieugen, da Croácia (Eugênio, em grego), Eugénie me disse que no seu país, que é considerado um dos mais pobres do mundo e portanto, torna-se alvo de muitos projetos do Banco Mundial, as pessoas não se consideram pobres: - *Você sabe que é engraçado, quando perguntamos para aquela pessoa de vida simples se ela se acha pobre, ela diz não, tenho minha casa, meu marido, minha família, temos comida então não me acho pobre!* Impossível conter as lágrimas durante a nossa conversa, imaginar a vida daquelas pessoas que estavam ali, junto comigo partilhando uma experiência de aprendizado das mais enriquecedoras que já tive na vida. Encontrei também um colega do Chade, um país que conheci, ou melhor, ouvi falar pela primeira vez durante a Rio + 20, pois sua delegação estava lá para alertar os chefes de estado sobre a situação de escassez de água, o lago Chade, um lago do qual dependem 6 países estava quase secando por conta do desmatamento e de práticas insustentáveis. Perguntei a ele sobre a situação do seu país e ele me disse, com um sorriso no rosto, que estava melhorando. E o colega de Comoros que eu cismava em dizer que conhecia porque o Brasil já tinha jogado futebol na copa com a seleção de “Camarões”, - *Não Maria Eugênia, é Comoros, perto do Madagascar, do outro lado, meu país é azul*, ele me disse enquanto plantávamos árvores numa atividade prática que foi extremamente reconfortante e me fez sentir de novo o cheiro da terra, afinal estava há quase 10 meses sem mexer na terra, sem sentir a delícia de plantar árvores, tudo isso para entender que às vezes precisamos ir tão longe para perceber o que realmente importa.

De volta ao Brasil mais uma surpresa, que viria trazer a maior mudança em nossa vida, me vi grávida pela terceira vez, do Antônio que quis vir ao mundo aos 7 meses, para completar seu desenvolvimento aqui fora neste mundo e assim nos ensinar a crescer e amadurecer juntos. Antônio veio para nos mostrar o essencial em nossas vidas, a força que eu não imaginava que teria, a energia que brota do cansaço extremo, a determinação e o guerreiro que há em cada um de nós. Com ele experimentei os maiores desafios de saúde, as situações-limite entre a vida e a morte, momentos de profunda solidão, total falta de acolhimento e ausência de diálogo com os

“doutores” que por serem “professores da Unicamp” não podiam ouvir com atenção as indagações das mães da UTI...e, ao mesmo tempo, encontros preciosos, alegrias profundas e amizades construídas na ajuda mútua e no compartilhar de cada vitória diária. Tudo isso tem feito de mim uma Marô mais autêntica, menos espiritual e mais encarnada, com ele aprendo a cada dia e os desafios de criar os três meninos e escrever a tese estão em cada uma dessas páginas. Com o pequeno Antônio descobri a prática da meditação que tem me trazido uma paz interior no meio do turbilhão diário, o anfitriar a mim mesma para então anfitriar os outros, a mudança interna andando junto com a mudança externa. Assim temos caminhado neste último ano de pesquisa....

Não vê que isto aqui é como filho nascendo? Dói.

Dor é vida exacerbada. O processo dói.

Vir-a-ser é uma lenta e lenta dor boa.

É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar.

E o sangue agradece. Respiro, respiro.

Clarice Lispector (1973)

INTRODUÇÃO

A LENDA DAS AREIAS²

Era uma vez um rio, um pequeno fiozinho de água que um dia nasceu no pico de uma montanha muito alta. Pois nem bem nasceu, aquele riachinho cismou que queria conhecer o mar. E foi descendo a montanha, curioso com tudo que via pelo caminho. Foi crescendo, ganhando mais água, foi virando um rio de verdade. Depois de um tempão, chegou ao pé da montanha e deu de cara com um montão de areia. Olhou para um lado, areia. Olhou para o outro, areia. Olhou para a frente, areia. A perder de vista, por toda parte, um grande deserto. Não havia outro jeito. Para chegar até o mar, lá longe, ele tinha que atravessar aquelas areias. Ele bem que tentou, mas por mais que se esforçasse, não conseguia seguir adiante. Suas águas se afundavam nas areias. Quanto mais força ele fazia, mais para dentro delas ele era levado. Então uma voz, vinda das areias, falou para o rio:

- Assim você nunca vai alcançar o mar. O único jeito é deixar que o vento transporte você até lá.*
- Como assim? – disse o rio muito espantado. – De que maneira o vento poderia fazer isso?*
- Primeiro, você se transforma em vapor e o vento carrega você para o céu em forma de nuvem; depois, a nuvem vira chuva e é nessa forma de chuva que você cai no mar.*
- De jeito nenhum – disse o rio. – Se eu deixar de ser rio, quem pode garantir que vou ser eu mesmo, outra vez? Deve existir outra maneira.*
- Não existe – disse a voz.*
- Eu nunca ouvi nada tão sem sentido como isso que você está dizendo. Como posso arriscar a fazer uma coisa que nunca fiz antes? E se eu virar vapor e sumir? Não posso acreditar em algo que não conheço.*
- Pois se você continuar insistindo em fazer só o que conhece, investindo com toda a força contra as areias, o máximo que vai acontecer, sabe o que é? Você vai virar lama, sem sair do lugar, sem conhecer o mar.*
- Mas eu sou um rio respeitável, não posso virar vapor, assim sem mais nem menos. Demorei muito para formar tanta água, como é que de repente vou deixar de ser o que sou?*
- Você não sabe de verdade quem você é, não adianta ficar repetindo essa lengalenga, tente se lembrar de outra coisa... a não ser que você se contente em se transformar num grande lamaçal, barrento e parado.*

O rio não queria virar lama, isso é que não. Começou a se perguntar, a pensar no que a voz havia dito. Devagar foi se lembrando, talvez algum dia, lá longe, no passado, ele já tivesse virado vapor, não tinha certeza, mas quem sabe?

Ele ficou cheio de dúvidas, com um medo danado, mas uma hora resolveu arriscar. Quando o vento veio chegando, estendeu os braços para ele e então o rio se largou nos braços do vento e virou vapor. Enquanto era levado, durante o caminho para o céu aconteceu de tudo. Ele teve medo, chorou, outra hora pensou que estava ficando louco, que nunca mais ia voltar para o chão. Algumas vezes ele se divertiu, viu coisas maravilhosas, de novo chorou e duvidou de tudo. E assim foi descobrindo tanta coisa que ele podia conhecer e fazer que nem sequer imaginava. Quando finalmente chegou ao mar, como uma chuva grossa e quente, teve uma alegria enorme.

Além de conhecer o mar, que era o que ele mais queria na vida, ele tinha aprendido quem ele realmente era.

² Texto extraído de MACHADO (2004, p. 96-98)

A história do rio que queria chegar ao mar “*A lenda das areias*” é uma boa metáfora do processo de aprendizado. Muitas vezes para aprender algo novo é necessário deixar de lado nossos pré-conceitos e até mesmo o que nós já sabemos para, quem sabe então, perceber quem nós realmente somos. O medo, o desafio são partes inerentes ao processo. E nesse processo a jornada de aprendizagem é também uma jornada em busca do auto-conhecimento (FERREIRA-SANTOS, 2005b).

*Qual o sentido de uma APA (área de proteção ambiental) em plena região metropolitana?
O que parte o seu coração?*

A construção desta pesquisa se dá a partir destas duas perguntas acima enunciadas, de um lado a busca por uma compreensão de como se evidencia o sentido, a razão, a relevância de uma área de preservação ambiental no contexto metropolitano através de um processo educativo e de outro, uma pergunta que me foi colocada no primeiro círculo de diálogo que participei enquanto estudava métodos de diálogo para anfitriar conversas significativas acerca de questões complexas.

A partir de uma pergunta que nos exige uma resposta de maior reflexão e que nos tira do modo automático no qual operamos diariamente somos convidados a contar um pouco da nossa história, ouvindo com atenção e falando com intenção e a nos colocar de forma mais autêntica no grupo.

Por que certos espaços que frequentamos permitem um diálogo mais genuíno, enquanto outros apenas reproduzem um modelo tradicional de educação pautado mais na transmissão de informações e conhecimentos, do que num compartilhar de ideias em busca de uma inteligência e sabedoria coletiva?

Esta pesquisa nasce da busca por um diálogo. Diálogo entre os educadores ambientais, entre os habitantes de uma área de proteção ambiental, entre os diversos campos do saber necessários ao entendimento da complexidade da questão ambiental no âmbito dos processos formativos em Educação Ambiental.

Nasce também da descoberta e da prática de um método de diálogo – o *World Café* como possibilidade de vivenciar um ambiente para que o diálogo aconteça, como uma clareira que

surge na mata quando ocorre a queda de uma árvore e, a partir do desequilíbrio, o equilíbrio vai se restabelecendo novamente aos poucos, de forma dinâmica. O *World Café* como metáfora de uma possibilidade inovadora na prática da Educação Ambiental. Uma metodologia para lidar com questões complexas, uma metáfora do diálogo como forma de interação humana (BROWN, 2001) e da conversação como nosso meio mais básico de existir (MATURANA, 2001).

Nasce ainda da busca de uma abordagem sensível e compreensiva ao tratamento das questões ambientais, sempre com o ser humano no centro para que a mudança possa existir a partir do sujeito que a promove, para que se possa perceber a natureza ao seu redor e se emocionar com ela, para que o território em que se vive possa adquirir um sentido e assim possibilitar uma ligação, uma religação, uma reconexão dos fios que se perderam na nossa “sociedade moderna”.

A necessidade de um aprofundamento teórico e vivencial surge a partir do meu papel de educadora ambiental como anfitriã no processo de formação da APA EMBU Verde e da possibilidade deste profissional (educador ambiental e anfitrião) estar envolvido com o diálogo em busca de uma convivência em outras bases, mais justas, menos desiguais e mais humanas (RICOEUR, 1992)³.

Muito das relações que estabelecemos com os locais por onde passamos ou habitamos depende dos sentimentos que estes lugares provocam em nós, dificilmente iremos depredar ou destruir um lugar que gostamos muito, um lugar importante na nossa vida, os elos afetivos que desenvolvemos com determinados espaços podem ser essenciais em sua conservação e cuidado, daí o necessário conceito de *topofilia* (BACHELARD, 1978; TUAN, 1980; FERREIRA-SANTOS, 2006).

Consideramos que os desafios de conservação ambiental num cenário da região metropolitana de São Paulo só poderão ser enfrentados se houver, ao lado das políticas públicas de conservação, uma ação educativa contínua e permanente, no sentido de recuperar e/ou promover os vínculos dos moradores ao local.

³ De acordo com a chamada “pequena ética” de Paul Ricoeur: “estima de si, solicitude pelo Outro e desejo de viver em instituições mais justas” (1992, p.23).

Neste cenário, a pesquisa investiga o processo de construção de um território de sentidos, percebido e valorizado por todos que habitam esse lugar, através da criação de espaços de diálogo ao longo da área de proteção ambiental (APA Embu Verde), de modo que seja possível aprender e reconhecer a riqueza do patrimônio ambiental a ser conservado e reconhecer-se como parte integrante desse ambiente, adotando-se a perspectiva da Antropologia da Educação (FERREIRA-SANTOS, 2006).

Encontra-se inserida num projeto de formação mais amplo em Educação Ambiental (EA) que teve como base o diálogo, a participação e o envolvimento dos sujeitos locais, intitulado: *Diagnóstico Socioambiental da APA Embu Verde : Educação Ambiental para a sustentabilidade na Bacia do Rio Cotia⁴*, aprovado em 2010 com recursos do FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos), realizado pela organização não-governamental *Sociedade Ecológica Amigos de Embu (SEAE)* em parceria com a Prefeitura da Estância Turística de Embu, com apoio da Universidade de São Paulo (USP).

O envolvimento dos diversos atores, numa comunidade educativa, tendo como base o espaço público da escola, gerou experiências transformadoras e significativas que permanecem no município de Embu das Artes em diversos espaços através dos sujeitos envolvidos ao longo do processo. Os trabalhos realizados na construção das *Agendas 21⁵* locais dos bairros que pertencem à APA Embu Verde (Itatuba, Jardim Tomé e Capuava) destacam diversos conflitos em relação à ocupação desordenada, à especulação imobiliária, à poluição nos córregos causada por despejo de esgoto e resíduos. Ao lado dessas questões, foram também elencados como problemas uma certa ausência do poder público e a falta de participação da comunidade nesta região (FRANCO, 2010).

⁴Projeto de Educação Ambiental financiado com recursos do FEHIDRO, no qual a experiência de formação está inserida, o qual contou com a formação de lideranças locais e com o trabalho de campo para levantamento das espécies vegetais e animais da região da Área de Proteção Ambiental (APA) Embu Verde.

⁵ Agenda 21 Escolar de Embu das Artes foi um projeto de Educação Ambiental desenvolvido no município de Embu das Artes pela Sociedade Ecológica Amigos do Embu (SEAE) em parceria com a Prefeitura Municipal de Embu, suas Secretarias de Educação e Meio Ambiente, e a Diretoria Regional de Ensino de Taboão da Serra e apoio do FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo) nos anos de 2004,2005. Desenvolveu-se um processo de formação de educadores para a elaboração de forma participativa da Agenda 21 Escolar de Embu das Artes e de dez (10) Agenda 21 em 10 escolas da rede pública municipal e estadual (FRANCO, 2005).

Os remanescentes de Mata Atlântica, a intensa rede hídrica e a riqueza de sua biodiversidade fazem do Embu das Artes um município que abriga um patrimônio ambiental de fundamental importância, integrado à Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo. Por estar situada numa região metropolitana de intenso crescimento urbano e fácil acesso devido às rodovias de grande porte (BR116 – Régis Bittencourt e Rodoanel Mário Covas), o município enfrenta enormes desafios para a conservação das áreas verdes frente à pressão do desenvolvimento econômico, especulação imobiliária, crescimento populacional e expansão da mancha urbana.

Por isso torna-se necessário o envolvimento dos sujeitos locais na percepção ambiental e no reconhecimento do território em que vivem, suas riquezas e sua biodiversidade. Conhecer o sentido da nossa ação nos remete à necessidade de uma educação de sensibilidade. Conhecemos através dos nossos sentidos e para perceber o ambiente é preciso despertar os sentidos até então silenciados por uma razão instrumental e por uma crise dos nossos sentidos: a *anestesia* (DUARTE JÚNIOR, 2006):

Portanto, a questão da educação ambiental, implicando numa nova visão – filosófica e científica – acerca de nossas relações com o planeta, pode e deve ter seus fundamentos na educação da sensibilidade humana (...) Aprender a entender e a preservar o ambiente, começando pelo seu entorno mais imediato, passa a ser, pois, tarefa de uma educação do sensível, quando não pela necessidade da beleza que, mesmo inerente ao ser humano, precisa ser despertada e cultivada. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 25)

Conforme preconiza o *Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global* (1992), a Educação Ambiental em meio à crise de valores do nosso mundo deve estimular que as comunidades se reconheçam no seu território e busquem, de forma coletiva, possibilidades para o seu futuro.

Diante desses conceitos e desafios que os conflitos socioambientais nos apresentam é que a metodologia de diálogo – *World Café* utilizada no processo de formação de educadores faz sentido, porque nos permite visualizar e vivenciar a materialização de uma série de princípios, conceitos e valores de um processo educativo que almeja a formação de sujeitos conscientes de

sua realidade e de seu potencial de ação, além de trazer elementos para a análise das relações que se estabelecem a partir do diálogo do ser com o outro no mundo.

Não é uma metodologia nova, segundo as palavras de Margaret Wheatley, o *World Café* nos reapresenta um mundo do qual esquecemos (...) um mundo onde aprendemos que a sabedoria de que precisamos para resolver nossos problemas está disponível quando conversamos em conjunto (WHEATLEY, 2007 *apud* BROWN, 2007).

Os princípios dessas metodologias encontram-se em práticas de conversação que recuperam o sentido de comunidade, num diálogo que busca o envolvimento pleno dos participantes, a inteligência coletiva que emerge do grupo e a criação coletiva de soluções para problemas complexos.

O processo de formação de educadores do projeto Diagnóstico Socioambiental da APA Embu Verde teve como principal objetivo reconhecer e mapear o território em questão num processo de busca por um reconhecimento do local e do papel de cada um e do coletivo neste processo. Os encontros de formação contaram com palestras, oficinas de integração e sensibilização, caminhadas diagnósticas, mapeamento participativo do local e ao final do processo tivemos um grande evento, em forma de diálogo do tipo *World Café*, seguido de um processo de planejamento participativo do tipo *Open Space* (Espaço Aberto) para explorar possibilidades de ação.

O público contou com diversos participantes, em torno de 100 pessoas, profissionais da Saúde que trabalham como agentes comunitários nas Unidades Básicas de Saúde (UBS); professores municipais e estaduais em diferentes níveis, jovens, moradores, lideranças comunitárias, representantes do poder público e da sociedade civil e pesquisadores universitários.

No 1º *World Café* da APA Embu Verde que realizamos durante o processo de formação de educadores foi nítido o envolvimento dos participantes: educadores, agentes de saúde, membros do poder público, moradores, quase uma centena de pessoas dispostas a conversar sobre a importância e os sentidos da APA Embu Verde. Uma das falas foi extremamente significativa: “*Antes do curso da APA eu era apenas uma moradora do Embu, agora eu faço parte do Embu*”.

No entanto, os desafios da efetivação da área de proteção ambiental – APA Embu Verde se tornaram cada vez maiores, diante de um poder público autoritário que só reconhece o valor comercial da área e que está transformando parte da área de preservação em corredor empresarial/industrial. Nossas questões de pesquisa permanecem relevantes: em que medida possível estabelecer um diálogo neste cenário?

Seria este método de diálogo *World Café* e o conjunto de métodos do *Art of Hosting*⁶ (FRIEZE; WHEATLEY, 2011), um caminho ou uma possibilidade a serem explorados no campo da Educação Ambiental? Será que uma das formas de se lidar com os conflitos socioambientais não reside justamente no estabelecimento de um diálogo com os diversos grupos? Em que medida, tais estratégias (ou métodos de diálogo) contribuem para os desafios da Educação Ambiental? Como podemos promover um aprendizado para o diálogo?

A pesquisa traz também um conjunto de entrevistas com lideranças de destaque em diversas áreas (Saúde, Educação, Moradia, Segurança alimentar) que utilizam o *World Café* e a abordagem do *Art of Hosting* para lidar com as questões complexas que enfrentam em seus locais de trabalho em instituições do setor público, universidade, organizações sem fins lucrativos e associações da cidade de Columbus, Ohio nos Estados Unidos.

A efetivação de uma legislação, no âmbito das políticas públicas de conservação ambiental não passaria necessariamente por uma construção coletiva acerca do entendimento comum da importância de conservação deste território? Não teria este território que ser construído de forma coletiva, para que então apropriado, fosse realmente instituído?

Não seria, portanto, papel da Educação Ambiental a construção de um território de sentidos, propiciando a escuta das diversas vozes e promovendo a palavra para a manutenção do patrimônio ambiental e social?

⁶ *World Café* ou Café Mundial é um método de diálogo elaborado por Juanita Brown e David Isaacs para promover conversas significativas sobre questões complexas e de difícil solução (BROWN, 2007). *Art of Hosting* ou A Arte de Anfitriar Conversas Significativas é uma abordagem participativa que compõem um conjunto de métodos e ferramentas tais como o World Café (BROWN, 2007), a Investigação Apreciativa (COOPERRIDER; STAVROS; WHITNEY, 2008) e o Espaço Aberto ou Open Space Technology (OWEN, 2008).

No âmbito da Educação Ambiental, escopo deste trabalho, partimos do pressuposto de que as “questões ambientais” são “questões humanas” e, portanto, questões complexas, uma vez que a natureza está profundamente ligada à cultura. Precisamos de um processo educativo que seja capaz de desenvolver e cultivar um outro modo de ser, uma outra relação, tanto com o ambiente, quanto com cada um de nós.

Em que medida, o método de diálogo *The World Café* pode contribuir com a prática da Educação Ambiental? Quais os elementos presentes na prática do anfitrião (ou anfitriã) que se assemelham à prática do educador ambiental?

Neste sentido, **o objetivo geral** desta pesquisa é:

Compreender o processo de construção de um território dos sentidos através do diálogo

E como **objetivos específicos** temos os seguintes:

- 1. estudar os fundamentos do World Café, como método de diálogo e sua contribuição para a prática da Educação Ambiental**
- 2. compreender o modo de ser anfitrião e como esta postura se relaciona à prática do educador ambiental**

A tese está organizada em quatro capítulos: no primeiro apresentamos o referencial teórico-metodológico que nos orienta nesta pesquisa com destaque para o que entendemos por uma construção do território dos sentidos, da Educação Ambiental entendida como um processo de educação de sensibilidade e o referencial da complexidade de Edgar Morin no que concerne ao enfrentamento de questões complexas. No segundo capítulo, aprofundamos o estudo das metodologias e dos referenciais sobre o diálogo com destaque para o *World Café* e *Art of Hosting* e das entrevistas-diálogo que realizamos em Columbus, Ohio, EUA com o objetivo de compreender os desafios e os elementos fundamentais do modo de ser anfitrião. Ao final do capítulo, tecemos algumas considerações simbólicas sobre os mitos que orientam esta postura do anfitrião e os aprendizados envolvidos. No terceiro capítulo, apresentamos a prática do *World Café* na APA Embu Verde, durante o processo de formação de educadores, destacamos aqui todo o contexto, as questões exploradas e o registro de todo o processo educativo, seguido dos desafios de diálogo dado pelo conflito acerca do zoneamento municipal de Embu das Artes. No

quarto e último capítulo escrevemos sobre os aprendizados das duas experiências (*World Café* da APA Embu Verde no Embu das Artes, SP e o aprofundamento teórico-prático sobre a abordagem do modo de ser anfitrião a partir das conversas com anfitriões em Columbus, Ohio) em busca de orientações para a prática do diálogo nas ações de Educação Ambiental. Finalmente, apresentamos as considerações finais a partir desta leitura do processo no âmbito de uma jornada interpretativa(FERREIRA-SANTOS 2012).

CAPÍTULO 1. OS SENTIDOS DO TERRITÓRIO E O TERRITÓRIO DOS SENTIDOS

FIGURA 1 - FOTO APA EMBU VERDE. FONTE: FRANCO; PELOSINI, 2013

1.1. DE UM ESPAÇO DE FRONTEIRA À CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO DE SENTIDOS

O espaço é um fato, é um cenário que se encontra. O território não é encontrável, ele é uma peça conduzida por atores-autores sociais, que usufrui e modifica o próprio palco. Um mesmo espaço é palco de inúmeros territórios, são territorialidades em disputa, que expressam diferenças de poder, de perspectiva, de desejo e de projeto (BRASIL, 2005, p.2).

A citação extraída do MAPPEA – Mínima Aproximação Prévia para Processos de Educação Ambiental, documento de referência da Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 2005) evidencia o conceito de território que exploramos nesta pesquisa, o qual encontra-se intrinsecamente relacionado às múltiplas concepções de ambiente enunciadas por Lucie Sauvé (2005).

Para compreender o campo que se configura como Educação Ambiental é necessário considerar o conceito múltiplo, complexo e polissêmico dos termos que a constituem: educação e ambiente.

Uma Educação Ambiental que se constitua como campo interdisciplinar composto por profissionais de diversas áreas das ciências humanas, exatas e biológicas, dialogando com os diversos saberes populares e acadêmicos, técnicos e leigos, inserida nos mais diversos ambientes (urbano, rural, conservado ou modificado) nos vários setores da sociedade (escola formal, não-formal, comunidades e instituições).

Para um breve esclarecimento do que se entende por Educação Ambiental, vale lembrar sua inserção como um movimento pedagógico que surge principalmente na América Latina e no Brasil intrinsecamente ligado à crítica social dos movimentos ecológicos, no âmbito da difusão da problemática ambiental na sociedade (CARVALHO, 2002).

Carvalho atribui uma função substantiva ao atributo *ambiental* da Educação Ambiental. Segundo a autora, este termo não é apenas um adjetivo para caracterizar um tipo particular de educação. Neste caso, o atributo assume uma função substantiva ao identificar uma concepção

de educação que surge num contexto histórico determinado pelos movimentos sociais ambientais e sua possibilidade de crítica a uma cultura estabelecida, ou seja, evidencia suas raízes contra-culturais (CARVALHO, 2002).

Segundo o educador Paulo Freire (2007), o conhecimento se dá através do diálogo, é na relação com o outro e na relação com o ambiente que os seres humanos aprendem: *aprendemos em comunhão, mediatizados pelo mundo* (FREIRE, 2007).

A vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica a consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo (FREIRE, 1995, p. 21)

De acordo com Sauv, a trama do meio ambiente a trama da prpria vida, ali onde se encontram natureza e cultura, o meio ambiente o cadinho em que se forjam nossa identidade, nossas relaes com os outros, nosso “ser-no-mundo” (SAUV, 2005, p. 317). Conforme a autora, essencial entender o meio ambiente nas suas vrias dimenses, a saber: (1) natureza, biodiversidade; (2) recurso, gesto; (3) problema, os conflitos deste ambiente, as questes socioambientais; (4) sistema, entendendo a complexidade das relaes e a interdependncia de todos os seres e processos no ambiente; (5) lugar em que se vive, os lugares da nossa vida cotidiana, a casa, o trabalho, a escola; (6) a biosfera, perceber a interligao do ambiente em nvel global, a conscincia e a cidadania planetria e (7) projeto comunitrio, a cooperao, a parceria, a comunidade de aprendizagem e de prtica, o dilogo de saberes (SAUV, 2005).

Diante desses conceitos de ambiente e territrio acima mencionados que se constitui o campo da Educao Ambiental (EA), uma expresso cunhada em 1972, que consiste na busca de uma nova relao entre os seres humanos e o ambiente e acima de tudo, uma educao pautada na leitura de mundo (FREIRE, 2003) e na tica do cuidado (BOFF, 1992).

O processo de formao de educadores que vivenciamos no Embu das Artes, no mbito do projeto “Diagnstico Socioambiental da APA Embu Verde” orientou-se pelos princpios da Educao Ambiental Crtica (SORRENTINO *et al*, 2013) e pelos referenciais da poltica pblica de Educao Ambiental (ProNEA – Programa Nacional de Educao Ambiental (BRASIL, 2005); MAPPEA (Mnima Aproximao Prvia para Processos de Educao Ambiental (BRASIL, 2005) e

ProFEA – Programa Nacional de Formação de Educadores ambientais (BRASIL, 2006), documentos de referência do campo que buscam promover uma educação com base no diálogo, na participação local e na apropriação deste território a ser conservado pelos próprios moradores.

São esses os complexos diálogos que a educação ambiental brasileira promove e se envolve, tecendo laços sociais entre humanos e destes com a natureza. Busca-se processos autônomos de uma conscientização individual e coletiva em favor da sustentabilidade das sociedades, onde o Desenvolvimento seja um processo natural, idiossincrático, peculiar a cada contexto e cuja configuração é desconhecida por todos os sujeitos, ou seja, o futuro não está pré-definido. (BRASIL, 2006, p. 13)

Destacamos aqui algumas ações significativas que tiveram lugar no processo de formação com o objetivo de compreender a importância do processo e os desafios da construção de um território de sentidos, no caso da APA Embu Verde. A caminhada diagnóstica foi uma experiência em que se pretendeu caminhar com intenção e atenção pelos lugares que passamos diariamente, mas não nos damos conta. O que eu ofereço para esse lugar e o que esse lugar me oferece? Foi a pergunta que nos orientou na caminhada diagnóstica, procurando estabelecer um diálogo com o lugar que moramos, mas que conhecemos tão pouco. Um espaço de fronteira foi perceptível numa das ruas por que passamos e que dava para ver a divisão dos municípios, de um lado Cotia, do outro Embu, numa divisão política que muitas vezes nos desterritorializa⁷, ou nos engole, quando pensamos a referência de muitos moradores, do lado de lá, mais urbanizado e povoado que se reconhecem mais com a metrópole de São Paulo do que com o Embu, que é mais reconhecido apenas por seu centro histórico, que caracteriza o município como “recanto das artes”.

Ana Maria, professora da escola estadual do bairro Capuava, moradora do Embu, educadora ambiental que sempre esteve envolvida nos projetos de Educação Ambiental da região, desde os tempos da construção da Agenda 21 Escolar do Embu das Artes relata com

⁷Conceito de desterritorialização (MAGNANI, *apud* FRANCO, 2010)

sensibilidade nas palavras e nos presenteia com um depoimento sincero sobre a nossa caminhada diagnóstica para o reconhecimento da APA Embu Verde.

Ao passar pelo centro da cidade vemos os turistas. Por que concentrar todo o turismo da cidade apenas numa região sem estrutura para receber tanta gente? O barulho dos carros e dos turistas que invadem nossas calçadas, por que não estender os espaços de visita a outros locais? Será possível desenvolver um turismo sustentável? Conhecer a nossa região da APA e apreciar os caminhos das águas? Bairro Ressaca – residências, sítios, chácaras, olarias, extração de areia, fronteiras da APA...lembranças de uma época em que o rio fluía limpo e se podia pescar. Itatuba – pedra de lascas, lugar forte...Região das águas. A extração de minério atraiu muitas pessoas, de lugarejo pequeno passou a grande bairro povoado...é difícil calcular o que a extração da pedra tenha provocado de forma negativa aos rios que ali correm. Atualmente sentimos a pressão do poder público em relação ao verde que ali existe, principalmente com as dificuldades encontradas para implantar uma legislação que vai legitimar a criação da APA. Quem habita o lado de cá (áreas verdes da cidade) convive atualmente com a sensação de que somos diferentes porque queremos preservar o espaço verde da cidade” (PELOSINI; FRANCO, 2013, p. 98).

O que significa a denominação de APA que agora esta região de Embu recebeu?

Como bem coloca a professora Ana Maria, com sua escrita sensível e comprometida em seu trabalho, suas palavras nos dizem que o nosso espaço agora foi denominado APA e, portanto, não é apenas um espaço, mas precisa constituir-se como território, espaço percebido e sentido, espaço habitado.

Segundo o SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) a APA corresponde a uma categoria que visa conciliar a utilização dos recursos naturais com sua proteção, segundo a sua definição:

São porções do território brasileiro e águas jurisdicionais, de configuração e dimensões variáveis, submetidas a diversas modalidades de manejo, podendo compreender uma ampla gama de paisagens naturais ou semi-naturais, com características notáveis e dotadas de atributos bióticos, abióticos, estéticos ou culturais que exijam proteção para assegurar o bem-estar das populações humanas, resguardar ou melhorar as condições ecológicas locais, manter paisagens e atributos culturais relevantes. (BRITO, 2000, p. 69)

Quais as territorialidades em disputa na efetivação da APA Embu Verde? Milton Santos, em suas considerações acerca da dimensão social inerente a toda e qualquer problemática

ambiental, vê no território brasileiro a possibilidade de análise e compreensão das desigualdades sociais do país (SANTOS, 2007).

No caso do Brasil, cuja ocupação territorial capitalista é recente – há apenas 20 anos o país é inteiramente ocupado-, existem ainda áreas onde a necessidade do zoneamento, digamos assim, não é tão forte. Além disso, a tarefa em nosso país é por enquanto impossível, porque a escolha dos bons lugares já foi entregue às empresas. As grandes empresas escolhem os lugares que lhes interessam, deixam o resto para as outras, que vão, na respectiva ordem, escolhendo outros lugares. E o Estado não deseja participar do processo de condenar o disciplinamento do território. Bom, há nessa ordem a oportunidade intelectual e política de nos deixar ver como o território revela o drama da nação, porque ele é, eu creio, muito mais visível através do território do que por intermédio de qualquer outra instância da sociedade. A minha impressão é que o território revela as contradições muito mais fortemente. Se se pudesse falar em um cotidiano nacional, este seria mostrado pelo território (SANTOS, 2007).

1.2. EMBU, TERRA DE CONTRASTES

Neste breve relato da professora sobre nossa caminhada, notamos alguns dos contrastes de Embu das Artes, de um lado a ocupação desordenada, característica de uma cidade-dormitório, de um espaço de fronteira que cresceu em função da grande cidade de São Paulo. De outro, o Embu das Matas, fonte de água, região de manancial que ainda conserva fragmentos de Mata Atlântica, algumas nascentes e uma qualidade de vida superior que atraiu muitas pessoas da grande metrópole em busca de uma vida mais tranquila.

Neste contexto encontra-se Embu das Artes, uma pequena cidade da região metropolitana de São Paulo, cujo território encontra-se 60% numa região de mananciais, composto por três bacias hidrográficas, onde se localiza a APA EMBU VERDE.

FIGURA 2 - MAPA DA APA EMBU VERDE, FONTE: SEAE, FRANCO, 2013

Embu é uma pequena parte de uma das megacidades do mundo, terceira colocada entre as três maiores do planeta, precedidas por Tóquio no Japão e Cidade do México, no México. Nesse contexto de uma verdadeira cidade-região, Embu participa de uma rede de relações sociais, políticas, econômicas e ambientais que conformam um território extremamente dinâmico, em constante transformação. A problemática urbana de Embu não é um caso isolado. Faz parte de uma grande complexidade metropolitana na qual os desafios apresentam-se enormes, proporcionais ao mega sistema urbano no qual se insere (Plano Diretor de Embu, 2002, p. 34).

No contexto de uma cidade-região, Embu das Artes exemplifica um pouco das tensões que lidamos no campo da conservação ambiental no Brasil em relação às áreas urbanas. A APA EMBU Verde ocupa uma área de 15,7 km², localiza-se na porção oeste do município e faz parte

da sub-bacia do Rio Cotia. O município de Embu das Artes conta com uma população de cerca de 200 mil habitantes, sendo a porção leste, da sub-bacia do Pirajuçara, a mais populosa (FRANCO, 2013).

De acordo com a UNESCO, existem 5 Reservas da Biosfera no Brasil. Na Reserva da Mata Atlântica, situa-se o Cinturão Verde da cidade de São Paulo, reconhecido pela UNESCO desde 1994, numa área de 1.540.032 ha que inclui 73 municípios. *As reservas da biosfera correspondem a ecossistemas terrestres e costeiros criadas para conciliar a conservação da biodiversidade com o uso sustentável* (UNESCO).

O Caso da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo adquiriu uma conotação planetária. Existe uma clara tendência mundial durante o século 20, em direção à concentração da população em torno das áreas urbanas, compondo todos os problemas sociais e ambientais que essas zonas enfrentam. Este fenômeno tem posto em cheque as condições de vida nas cidades, especialmente nas grandes cidades. Geração e descarte de resíduos, abastecimento de água e de alimentos, poluição difundida e insalubridade dos ambientes parecem atrair mais incertezas do que controle. (VICTOR *et al*, 2004).

Conforme o artigo citado acima, a Unesco entende o conceito de reserva da biosfera nas zonas urbanas e periurbanas como uma maneira de enfrentar os desafios socioambientais, apresentando, portanto, uma grande importância nestas áreas. O Programa MAB (Homem e a Biosfera) lida com a complexidade deste tipo de ambiente desde 2000.

Os serviços ambientais fornecidos pela Mata Atlântica são essenciais para a gestão de bacias hidrográficas, controle climático, desenvolvimento de espécies alimentícias e medicinais, lazer, ecoturismo e qualidade de vida. No entanto, a região sofre uma grande pressão, desde os tempos da colonização até os dias de hoje, devido ao aumento da população, crescimento econômico, industrialização e poluição (VICTOR *et al*, 2004).

Embu das Artes é uma pequena cidade, reconhecida como município em 1959, tradicionalmente conhecida como terra das artes e das matas⁸, a história da cidade apresenta

⁸ Há relatos de que o Embu nasceu em 18 de julho de 1554. Segundo Márcio Amendola relata no documentário “Embu, Terra das Artes” (SEENHAGEM, 2012) a cidade nasce da aldeia M’Boy dos padres jesuítas. M’Boy significa cobra em tupi-guarani e foi dado por conta da história de um índio que salvou o padre Belchior de Pontes de uma

aspectos similares ao da história do Brasil, uma vez que há relatos da região datados de 1554, quando as missões jesuíticas começaram a colonizar o Estado de São Paulo.

Embu apresenta também uma riqueza cultural muito grande, devido ao movimento de artistas que escolheram a cidade para morar na década de 1960. Assis de Embu, Solano Trindade e muitos outros nomes tiveram papel de destaque no movimento artístico de Embu e no seu reconhecimento como um recanto das artes, que proporcionou até a mudança de nome do município para *Embu das Artes*, oficialmente evidenciando sua vocação e sua história.

O documentário “Embu, Terra das Artes” (SEENHAGEM, 2012) relata de forma poética a resistência dos artistas na conservação do patrimônio e sua luta junto dos ambientalistas para garantir a vocação da cidade. No filme, Renato Gonda destaca o porquê da escolha do município pelos artistas ressaltando a arte e a natureza exuberante como atrativos do local. Atualmente os moradores colocam os desafios de conservação, tanto do ambiente de mata atlântica com os grandes empreendimentos como o Rodoanel, “*o Rodoanel violou, violentou a nossa cidade*”, ressalta um dos depoimentos; quanto da feira de artes e sua tradição do artesanato local em meio à oferta dos artesanatos feitos em série em grande produção, por gente de fora que ocupa o local aos finais de semana.

Outra parte muito importante do Projeto Diagnóstico foi o levantamento de espécies que habitam a APA Embu Verde através do trabalho de campo. Com base nas recomendações do Instituto Florestal, o levantamento trouxe uma riqueza e diversidade de espécies significativa em termos da localização do município em plena região metropolitana de São Paulo. Segundo os dados obtidos pelos pesquisadores, foi registrado a presença de 19 espécies de mamíferos de sete ordens distintas e de 119 espécies de aves de 46 famílias distintas em apenas 72 horas de observação (levantamento), o que é considerado um resultado significativo no que concerne à diversidade e riqueza de espécies. Foi possível registrar a presença de uma onça parda e um gavião pega-macaco, animais que correspondem ao topo da cadeia alimentar, o que significa que todas as espécies da cadeia ainda estão presentes na região, daí a importância de conservação.

grande cobra. Uma outra referência diz que M’Boy vem de Mbeû, que significaria região montanhosa, coisa em cachos por conta do relevo das terras.

Ainda na questão ecológica a região apresenta relevância da manutenção do fluxo de espécies entre a Reserva do Morro Grande, um outro significativo fragmento de Mata Atlântica funcionando assim como um corredor florestal (SOUZA *et al*, 2012).

FIGURA 3 - ILUSTRAÇÕES DE ANIMAIS IDENTIFICADOS NA APA. FONTE: FRANCO; PELOSINI, 2013

1.3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

A construção de um território dos sentidos é uma proposta da Educação Ambiental, pautada pela vivência do território, pelo instante com possibilidade educadora, não como um conjunto de ideias, trabalhado de forma dogmática e normativa, moralizante, mas sim pela possibilidade de encontro pedagógico, do reconhecer o ambiente para nele se reconhecer. Neste contexto, aparece a dimensão estética da Educação Ambiental, como uma educação de sensibilidade que nos permita perceber o ambiente que está a nossa volta, recuperar o olhar sensível para as coisas do mundo, para o re-encantamento do mundo, resgatar a velha educação de sensibilidade (FERREIRA-SANTOS, 2004).

Martha Tristão (2005), em seu artigo: *Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido* analisa a Educação Ambiental em suas três dimensões: (1) ética, no que diz respeito à solidariedade, (2) a política, no que concerne à participação e (3) a estética, relacionada ao olhar e ao re-encantamento do mundo.

Neste cenário, a dimensão política da Educação Ambiental (EA) será analisada posteriormente com base nas reflexões de Maffesoli (2001) acerca do poder e potência, num movimento de tensão entre um poder público autoritário e orientado pela lógica do desenvolvimento econômico (e pelo mito heróico do progresso e do desenvolvimento ainda pautado pela figura de *Prometeu*) e a potência da sociedade civil e de toda a rede de educadores ambientais que desenvolvem trabalhos inovadores de Educação Ambiental numa perspectiva crítica e transformadora.

Embora seja aqui destacada a dimensão estética da Educação Ambiental (EA), é importante ressaltar que as questões éticas (dos valores) encontram-se intrinsecamente ligadas quando refletimos sobre uma perspectiva filosófica.

Nas palavras de Duarte Júnior é preciso resgatar uma percepção estética do mundo, deixando de valorizar somente a percepção prática das coisas do mundo (DUARTE JÚNIOR, 2010). Ampliar a razão para que possa ser incorporado o saber sensível, rumo a uma educação de sensibilidade.

olhar o mundo de modo não utilitário, não centrado no uso e no lucro que tudo pode significar talvez seja o contraponto humanista a esse estado de quase barbárie tecnológica em que vivemos. A percepção poética do mundo constitui um caminho direto para a valorização de nossa existência como seres de sentido, no que há de mais amplamente poético nessa bela palavra da língua portuguesa. Sentido como significado, sentido como referente aos órgãos dos sentidos, sentido como consciência (que é perdida quando se perdem os sentidos), ou mesmo indicando uma direção, um rumo, para chegar ainda àquilo tudo o que é sentido pelo nosso corpo antes de o intelecto disso se ocupar” (DUARTE JÚNIOR, 2010, p. 89).

Duarte Júnior considera que estamos vivendo uma “anestesia”, o que significa uma crise dos sentidos, em oposição a uma “estesia”, que vem do grego “*aisthesis*”, a capacidade humana de sentir-se parte do mundo de forma integrada. Isto é em parte determinado pelo mundo moderno e pela razão instrumental. Precisamos, portanto, despertar os sentidos até então silenciados por uma razão instrumental e pela crise da anestesia. Torna-se necessário desenvolver uma Educação de sensibilidade em busca de uma razão sensível.

O saber sensível, pelo qual se sabe o mundo no modo sensório-perceptivo, foi chamado pelos gregos de *aisthesis*, ou *estesia*, em português. Consiste no mais primordial conhecimento, ajustando e equilibrando nossa ação física sobre a realidade por meio de uma harmoniosa e precisa integração de informações levada a cabo pelos nervos, neurônios, músculos, substâncias químicas e correntes elétricas que constituem o corpo humano. Sobre esse saber primeiro (e as emoções a ele associadas), erige-se então todo e qualquer conhecimento outro que se possa reunir sob a denominação de conhecimento inteligível, como as abstrações filosóficas, as científicas e mesmo as mais mezinhas e corriqueiras reflexões do dia a dia. (DUARTE JÚNIOR, 2010, p.111)

Jorge Larrosa Bondía (2002) em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” orienta-nos a pensar a educação em sua vertente da experiência/sentido, uma vez que a experiência é tanto o que nos acontece, quanto o que nos ajuda a dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. O autor faz ainda uma oposição entre esta experiência e o caráter ainda cartesiano do experimento em que o sujeito não está implicado, bem como uma oposição entre os elementos que compõem o sujeito moderno e o sujeito da experiência.

Marcos Ferreira-Santos (2010) nos lembra dos fundamentos antropológicos da arte-educação, mostrando que a Educação pode ser entendida como obra de arte, no sentido de uma arte-sã, que através da experiência, da *estesia*, do contato com o mundo proporcionado pela dimensão estética possa ser um *pharmakon* (re-mediação das dimensões esquecidas) de forma a resgatar a sensibilidade perdida nos educadores e nos educandos.

Esses conceitos apresentados auxiliam-nos na compreensão do conceito de um território de sentidos, utilizado nesta pesquisa. A pergunta reside na possibilidade de desenvolver uma relação diferente entre nós e o ambiente numa abordagem distinta a partir do entendimento do processo educativo com base no diálogo e não na dominação.

O saber sensível: aprendemos o mundo através dos nossos órgãos do sentido, antes de ser um conhecimento inteligível, o mundo é tomado como saber sensível – retornar às coisas mesmas, ao mundo vivido conforme as postulações fenomenológicas de Maurice Merleau-Ponty apropriadas e apresentadas nas reflexões tanto de Duarte Júnior como em Ferreira-Santos.

Numa perspectiva antropológica da Educação, a relação do ser humano com o ambiente é, portanto, uma relação complexa, estabelecida através de símbolos e representações. O ser

humano descobriu um novo método de adaptar-se ao seu ambiente, criou um sistema simbólico através da linguagem, do mito, da ciência, da arte e da religião. Nessa perspectiva, o ser humano deveria ser definido como um “animal symbolicum” (CASSIRER, 1994) e de cujo diálogo é a forma privilegiada de comunicação de seus sistemas simbólicos.

De acordo com Ferreira-Santos, o diálogo é a condição primeira do conhecimento: descobrir e descobrir-se no Outro numa relação do Ser – com o Outro – no mundo (FERREIRA-SANTOS, 2001).

Nesta perspectiva, a conservação ambiental não é nada mais do que a conservação da própria espécie humana e afirmar a vida é sair do antropocentrismo e reconhecer o valor da vida do ser humano e de todos os seres vivos que também tem o direito à vida num ecossistema mais amplo.

Falar em Educação Ambiental é pensar nos fundamentos filosóficos do pensamento ecológico (UNGER, 1992), no sentido de uma ética das relações humanas e desta com o ambiente.

Nas palavras de Leonard Boff:

O ethos seria proteger a vida a partir de quem mais precisa de vida, não só em escala humana, mas de tudo o que existe, do que é, que se move, de todo o ser. O desafio de nossa ética, hoje, não seria tanto criar atos preservativos, mas uma atitude fundamental que vire cultura, em que isso penetra todos os poros. Todas as práticas humanas em sua diferenciação vêm imbuídas da veneração, da afirmação da vida a partir de quem mais precisa da vida, de quem mais precisa da existência e desse cultivo da veneração de todo ente (BOFF, 1992, p.44).

Para Leonardo Boff, é o pensamento de São Francisco de Assis, que conseguiu no seu *Sermão da Montanha*, num momento *trágico* de profundo sofrimento e doença, reconhecer a existência do Irmão sol, da irmã lua, colocando todos os seres em igual condição de existência e colocando o ser humano no *mesmo húmus comum de irmãos e irmãs, na grande casa do Pai* (BOFF, 1992, p.76). Essa experiência rompe com a lógica de dominação descrita no Gênesis e da tradição do homem como senhor da criação.

São Francisco, segundo Boff, *realizou uma síntese entre a ecologia interior e a ecologia exterior, isto é, atingiu o nível de ecologia profunda que une o exterior e o interior; a natureza não*

é só algo que está lá fora e lá dentro, mas está aqui dentro na forma de símbolo, de mito, de significações carregadas de valor (BOFF, 1992, p.78).

Aqui percebemos um paralelo com o que Guattari chamou de ecologia profunda em seu livro “As três ecologias”, numa abordagem filosófica da questão ecológica, que neste contexto pode ser entendida como sinônimo da questão ambiental. Para este autor, são três as ecologias: a ambiental, a social e a mental, as quais deveriam ser integradas numa disciplina comum ético-estética (GUATTARI, 2001).

O princípio comum das três ecologias consiste, pois, em que os territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiteraões estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo “habitável” por um projeto humano. E essa abertura práxica que constitui a essência desta arte da “eco” subsumindo todas as maneiras de domesticar os territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade (GUATTARI, 2001, p.37).

Os territórios existenciais que nos fala Guattari só podem ser acessados quando me ponho em comunhão com o ambiente em questão, quando, por uma suspensão momentânea da razão, e de toda ordem de valores morais pré-estabelecidos, questiono-me sobre o real valor das coisas. Nas palavras de Alberto Caeiro: a Natureza, que é “partes sem todo” e só pode ser percebida por seus elementos (partes) e o valor de seus elementos não pode ser julgado sob a nossa tradicional escala de valores.

*Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam
Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro*

*É uma doença das nossas idéias.
A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.
Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.*

Alberto Caeiro (1914)

Qual a escala de valores que me permite dizer que uma indústria vale mais do que um remanescente de floresta? Que um corredor industrial vale mais do que um fragmento de mata atlântica em plena região metropolitana?

Qual instrumento de medida estamos utilizando para chegar nestas considerações?

Qual razão estamos utilizando? A lógica da razão instrumental que reduz tudo ao seu valor de troca, que reduz a natureza de um bem comum para recurso natural, pautada por uma *anestesia* ou crise dos sentidos (DUARTE JÚNIOR, 2006) que nos impede de ter um contato mais íntimo com as coisas e com o mundo. A lógica do *sapiens demens*, segundo Morin? A lógica do valor comercial, segundo Nietzsche (NIETZSCHE, 2005)?

Não seria o valor comercial apenas uma dimensão de valor dentre as muitas que uma paisagem encerra? Como atribuir valor somente através do valor comercial?

- *De quem é o rio?* pergunta Machado de Assis no conto *A Arca*, capítulo inédito do *Gênesis* ao narrar uma briga entre os filhos de Noé sobre os limites de sua propriedade.

— A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

— E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

— “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”

— E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.

— A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.

(Machado de Assis, 1994)

Como não reconhecer a atualidade das palavras de Machado de Assis nesta imagem ilustrativa *de boiar sobre as águas do abismo* da sociedade moderna pautada pela razão instrumental e anestesiada em relação a qualquer tipo de sentimento em relação a si, ao outro e ao mundo?

E por que o rio precisaria ter um proprietário? Por que a terra deve ter um dono? *“O rio não precisa ser nosso; a água não precisa ser nossa. A água anônima conhece todos os meus segredos. E a mesma lembrança jorra de cada fonte”* (BACHELARD, 1989).

Ou ainda, dito de maneira ainda mais poética, nas palavras de Manoel de Barros em seu *“Livro sobre Nada – Pretexto”* (BARROS, 2002):

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada.... Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc, etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que uso o abandono por dentro e por fora.

Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore

Eu queria ser lido pelas pedras

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos

Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria

O que não sei fazer desmancho em frases.

Eu fiz o nada aparecer.

(Represente que o homem é um poço escuro.

Aqui de cima não se vê nada.

Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada.)

Perder o nada é um empobrecimento

(BARROS, 2002, p.7)

Entender a Educação Ambiental como uma parte neste sistema complexo de relações, não como fórmula redentora das mazelas da humanidade, nem como ideal de salvação rumo a um mundo melhor, reconduzindo-a ao seu lugar da reflexão provocada pelo encontro pedagógico,

da práxis, do cultivo dos jardins, à sua dimensão estética, do saber sensível, da construção de um território de sentidos, que nos permita ressignificar nossas vivências e aprimorar nosso olhar, pois como diz o mestre Alberto Caeiro: *a nossa única riqueza é ver*.

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo...
 Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
 Porque eu sou do tamanho do que vejo
 E não do tamanho da minha altura...
 Nas cidades a vida é mais pequena
 Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
 Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
 Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
 Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
 E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.
 (Caeiro, 1914 p.208)

Brandão (1994) ressalta ainda a importância de pensar a natureza na cultura, socializada, tomada pelo homem, incorporada. Se a questão socioambiental não for percebida de forma integrada, a sociedade acaba gerando um mecanismo de dupla dominação, tanto da natureza, quanto da sociedade: *“A dominação humana da natureza através da ciência e da técnica gera uma dupla dominação dos homens”*.

As relações com a natureza não são assim nunca, tratando-se de sociedades humanas, relações naturais, mas imediatamente sociais. Não somente elas se travam a partir de formas sociopolíticas determinadas, como pressupõem dispositivos simbólicos específicos, isto é, instrumentos conceituais de apropriação do real, cuja característica distintiva é a de serem culturalmente especificados, ou seja, relativamente arbitrários, e não determinados univocamente por parâmetros objetivos. (VIVEIROS de CASTRO apud BRANDÃO, 1994, p.21)

Brandão resgata a dimensão subjetiva de sentido presente no mundo natural e percebida pelo índio (de modo geral) de forma recíproca, contrapondo-se ao padrão de pensamento da sociedade moderna em que a “natureza” é vista apenas como algo subordinado ao mundo humano e apenas este aparece dotado de sentido. Portanto, a única relação possível é a de troca comercial baseada na produção de bens. Para exemplificar tal visão de mundo o autor cita a carta

do velho chefe Seattle, de 1854 em resposta à proposta de compra de parte de sua terra feita pelo então presidente dos Estados Unidos (BRANDÃO, 1994).

O pensamento indígena traz essa ideia de um outro modo de vida, que tem como base o fato de sermos irmãos do universo e não senhores da terra (BRANDÃO, 1994).

Existe a possibilidade de uma convivência fraternal entre todos os tipos de sujeitos de um mesmo mundo? Sim. Os povos indígenas dão as condições: poderem voltar plenamente a serem eles próprios e restabelecer com os brancos um diálogo nunca iniciado, a partir da igualdade de condições de vida, subordinada ao direito à diferença na escolha das alternativas de sua realização coletiva e, portanto, cultural (BRANDÃO, 1994, p. 70).

Poderia ser de outro jeito? É a pergunta que Brandão coloca para nos fazer pensar numa outra possibilidade de convivência, buscando perceber a natureza na cultura intrinsecamente ligadas, o que envolve um outro modelo mental, um outro modo de vida e uma outra ciência que seja mais inclusiva em relação aos outros saberes (BRANDÃO, 1994).

A Educação Ambiental entendida como educação estética ou do sensível requer uma atitude estética, de um olhar que busque a *estesia* para um re-encantamento do mundo, de forma a atribuir-lhe um sentido. Duarte JÚNIOR resgata o conceito grego de **estesia** (*aisthesis*), como a capacidade humana de sentir o mundo, a relação primeira com o mundo a partir dos sentidos, o que alicerça todos os outros conhecimentos (DUARTE JÚNIOR, 2010).

Guimarães (2005) afirma que a *intervenção educacional é um movimento numa perspectiva relacional de transformações individuais e coletivas*, citando Gutierrez, esse autor argumenta que *educar-se é impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana*. (GUTIERREZ, 1999 *apud* GUIMARÃES, 2005, p. 195).

Realizar uma educação dos sentidos nos mais inóspitos ambientes das nossas metrópoles não é uma tarefa simples, mas pela nossa *práxis* e de tantos outros educadores que se colocam neste propósito, verificamos sua pertinência e possibilidade de realização.

Se a beleza é uma necessidade inerente ao ser humano, nos mais diversos locais por mais poluídos e inóspitos que sejam e se a casa das nossas lembranças é mais importante do que a

nossa casa real de acordo com Bachelard, o despertar da beleza e o cultivo desta é algo que pode ser realizado em qualquer ambiente (BACHELARD, 1978 *apud* FERREIRA-SANTOS, 2006).

No filme *Janela da Alma*⁹, de João Jardim, um documentário sobre o olhar, o fotógrafo cego Eugene Bavcar explica como é possível produzir imagens mesmo sem ver as imagens, usando outros recursos como o som de um objeto, a distância de uma pessoa, ou seja, as imagens não estão nos nossos olhos, mas sim no nosso olhar.

Portanto, o ambiente é construído e reconstruído a todo o momento a partir de nossas experiências e vivências, então qualquer projeto que se proponha a trabalhar com o ambiente, no âmbito da educação ambiental sensível, deve mobilizar as imagens de ambiente que as pessoas daquele grupo compartilham, criando assim um sentimento de grupo, de troca, de partilha para que as pessoas sejam acolhidas e possam expressar o que entendem ou percebem deste ambiente em questão.

Somente a partir deste encontro pedagógico, sensível, contextualizado num ambiente comum com desafios sociais e ambientais é que podemos pensar em estratégias de sensibilização para uma possível mudança na resolução dos conflitos socioambientais. Para se intervir num ambiente (ecológico) para modificá-lo é preciso se criar um ambiente (de sentidos) partilhado e percebido por todos do grupo.

Conhecer esse território do outro, para reconhecer o que é comum e o que é diferente do meu território para chegar num território de sentidos para todos do grupo, que faça sentido, envolvendo e acolhendo.

De acordo com Bachelard (1990), temos a proposta de uma *topoanálise*: um estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. Nesse sentido, surge também o conceito de *topofilia*, ou seja, uma afeição pelo lugar que se dá por uma grande valorização e vínculo com o mesmo, a representação do espaço vivido. Ferreira-Santos (2006) apresenta o conceito de topofilia, como uma atitude de vínculo e afeição com o ambiente que se torna

⁹ Filme *Janela da Alma*, Brasil, 2002, direção João Jardim e Walter Carvalho

fundamental para o reconhecimento do *oikos* (a casa) e de um sentimento de pertença ao lugar que se habita.

O conceito de topofilia foi cunhado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (1980) e corresponde a relação de afetividade estabelecida com o lugar em que se vive (*topos – philia*) que orienta as percepções, atitudes e valores que se estabelecem em relação a um determinado ambiente.

Bachelard (1989, p. 5) afirma que “*antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica*”, nesse sentido, torna-se necessário entender a percepção da paisagem com base nas representações do imaginário.

Bachelard (op.cit.) ressalta também a ideia de imagem-lembrança, muitas vezes construída a partir do ambiente em que se vive, as imagens da casa, da terra natal que vão apresentar grande importância na relação das pessoas com o ambiente e que serão geradoras das imagens cosmológicas (visões de mundo, ideários, cosmovisões, etc.).

Neste sentido, a perspectiva do imaginário remete-nos à necessidade de ampliar o exercício de compreensão para a noção de uma *jornada interpretativa* (FERREIRA-SANTOS, 2006):

A jornada interpretativa é, precisamente, esse momento antropológico em que eu largo o gabinete, a comodidade do lugar-comum, o meu lugar, o meu locus et domus e, então viajo. Vou contemplar essa paisagem no interior da própria paisagem, vou dialogar com as pessoas concretas em seu próprio espaço-tempo. E aí então, nessa explosão de sentidos, é que se dão as descobertas da constituição de nossa alteridade, me levam ao caminho de mim, numa reconstituição pessoal de sentidos. (FERREIRA-SANTOS, 2006, p. 55)

Contemplar a paisagem, caminhar pelas ruas¹⁰, questionar os porquês da conservação ou da degradação deste ambiente, buscar as causas e raízes dos problemas ambientais, reunir o grupo de educadores no ambiente seja ele um fragmento de mata conservado ou um córrego

¹⁰ Caminhada diagnóstica é uma atividade muito utilizada em nossas práticas de Educação Ambiental, define-se um percurso e junto com o grupo de educadores caminhamos pelas ruas do bairro levantando os desafios e potenciais deste lugar, sempre questionando a história local e as causas e consequências dos desafios encontrados. Ao longo da caminhada registramos muitas fotografias e vídeos que podem ser utilizados posteriormente como recursos didáticos.

degradado são atividades que promovem um encontro com o lugar, um passeio por dentro da paisagem¹¹.

FIGURA 4 - CAMINHADA DIAGNÓSTICA NA APA EMBU VERDE, REALIZADA EM 07/05/2011. ACERVO PESSOAL.

Neste sentido é preciso partir de uma topoanálise, nas palavras de Bachelard para se chegar numa topofilia, ou seja, numa relação de *philia* ou amizade com o lugar (*topos*).

Que imagens de ambiente habitam o nosso imaginário?

Que imagens habitam a nossa paisagem?

Como se configura esta paisagem?

Que diálogo estabelecemos com a paisagem da minha memória, dos meus sonhos com a paisagem exterior que se apresenta a mim?

¹¹ *As aventuras de Chu* é um conto recuperado por Regina Machado (2004) que traz a aventura de um menino que entra na paisagem de um quadro e ao retornar à realidade já não vê o quadro como via antes, agora tanto ele (menino) quanto o quadro se modificaram por uma experiência estética.

A percepção do ambiente poderia então ser ampliada por meio de uma educação ambiental sensível, com função predominantemente estética – do despertar do olhar para a beleza que precisa ser despertada, percebida e cultivada.

Nas palavras de Gusdorf parafraseadas por Ferreira-Santos:

A estesia é este fenômeno que nos possibilita o exercício nem etnocêntrico, nem relativista, mas de diálogo inter-cultural, pois articula as características básicas da cultura como processo simbólico. Portanto, a cultura no seu sentido mais agrário e autêntico comporta a multiplicidade dos canteiros e dos jardins. (GUSDORF apud FERREIRA-SANTOS, 2002, p.9).

O ser humano precisa do cultivo para realizar cultura para inserir-se na cultura, assim como precisa do simbólico para equilibrar sua vida, sem isso ele perde a sua humanidade. A razão instrumental tira a humanidade dos seres humanos, a educação do sensível pode devolver parte desta humanidade e a Educação Ambiental, entendida como uma educação de sensibilidade pode contribuir neste processo.

Buscamos assim evidenciar neste trabalho a importância das metodologias participativas, estratégias utilizadas de forma intencional, vinculadas aos princípios teóricos no âmbito de uma “práxis” educativa (FREIRE, 2003), de forma a vivenciar no território os princípios da Educação Ambiental, integrando o ambiente externo ao interno, de acordo com a natureza complexa desta prática

1.4. A COMPLEXIDADE COMO MÉTODO

A complexidade situa-se como ponto de partida para uma ação mais rica, menos mutiladora. Acredito profundamente que quanto menos um pensamento for mutilador, menos ele mutilará os humanos. É preciso lembrar-se dos estragos que os pontos de vista simplificadores têm feito, não apenas no mundo intelectual, mas na vida. Milhões de seres sofrem o resultado dos efeitos do pensamento fragmentado e unidimensional. (MORIN, 2007, p. 83)

Um pensamento complexo e não mutilador, interdisciplinar, integrador é o que pretendemos evidenciar nesta pesquisa, os múltiplos fios envolvidos nesta questão complexa que

é a criação e efetivação de uma área de proteção ambiental numa região metropolitana. Os desafios do diálogo com os quais nos deparamos em nossa prática educativa, a busca por uma estratégia dialógica que desafie a todo tempo nossos modelos mentais do pensamento simplificado e fragmentado com o qual aprendemos a trabalhar.

De acordo com Morin: *O campo da ação é muito aleatório, muito incerto. Ele nos impõe uma consciência bastante aguda dos acasos, derivas, bifurcações, e nos impõe a reflexão sobre sua própria complexidade* (MORIN, 2007, p. 80), orientando-nos assim para a complexidade da ação educativa e do campo ambiental. Esta pesquisa apresenta uma natureza complexa e, portanto a complexidade em todo seu desafio aparece como método de trabalho. Complexidade não como “palavra vazia” para indicar algo que é confuso e difícil de explicar, mas para evidenciar as relações presentes nas questões ambientais e, por conseguinte, na prática da educação ambiental:

Tomemos o homem como exemplo. O homem é um ser evidentemente biológico. É ao mesmo tempo um ser evidentemente cultural, metabiológico e que vive num universo de linguagem, de ideias e de consciência. Ora, estas duas realidades, a realidade biológica e a realidade cultural, o paradigma de simplificação nos obriga a disjuntá-las ou a reduzir o mais complexo ao menos complexo. Vamos, pois, estudar o homem biológico no departamento de biologia, como um ser anatômico, fisiológico, etc. e vamos estudar o homem cultural no departamento das ciências humanas e sociais. Vamos estudar o cérebro como órgão biológico e vamos estudar a mente, the mind, como função ou realidade psicológica. Esquecemos que um não existe sem a outra, ainda mais que um é a outra ao mesmo tempo, embora sejam tratados por termos e conceitos diferentes. (MORIN, 2007, p. 59)

Os fios que tecem esta trama de relações, os múltiplos interesses, a propriedade interdisciplinar do campo, as implicações entre o local e o global, a ideia de ciclo inerente a qualquer sistema vivo e, conseqüentemente, a qualquer questão ambiental.

O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos

rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar... Mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do *complexus*; e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixaram cegos. (...) A dificuldade do pensamento complexo é que ele deve enfrentar o emaranhado, o jogo infinito das inter-retroações, a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição. Mas podemos elaborar algumas das ferramentas conceituais, alguns dos princípios para esta aventura, e podemos entrever o semblante do novo paradigma de complexidade que deveria emergir. (Morin, 2007, p. 13- 14)

A questão da efetivação da área de proteção ambiental - APA Embu Verde é uma questão complexa, existe uma lei que determina a criação da APA e, no entanto, esta não foi respeitada por conta dos diversos interesses sobre a área, do zoneamento da cidade e também pela falta de conexão dos moradores ao local, que dificulta o reconhecimento de seu patrimônio, ou seja, são muitos os fatores envolvidos que compõem o tecido.

a necessidade de compreender fenômenos complexos requer, portanto, que operemos uma lógica à altura de sua complexidade, que não exclua os contrários, mas os reintegre em sua própria dinâmica de existência, como razão plural ou razão sensível. (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 91)

Assim como o método do diálogo "*The World Café*" utilizado no processo de formação no âmbito da Educação Ambiental na APA Embu Verde é uma estratégia para se lidar com questões complexas, para as quais não se tem apenas uma solução técnica ou de apenas uma área do conhecimento, ao contrário, a solução, os acordos possíveis devem ser resultado de uma ação coletiva envolvendo os múltiplos atores, para assim se chegar a uma solução participativa, inclusiva e que seja partilhada por todos e todas.

O homem é um fenômeno complexo. Para estudá-lo é preciso considerá-lo sob diversos aspectos: biológico, social, cultural, espiritual, psíquico, ético, político, etc. O mesmo ocorre, por exemplo, com o conhecimento, que se abre a perspectivas psicológicas, neurológicas, econômicas, sociais, filosóficas, educacionais e várias outras. (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 93)

De acordo com o Manual de Diálogo Democrático, uma publicação independente produzida pelo Programa de Desenvolvimento Organização das Nações Unidas em parceria com

outras três instituições (CIDA, IDEA, OAS), o diálogo é necessário quando lidamos com questões que apresentam ao menos três níveis de complexidade:

1. Complexidade social – no qual encontram-se diversos interesses e diversas perspectivas (visões) sobre o assunto em questão, *tais situações não podem ser resolvidas por especialistas ou autoridades, mas sim pelo envolvimento direto dos atores*;
2. Complexidade dinâmica – em que as causas e os efeitos estão distantes no tempo e no espaço, ou seja, é preciso olhar o sistema como um todo;
3. Complexidade generativa – em que o futuro é indeterminado e não previsível, ou seja, é necessário estar atento ao que emerge do processo.

Considera-se, então, o conceito de complexidade evidenciado por Morin (2004), no qual *complexus* é aquilo que foi “tecido junto”, o que está intrinsecamente ligado, não apenas como uma somatória de fatores. A essa concepção soma-se o princípio da incerteza do conhecimento. Segundo o autor, seria preciso superar o princípio da ordem, a ideia do funcionamento do mundo como o de uma “máquina perfeita” e o princípio da separação, expressão máxima do pensamento cartesiano: a separação das matérias como forma de organizar o conhecimento, a separação do objeto e do sujeito, a separação das disciplinas que dificulta a prática interdisciplinar. Assim como o princípio da redução, o qual diz que a partir das partes é possível conhecer o todo e o princípio da lógica clássica: dedutivo-indutivo-identitária, que levava ao abandono do raciocínio em função de qualquer contradição que caracterizava o erro (MORIN, 2004).

Uma das grandes contribuições do pensamento complexo e que nos auxilia ao contextualizar as questões conflituais em nosso estudo de caso é que os termos contraditórios num campo complexo são sempre, além de *antagonistas* (em pólos opostos), também *concorrentes* (ocorrem simultaneamente) e *complementares* (não existem em separado) (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012).

Nas palavras de Ardoino, ressalta-se a necessidade de um pensamento multirreferencial, torna-se necessário uma *leitura plural da realidade*, sem a possibilidade de reduzir a questão às suas partes mais simples, olhar o processo e as *múltiplas facetas de um problema*: “A unidade e a diversidade devem então reencontrar-se, conciliadas no seio de uma *unitas multiplex*” (ARDOINO, 2004 p. 552). As dimensões estão relacionadas a um sistema de análise, enquanto a

multirreferencialidade considera os múltiplos olhares sobre o fenômeno. A partir de sistemas de referência distintos.

Com a heterogeneidade, é o outro, experimentado como fonte de alteração e de frustração (porque ele nos resiste), muito mais do que fonte de alteridade, que transforma nosso campo de referências. Passamos assim de um universo de “buracos”, no interior do qual representamos para nós mesmos sempre mais ou menos especialmente as lacunas, as insuficiências, em relação a nossos ideais, aos valores que buscamos, a nossas ambições, à nossa cobiça... como coisas que poderiam ser preenchidas, pelo menos teoricamente, no futuro, numa outra vida (.....) rumo à descoberta e à aceitação de um vazio mais fundamental que ele jamais será preenchido, mas que nem por isso deixa de constituir, uma vez reconhecido, mentalmente “realizado”, além da negação inicial, um dos mais poderosos estimulantes da experiência humana e do conhecimento (ARDOINO, 2004, p. 554).

1.5. A NATUREZA COMPLEXA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ardoino evidencia a natureza contraditória da educação como atualização do pensamento complexo, se por um lado devemos educar para o mundo já construído, por outro, devemos sempre considerar o potencial do educando de forma a alcançar o desenvolvimento pleno da pessoa:

a educação é sempre mestiçagem, invenção de um compromisso em favor de uma duração. Por um lado, ela visa ao desenvolvimento da pessoa, à constituição do sujeito, sua autorização (capacidade conquistada para tornar-se co-autor de si mesmo), mas, por outro lado, ela prossegue nos objetivos que lhe são atribuídos devido à sua função social, a adaptação ao que existe, a iniciação e submissão às regras, o que permite a entrada na sociedade. (ARDOINO, 2004, p. 556)

Neste sentido, *“a complexidade é concebida como uma reforma profunda do pensamento, uma tomada de posição epistemológica que, em si mesma, é desígnio e método educativos”*, ou seja, todo o processo de educação ambiental, o qual requer uma mudança de pensamento, uma mudança de olhar e, conseqüentemente, uma mudança de ação está intrinsecamente relacionado ao paradigma da complexidade (ARDOINO, 2004). E o método de diálogo estudado nesta pesquisa, no âmbito da EA – *O World Café* orienta-se pelos princípios dos sistemas vivos,

polinização cruzada, movimento, diversidade, escuta de todas as vozes, participação, ou seja, ao participar de um *World Café* vivenciamos um sistema vivo de interações entre as pessoas, sempre a partir de um contexto e de uma pergunta, de natureza complexa, para a qual não temos a resposta, mas sim precisamos explorar a partir da inteligência coletiva do grupo.

Um sistema fechado, como uma pedra, uma mesa, está em estado de equilíbrio, ou seja, as trocas de matéria/energia com o exterior são nulas. Por outro lado, a constância da chama de uma vela e a constância do meio interno de uma célula, ou de um organismo, não estão absolutamente ligadas a tal equilíbrio; ao contrário, há desequilíbrio no fluxo energético que os alimenta, e, sem este fluxo, haveria desordem organizacional levando rapidamente ao definhamento. (MORIN, 2007, p. 21)

Portanto, os princípios da complexidade vão orientar toda a nossa reflexão nesta pesquisa, buscando assim uma “reforma do pensamento” e um pensamento que tenha o senso de responsabilidade e cidadania, um humanismo (MORIN, 2002).

O humanismo já não poderia ser o portador da orgulhosa vontade de dominar o Universo. Torna-se, essencialmente, o da solidariedade entre humanos, a qual envolve uma relação umbilical com a natureza e com o cosmo. Isso indica que um modo de pensar, capaz de unir e solidarizar conhecimentos separados, é capaz de se desdobrar em uma ética da união e da solidariedade entre humanos. Um pensamento capaz de não se fechar no local e no particular, mas de conceber os conjuntos, estaria apto a favorecer o senso da responsabilidade e o da cidadania. A reforma do pensamento teria, pois, consequências existenciais, éticas e cívicas. (MORIN, 2006, p. 97)

Destacamos aqui os sete princípios do pensamento complexo, segundo Morin que nos orientam nesta pesquisa (MORIN, 2006, p. 93-95):

1. O princípio sistêmico ou organizacional, que liga o conhecimento das partes ao todo;
2. O princípio hologrâmico, em que o todo está nas partes e vice-versa;
3. O princípio do circuito retroativo, auto-regulador que rompe com o princípio da causalidade linear;
4. O princípio do circuito recursivo, que envolve a autoprodução e auto-organização;
5. O princípio da autonomia/dependência (auto-organização), auto-eco-organização, ou seja a relação com o meio ambiente;

6. O princípio dialógico, a união de noções contraditórias;
7. O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, evidenciando o sujeito e a construção do conhecimento em determinada cultura.

O meu propósito não é empreender uma leitura sistêmica do universo; não é cortar, classificar, hierarquizar os diferentes tipos de sistemas, desde os sistemas físicos até ao sistema homo. O meu propósito é mudar o olhar sobre todas as coisas, da física ao homo. Não é dissolver o ser, a existência e a vida no sistema, mas compreender o ser, a existência e a vida com a ajuda também do sistema. (MORIN, 2002, p. 145)

Dessa forma, entendo a Educação Ambiental como um processo complexo de caráter crítico-reflexivo, com desejo emancipador e práticas sensíveis participativas e dialógicas que, por sua vez, deve compreender a natureza complexa dos fatores que alimentam e retro-alimentam a questão ambiental, tanto no sentido de suas múltiplas relações em nível macro (relações de poder, economia, paradigmas de desenvolvimento, projetos políticos, corrupção) como das múltiplas relações em nível micro (consequências no cotidiano, atitudes, comportamento, envolvimento e estilos de vida). Portanto, não bastaria a esta concepção apenas o fornecimento de informações ou ainda a implementação de políticas públicas geridas em gabinete, mas o cotejamento de uma gestão coletiva das soluções, mesmo sabendo, de sua transitoriedade e do caráter contraditório dos interesses em prol da construção coletiva de um consenso, sobretudo, através do diálogo.

1.6. OS SENTIDOS DO DIÁLOGO

- **David Bohm - O diálogo e o pensamento participativo**

David Bohm, um dos mais renomados estudiosos do diálogo, traz uma definição de diálogo, distinta do senso comum:

Diálogo vem do grego dialogos. Logos significa “a palavra” ou no nosso caso podemos pensar no significado da palavra. E dia significa através – não significa dois. O diálogo pode ocorrer entre várias pessoas, não apenas duas. Até mesmo uma única pessoa pode ter um sentido de diálogo consigo mesmo, se o espírito

do diálogo estiver presente. A figura de imagem desta derivação sugere um fluxo de significados (fluxo de sentidos) entre nós e através de nós. Isto torna possível um fluxo de significados no grupo inteiro, o que gera uma nova compreensão. É algo novo, que pode não estar no ponto de partida. É algo criativo. E o significado compartilhado é a “cola”, ou o cimento que agrega as pessoas e as sociedades. (BOHM, 2005, p.34)

O autor ressalta ainda a importância de se penetrar no processo de pensamento que está presente no diálogo, partindo do pressuposto de que muitas vezes nossos pensamentos são equivocados, uma vez que não conseguimos suspender nossos pressupostos e opiniões acerca de uma questão. Portanto, para se chegar num diálogo efetivo e verdadeiro, entendido como fluxo de pensamento, seria necessário nos livrar dos nossos próprios preconceitos, opiniões e suposições para que pudéssemos então penetrar no fluxo de pensamentos de um grupo que dialoga, de modo a construir uma nova percepção do problema em questão, dada por todo o grupo que participa, o que nos leva a sair do pensamento literal para um pensamento participativo, exemplificado pelo das sociedades mais tradicionais (BOHM, 2005).

Em suas considerações acerca dos problemas ambientais ou ecológicos, como ele coloca, a questão está no pensamento, na forma equivocada de pensar e na falta de percepção do outro (no caso “natureza”) como parte integrante do sistema. Ressaltando ainda que esta forma de pensar de modo fragmentado é relativamente recente na história da humanidade, uma vez que nas primeiras civilizações havia um modo participativo de pensar.

O pensamento participativo é uma forma diferente de perceber e pensar, e assim foi por mais ou menos um milhão de anos. Nos últimos cinco mil anos nós o viramos ao contrário, e nossa atual linguagem diz: “Tudo isso é absurdo, não merece atenção”. Essa espécie de pensamento, que privilegiamos amplamente hoje em dia, tem sido chamada de “pensamento literal”. (BOHM, 2005, p. 151).

Deste pensamento participativo é que deriva as dimensões coletiva e cósmica do ser humano, diferente da dimensão individual caracterizada pelo indivíduo isolado, algo difícil de conceber pois a nossa vida sempre depende de outros elementos como o ar, a luz, os alimentos, os outros seres vivos. Neste sentido, o campo do pensamento é limitado e apresenta intrínseca relação com os valores e interesses de uma pessoa ou de um grupo. *“Se você não atentar para*

alguma coisa não a perceberá – até onde vai o seu interesse, essa coisa não existe” (BOHM, 2005, p. 164).

Bohm coloca ainda uma reflexão sobre sensibilidade, importante para a nossa questão do território dos sentidos, definindo-a como uma capacidade de percepção que vai além dos pensamentos, importante para a suspensão dos pressupostos, tão necessária ao diálogo almejado:

Sensibilidade significa ser capaz de perceber que algo está acontecendo, sentir suas reações e as de outras pessoas, sentir as sutis diferenças e semelhanças. Sentir tudo isso é o fundamento da percepção. Os sentidos lhe proporcionam informações, mas você tem de ser sensível a elas, do contrário não as perceberá. Se você conhece uma pessoa, pode passar por ela na rua e dizer: “Eu a vi”. Mas quando lhe perguntam como esse indivíduo estava vestido, você pode não saber porque realmente não olhou. Não foi sensível a tudo, porque viu aquela pessoa por meio da tela do pensamento – e isso não é sensibilidade. A sensibilidade inclui os sentidos, mas vai além deles (...) O que bloqueia a sensibilidade é a defesa dos pressupostos e opiniões (BOHM, 2005, p. 85)

- **Gusdorf e a atitude do diálogo**

Numa perspectiva filosófica, Georges Gusdorf lembra-nos que o pensamento apenas é capaz de exprimir algo superficial, a atitude do pensamento estaria relacionada à palavra humana, à sua ação no mundo, a intenção e é aí que reside o sentido. Em seu livro *“La parole”*, que em francês pode significar tanto fala quanto palavra, traduzido em sua edição portuguesa por *“A Fala”*, o autor destaca a importância da palavra, no que ela contém da atitude de quem a profere, como manifestação e afirmação da pessoa. Segundo o autor, a linguagem é uma característica humana, a língua é um sistema de expressão próprio, mas é a palavra ou a fala que envolve uma ação:

A invenção da linguagem é, assim, a primeira das grandes invenções, aquela que contém em germe todas as outras, talvez menos sensacional que a domesticação do fogo, mas mais decisiva. A linguagem apresenta-se como a mais originária de todas as técnicas. Ela constitui uma disciplina econômica de manipulação das coisas e dos seres. Para a tomada de posse do real, uma palavra, muitas vezes, faz mais e melhor que um instrumento ou que uma arma. Porque a palavra é estrutura de universo; procede a uma reeducação do mundo natural que, graças a ela, se torna a super-realidade humana, na medida do novo poder que a

suscitou. Orfeu, o primeiro de todos os poetas, fascinava com os seus encantamentos os animais, as plantas e as próprias pedras, que obedeciam à sua voz. O mito, restitui-nos aqui o sentido da palavra humana, cuja autoridade se impõe ao universo (GUSDORF, 1970, p. 13).

Neste sentido, a compreensão da linguagem reside num encontro entre os seres humanos, o mundo e o outro, com quem eu me comunico. *“O outro, intelectual e materialmente, é condição da existência de cada um.”* Daí decorre a percepção mais “tradicional” do outro como parte, em que há uma participação do indivíduo no mundo e não uma existência isolada como se verifica no mundo moderno (GUSDORF, 1970).

Haveria assim, a este respeito, uma insuficiência congênita da palavra humana. Apenas posso manifestar o exterior, a superfície do meu pensamento. Escapa-se sempre o fundo, porque o fundo não é uma ideia ou uma coisa, mas a atitude, que me é própria, a intenção de toda a minha vida. Esse horizonte do meu ser não pode explicitar-se e, contudo, é relativamente a ele que se estabelece o sentido de tudo o que eu posso dizer (GUSDORF, 1970, p. 69).

- **Martin Buber e a importância do outro**

Numa perspectiva ecológica, a filosofia de Martin Buber acerca do diálogo ressalta a importância da relação Eu-Tu ao invés da relação Eu-Isso, a qual pode suscitar uma perspectiva diferente para entender a nossa relação com o ambiente que nos rodeia, conceito já desenvolvido por Maria Isabel Franco em sua tese de doutorado sobre o processo de construção da Agenda 21 Escolar de Embu das Artes (FRANCO, 2010). Saindo de uma lógica da exploração dos recursos naturais para uma teia de interdependência e conexões. Esta perspectiva dialógica poderia transformar a nossa visão de razão instrumental para uma razão sensível (DUARTE JÚNIOR, 2006).

O sinal distintivo do homem de diálogo é que ele escuta, do mesmo modo – e talvez melhor – que fala. Benefício da presença atenta, como que de uma hospitalidade espiritual, que exclui o desejo de deslumbrar ou de conquistar. (GUSDORF, 1970, p. 86)

Martin Buber (1982) destaca, assim como Maturana, a natureza complexa do diálogo, que vai muito além das palavras ou de um simples processo de comunicação, mas sim como um verdadeiro encontro com o outro. Em suas palavras o diálogo se dá *“numa verdadeira*

transformação da comunicação em comunhão, portanto numa corporificação da palavra dialógica”.

O diálogo humano pode pois existir sem o signo, apesar de ter neste, isto é, no som e no gesto, a vida que lhe é própria (...) esta existência sem signo, todavia, não tem forma objetivamente captável. Por outro lado, um elemento de comunicação – por mais íntimo que seja – parece pertencer à sua essência. Mas, nos seus momentos mais elevados, o diálogo transcende também estes limites. Ele se completa fora dos conteúdos comunicados ou comunicáveis, mesmo os mais pessoais; não se completa, no entanto, num acontecimento “místico”, mas sim num acontecimento que é concreto no sentido estrito da palavra, totalmente inserido no mundo comum aos homens e na sequência temporal concreta.” (BUBER, 1982, p. 36-37)

Para Buber o diálogo se dá como uma *“tomada de conhecimento íntimo”*, uma percepção do outro, que pode ser um ser humano ou um outro ser vivo, e esta ideia é de extrema importância para a Educação Ambiental.

Aquilo de que tomo conhecimento íntimo não precisa ser, de forma alguma, um homem; pode ser um animal, uma planta, uma pedra. Nenhuma espécie de fenômeno, nenhuma espécie de acontecimento é fundamentalmente excluído do rol das coisas através das quais algo me é dito todas as vezes. Nada pode se recusar a servir de recipiente à palavra. Os limites de possibilidade do dialógico são os limites de possibilidade da tomada de conhecimento íntimo (BUBER, 1982 p. 43).

Buber destaca três espécies de diálogo:

- (1) O autêntico: não importa se falado ou silencioso, onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva;
- (2) O diálogo técnico: movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo;
- (3) O monólogo disfarçado de diálogo: onde dois ou mais homens reunidos num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e crêem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos. (BUBER, 1982, p. 53)

E destaca ainda, o diálogo interno como forma essencial de para se conseguir estabelecer um diálogo com o outro:

Para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior, é preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo. O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço; é somente entre pessoas que ele se realiza. Mas por que meios poderia um homem transformar-se, tão essencialmente, de indivíduo em pessoa, senão pelas experiências austeras e ternas do diálogo, que lhe ensinam o conteúdo ilimitado do limite? (BUBER, 1982, p. 55- 56)

Neste contexto, Buber exemplifica, de forma muito esclarecedora e profunda, sua experiência do diálogo com o Outro, muito diferente dele, neste caso:

Aos onze anos de idade, passando o verão na propriedade de meus avós, costumava – sempre que conseguia fazê-lo sem despertar atenção – ir furtivamente ao estábulo e acariciar o pescoço do meu favorito, um cavalo robusto e cinzento. Não era para mim um divertimento casual, mas um acontecimento importante que, se bem que agradável, despertava em mim uma emoção profunda. Se tivesse que explicá-lo agora, a partir da recordação ainda viva em minha mão, teria que dizer: o que experienciei no animal foi o Outro, a enorme alteridade do Outro, mas uma alteridade que não permanecia estranha como a do boi ou do carneiro, mas que, pelo contrário, deixava que eu me aproximasse dela e a tocasse. Quando eu alisava a poderosa crina, às vezes esplendidamente penteada, outras vezes surpreendentemente selvagem, e sentia a vida palpitando sob a minha mão, era como se o elemento da própria vitalidade resvalasse a minha pele; algo que não era eu, absolutamente não era eu e nem um pouco íntimo ao meu eu; algo que era precisa e palpavelmente o Outro, não simplesmente um outro qualquer, mas realmente o Outro ele-mesmo, e que contudo deixava que eu me aproximasse, que se confiava a mim, que se colocava comigo, de uma forma elementar, na relação do “Tu e Tu”. (BUBER, 1982, p. 57, 58)

Neste sentido a pertinência do método de diálogo, ao proporcionar um espaço, um ambiente para que o diálogo autêntico possa acontecer, daí a proposta do *World Café*, uma conversa que gera ação, mas que exige a disposição para o diálogo e o reconhecimento da presença do Outro.

CAPÍTULO 2. DESCOBRINDO O *WORLD CAFÉ* E VISLUMBRANDO SUA POTENCIALIDADE NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

FIGURE 1 - ILUSTRAÇÃO "ETIQUETA DO CAFÉ", CRIADO POR AVRIL ORLOFF. FONTE: WWW.THEWORLDCAFE.COM.
ACESSO EM 25/05/2015

Neste capítulo vamos apresentar as referências sobre diálogo, os princípios que orientam a prática do *World Café*, e a experiência de aprofundamento na metodologia do *Art of Hosting*, que ocorreu em Columbus, Ohio, através das conversas/entrevistas com 12 anfitriões da cidade, lideranças que utilizam esta prática em suas instituições, no enfrentamento de questões complexas de áreas como Educação, Saúde, Segurança alimentar e Questão de moradia. Ao final apresentamos uma leitura acerca dos mitos que orientam a figura do anfitrião, essencial nestas práticas de diálogo.

2.1. OS PRINCÍPIOS DO *WORLD CAFÉ*: ENTRE O NOVO E O ANTIGO — A IMPORTÂNCIA DA CONVERSA

Um pouco da história do *World Café*

O *World Café* (Café Mundial) é tanto um método para conversas significativas sobre questões complexas, ancorado num conjunto de princípios para criar um ambiente seguro para as pessoas falarem o que realmente importa, quanto uma “metáfora” do cultivo da conversa como um processo central. Este método foi desenvolvido por Juanita Brown e David Isaacs em 1995, durante um diálogo estratégico sobre Propriedade Intelectual que eles facilitaram na Califórnia. Estava chovendo e eles tiveram que organizar o espaço para uma conversa com um grupo de 20 pessoas que estava chegando para o evento. Diante da situação, decidiram então utilizar o espaço do café da manhã, para a conversa, com pequenas mesas arrumadas com toalhas e vasos de flores no centro, canetas e papéis para anotações e desenhos. As pessoas sentaram em volta das pequenas mesas e a conversa começou. Mais tarde alguém teve a ideia de saber o que estava acontecendo nas outras mesas, então decidiram mudar de mesa e começaram a conversar com outras pessoas. No final, eles perceberam que aquela era uma boa maneira de perceber a nossa inteligência coletiva, como Juanita escreve: *Existiria algo acerca da mudança do ambiente, o contexto físico da sala, que poderia contribuir para a riqueza das trocas?* (BROWN, 2001).

Nas palavras de David Isaacs a energia da conversa é evidenciada, a criação coletiva e a surpresa das descobertas do grupo:

A energia na sala era palpável. É como se o próprio ar vibrasse. Eu peço ao grupo para concluir sua conversa e se reunir em torno de um grande pedaço de papel para desenho que Tomi pusera sobre o tapete no meio do assoalho da sala. (...) Convidamos cada pequeno grupo a colocar suas toalhas individuais em volta das beiradas da toalha maior e, em seguida, fizemos um “passeio” para observar padrões, temas e percepções que estão emergindo em nosso meio. Enquanto Juanita e eu observamos nossas descobertas e percepções coletivas se desdobrarem sobre o papel para o desenho no centro do grupo, sabíamos que alguma coisa absolutamente extraordinária acontecera. Testemunhamos alguma coisa para a qual não tínhamos nenhuma linguagem. Foi como se a inteligência de um Ser coletivo maior, além dos seres individuais da sala, tivesse se tornado visível para nós. Parecia quase “mágico” – um momento estimulante de reconhecimento daquilo que descobrimos em conjunto, que é difícil de descrever, embora pareça estranhamente familiar. O processo do Café, de algum modo, capacitou o grupo a ter acesso a uma forma de inteligência colaborativa que se tornou mais potente na medida em que tanto as ideias quanto as pessoas andavam de mesa em mesa, criando novas associações e fazendo a polinização cruzada de suas diferentes percepções (BROWN, 2007, p. 33)

Refletindo sobre o que havia acontecido naquele dia chuvoso, na participação de todos e no conteúdo gerado pela conversa, Juanita Brown, David Isaacs e um grupo de colegas presentes no evento começaram a dar forma ao método *The World Café*, atualmente conhecido como mais que um método, mas uma comunidade de pesquisa e de prática facilmente acessível por pessoas de todas as partes do mundo (BROWN, 2001, www.theworldcafe.com).

Refletimos a respeito do que acontecera quando as pessoas entraram na casa e viram o colorido e convidativo Homestead Café em nossa sala. Havia alguma coisa acerca do próprio café como um arquétipo – um hábito cultural familiar por todo o mundo - capaz de evocar a intimidade imediata e o envolvimento coletivo que nós experimentamos? As associações positivas que a maioria das pessoas faz com o hábito de tomar café favoreceram a emergência natural da conversa fácil e autêntica que tinha acontecido, a despeito da falta de roteiros formais ou de exercícios de diálogo entre os participantes? (...) Percebemos que o que tínhamos experimentado no nosso Homestead Café era, talvez, uma réplica em menor escala de padrão vivo e mais profundo do modo pelo qual a partilha de conhecimento, mudança e inovação sempre ocorreram em sociedades humanas (...) Desta conversa, surgiu a imagem do World Café como uma metáfora central para orientar nossa investigação nascente acerca das possibilidades com que nos deparamos naquele dia chuvoso. (BROWN, 2007, p. 34-35)

Juanita Brown, ressalta ainda as duas dimensões do *World Café*: como um método é uma forma de aprimorar nossa capacidade de estabelecer diálogos verdadeiros ou conversas significativas; e como uma metáfora é uma maneira de ver a conversa como o processo principal, como o nosso modo humano de fazer as coisas (BROWN, 2001).

Quando nós consideramos as questões ambientais, a imagem do diálogo como metáfora é poderosa e relevante porque se quisermos desenvolver uma outra relação com a “natureza”, com o ambiente, o que implica entender o valor dos seres vivos de outras espécies diferentes da nossa, e seu direito à existência, precisaremos desenvolver um diálogo melhor com os outros seres humanos, da nossa própria espécie. E isso requer não apenas um conhecimento científico, intelectual; todos sabemos das evidências das mudanças climáticas, desmatamento das florestas, escassez de água e o impacto desse nosso padrão de vida moderno no ambiente e em nossas vidas. No entanto, todas essas evidências não são suficientes para se desenvolver um novo modelo de relações, talvez a abordagem dialógica possa ser um caminho para o envolvimento das pessoas. O *Art of Hosting* pode ser um caminho para engajar as pessoas em conversas difíceis sobre assuntos complexos, tais como as questões socioambientais que enfrentamos atualmente.

As pessoas vêm para os eventos do tipo Art of Hosting para aprender como anfitriar uma variedade de processos de conversação. Esses processos são usados com diversos grupos para resolver conflitos, desenvolver estratégias, analisar problemas e desenvolver planos de ação. Mas trata-se de mais do que uma coleção de ferramentas para resolução de problemas. Nos seus princípios e o que permite seu florescimento em tantas diferentes formas, nos mais diversos lugares, a Arte de Anfitriar conversas significativas é uma filosofia, um conjunto de crenças e valores que estão incorporados em todos os processos e em cada pessoa que aprende como anfitriar (FRIEZE; WHEATLEY, 2011, p. 190)

Os princípios do *Art of Hosting* (A Arte de anfitriar conversas significativas) evocam o sentido de comunidade ao criar um ambiente seguro e acolhedor para que as pessoas possam expressar suas opiniões, pensamentos e emoções, de maneira mais integrada. É possível experienciar tal sentimento num encontro do tipo *Art of Hosting*, de repente percebemos que estamos compartilhando histórias de muito valor de forma muito pessoal com pessoas que conhecemos naquele exato momento, mas que de alguma forma nos oferecem uma escuta

sensível (BARBIER, 1998) e um ambiente capaz de criar a estrutura necessária para que o diálogo aconteça. Há algo de muito antigo nestes círculos de conversa, algo que remete ao ritual, ancestral e simbólico que nos leva a uma maneira antiga e tradicional, no sentido da tradição humana, de exercitar a nossa humanidade.

Juanita Brown apresenta uma reflexão sobre o método *World Café* a partir da análise das histórias de seus colegas e parceiros da “Comunidade The World Café”, em sua tese de doutorado, em que reconhece padrões nas conversas significativas que constituem os seguintes princípios (BROWN, 2001):

1. Estabeleça o contexto;
2. Crie um espaço acolhedor;
3. Explore questões significativas;
4. Estimule a contribuição de todos;
5. Conecte diferentes pontos de vista;
6. Escutem juntos para descobrir percepções;
7. Compartilhe descobertas coletivas

2.2. A CONVERSA COMO BASE DE INTERAÇÃO HUMANA NO MUNDO

Os princípios do World Café acima citados favorecem um ambiente de diálogo genuíno e a conversação como meio fundamental para a realização de nossas ações, ao contrário do que aprendemos que separa a ação da conversa, relacionando-os com os sistemas vivos, segundo as ideias propostas por Maturana e Varela (BROWN, 2001) *Estamos, nós, humanos, tão imersos em conversação que, qual peixes na água, a conversação é nosso meio de sobrevivência e nós simplesmente não podemos ver?* (BROWN, 2007, p.35)

Maturana (2002), em seu artigo “Ontologia do Conversar”, destaca a etimologia da palavra conversar: com=*cum* e *versare*=dar voltas, dar voltas com (o outro) e lança a pergunta: “O que ocorre no “dar voltas juntos” dos que conversam, e o que acontece aí, com as emoções, a linguagem e a razão?” A linguagem, elemento essencial da conversa, é aqui entendida como um

processo, um fluxo de interações, *um sistema de coordenações consensuais (palavras, gestos, posturas corporais)*, onde o linguajar corresponde a tudo que está presente na linguagem mas não corresponde às palavras, à fala.

as palavras constituem operações no domínio de existência, como seres vivos, dos que participam na linguagem, de tal modo que o fluir de suas mudanças corporais, posturas e emoções tem a ver com o conteúdo de seu linguajar. Em suma, o que fazemos em nosso linguajar tem consequências em nossa dinâmica corporal, e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar. (MATURANA, 2002, p. 168)

Ressaltando assim a presença das emoções na conversa e do ser humano visto de modo indissociado – corpo e mente atuando ao mesmo tempo, *“Em outras palavras, todo sistema racional tem fundamento emocional, e é por isso que nenhum argumento racional pode convencer ninguém que já não estivesse de início convencido, ao aceitar as premissas a priori que o constituem (...) A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar eu chamo conversar, e chamo conversação o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar* (MATURANA, 2002, p. 171-172) e destaca o papel fundamental da conversa no modo humano de ser.

Em resumo: o humano surge na história evolutiva a que pertencemos ao surgir a linguagem, mas se constitui de fato como tal na conservação de um modo de viver particular centrado no compartilhamento de alimentos, na colaboração de machos e fêmeas, na criação da prole, no encontro sensual individualizado recorrente, no conversar. Por isso todo afazer humano se dá na linguagem, e o que na vida dos seres humanos não se dá na linguagem não é afazer humano; ao mesmo tempo, como todo afazer humano se dá a partir de uma emoção, nada do que seja humano ocorre fora do entrelaçamento do linguajar com o emocionar e, portanto, o humano se vive sempre num conversar. Finalmente o emocionar, em cuja conservação se constitui o humano ao surgir a linguagem, centra-se no prazer da convivência, na aceitação do outro junto a nós, ou seja, no amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações no qual aceitamos o outro na proximidade da convivência. Sendo o amor a emoção que funda a origem do humano, e sendo o prazer do conversar nossa característica, resulta em que tanto nosso bem-estar como nosso sofrimento dependem do nosso conversar. (MATURANA, 2002, p. 175, grifo nosso)

Maturana evidencia, portanto, a integração, o “entrelaçamento” do linguajar e do emocionar no processo de linguagem, de modo que em todo argumento racional que expressamos está presente uma emoção.

reconhecer que o humano se realiza no entrelaçamento do linguajar e do emocionar que surge com a linguagem nos entrega a possibilidade de reintegrarmos essas duas dimensões com uma compreensão mais global dos processos que nos constituem em nosso ser cotidiano, assim como a possibilidade de respeitar esses dois aspectos de nosso ser em sua legitimidade. Desde pequenos nos dizem que devemos controlar ou negar nossas emoções porque elas dão origem à arbitrariedade do não-racional. Agora sabemos que isso não deve ser assim. No conversar surge também o racional como o modo de estar no fluir das coerências operacionais das coordenações consensuais de conduta de coordenações de conduta da linguagem (...) Entretanto, a efetividade do raciocinar em guiar as coordenações de ações na atividade técnica nos cega ante o fundamento não-racional de todo domínio racional e transforma, partindo de sua pretensão de não-arbitrariedade, qualquer afirmação racional em uma petição de obediência ao outro, o que limita nossas possibilidades de reflexão porque nos impede de nos vermos na dinâmica emocional do conversar. Isso é importante porque, ainda que pareça estranho, ao nos darmos conta da participação das emoções como fundamento de qualquer sistema racional no fluir do conversar, obtemos o verdadeiro valor da razão na compreensão do humano. E isso é assim porque agora sabemos que devemos nos dar conta de nossas emoções e conhecê-las em seu fluir, se queremos que nossa conduta seja de fato racional a partir da compreensão do racional. (MATURANA, 2002, p. 180)

Da mesma forma, que aceitar e perceber as nossas emoções está relacionado ao aceitar o outro, num diálogo, e, nesse processo, o amor, como “fenômeno biológico” pode ter papel fundamental na nossa socialização e na aceitação do outro:

Se aceitamos o outro, podemos justificar a presença dele ou dela com razões que validam sua presença: o amor ou o não-amor comandam, e a ética social começa aqui. Nós, seres humanos, não somos animais racionais. Nós, seres humanos, somos animais que utilizam a razão, a linguagem para justificar nossas emoções, caprichos, desejos.... e, nesse processo, nós os desvalorizamos porque não percebemos que nossas emoções especificam o domínio de racionalidade que usamos em nossas justificações. Mas, ao mesmo tempo, somos animais que, através da razão e da linguagem podemos vir a ser conscientes de nossas emoções, e então experienciamos sua mudança, e nisso o amor é central. Existimos como seres humanos na existência social, e na linguagem, a razão e a autoconsciência surgem e se dão como fenômenos sociais: sem socialização não há linguagem, não há razão, não há autoconsciência, não há apercebimento de emoções e, sem amor, nós não somos seres sociais. (MATURANA, 2002, p. 186)

Um último pensamento de Maturana que julgamos importante mencionar aqui para finalizar estas breves considerações importantes ao processo de conversação, diz

respeito ao amor como essência da nossa socialização e da forma como nos relacionamos com os outros seres, com a “natureza”.

O que nos faz seres humanos é nossa maneira particular de viver juntos como seres sociais na linguagem. E nessa maneira particular de coexistência que nos faz humanos, o amor é o fenômeno biológico que nos permite escapar da alienação anti-social criada por nós através de nossas racionalizações. É através da razão que justificamos a tirania, a destruição da natureza ou o abuso sobre outros seres humanos na defesa de nossas propriedades materiais ou ideológicas. (...) É através da razão que justificamos a destruição da natureza subordinando-a aos nossos projetos, porque nós a possuímos. Mas o amor, o anseio biológico que nos faz aceitar a presença do outro ao nosso lado sem razão, nos devolve à socialização e muda a referência de nossas racionalizações. A aceitação do outro sem exigências é o inimigo da tirania e do abuso, porque abre um espaço para a cooperação. O amor é inimigo da apropriação. (MATURANA, 2002, p. 186)

2.3. APRENDENDO MAIS SOBRE O *WORLD CAFÉ* COM OS ANFITRIÕES:

“The Golden opportunity”, a mudança para Columbus, Ohio

- Mamãe, por que nós vamos mudar para Columbus, Ohio? (Gabriel, meu filho mais velho de 5 anos pergunta.)
- Porque a mamãe ganhou um “Prêmio” para estudar e trabalhar nesta cidade por um ano.
- Porque eu tenho que deixar a minha avó, os meus amigos, meu cachorro por causa do seu prêmio, eu não quero morar em Columbus, Ohio – Foi você que ganhou o prêmio, o que eu tenho a ver com isso?
- Pois é Gabriel, mas nós temos que ir todos juntos, em família, você vai ver, vai ser bom, vamos aprender Inglês, fazer novos amigos e além disso a cidade é boa, tem uma grande piscina para você, parques bonitos e parquinhos para você brincar nas praças.
- Piscina !!! Tá bom, então vamos....

A experiência *“From Hero to Host”* (De Herói a anfitrião), está relatada por Deborah Frieze e Margareth Wheatley no seu livro *“Walk On, Walk Out”*, ainda sem tradução no Brasil (FRIEZE; WHEATLEY, 2011). Neste trabalho em que ela organiza experiências inovadoras em várias partes do mundo, passando pelo México, Brasil, África do Sul, Zimbábue, Índia, Grécia e Estados Unidos,

ela ressalta a importância da cidade de Columbus neste movimento de mudança social, com as seguintes palavras:

Columbus é o lugar perfeito para terminar esta jornada. É o lugar perfeito porque é um “espelho” dos Estados Unidos, refletindo a mistura de raças, renda, imigrantes, bairros e problemas. É o lugar perfeito porque está localizado no meio do país. É o lugar perfeito porque é totalmente, excepcionalmente “ordinário”, comum (ordinary). Portanto se algo extraordinário aconteceu aqui, isso pode ocorrer em qualquer lugar. (FRIEZE; WHEATLEY, 2011, p.189)

Neste artigo, as autoras destacam a experiência extraordinária que ocorreu em Columbus, Ohio com o processo de diálogo com base nas metodologias do *Art of Hosting* para lidar com questões complexas como Saúde, Segurança Alimentar, Educação e Moradia. Foi incrível ver pessoas dos mais variados setores engajados neste processo, usando métodos inovadores para lidar com questões complexas e transformando seu tipo de liderança. O encontro com os anfitriões e a disposição que eles tiveram ao me receber para participar da pesquisa demonstrou um “sentido de comunidade” que eu pude vivenciar bem de perto. Desde a carta da Fundação *World Café* assinada por Juanita Brown, criadora da metodologia que eu tive o prazer de encontrar num Encontro Intergerações na ECA/USP e que me colocou em contato com Phil Cass e Tuesday Ryan-Hart em Columbus, Ohio. O contato com o Professor Richard Gordon, do Departamento de Espanhol e Português na Universidade Ohio State que na época coordenava a parceria com o Brasil e que eu encontrei apenas uma vez, mas que foi como um “mensageiro” me apresentando para o professor Abril Trigo, diretor do Centro de Estudos da América Latina na universidade e que acolheu o meu projeto e foi o meu co-orientador durante o estágio de doutorado-sanduíche. Enfim o acolhimento que recebi dos anfitriões e da cidade foi algo extraordinário também.

A bolsa de estudos da Capes/Fulbright era algo de tamanha importância que eu não imaginar até chegar nos Estados Unidos. O Programa Fulbright apresenta como principal objetivo promover um entendimento comum entre os povos de diversos países do mundo. Ao investir na Educação de pessoas dos mais variados países para desenvolverem parte dos seus estudos nos EUA, o programa promove um processo intercultural de muito aprendizado para a universidade que recebe o estrangeiro e para o próprio bolsista que tem a oportunidade de vivenciar uma

outra cultura. Uma das experiências mais marcantes que tive nesta temporada foi participar de um Seminário Fulbright sobre Empreendedorismo Social na cidade de Portland, Oregon e conhecer pessoas de mais de 72 países, todos ali partilhando um pouco de sua cultura e dos desafios de seus respectivos países.

Chegando em Columbus, os desafios da mudança em família chegaram junto: encontrar uma escola para as crianças, um apartamento para morar e começar a entender todos os novos procedimentos numa nova cultura não foi tarefa fácil. Com o início das aulas a rotina foi se acertando, mas deixar as crianças na escola sem falar uma palavra de Inglês foi um grande desafio.

Lembro-me de um dia em que eu falei para a professora que não iria embora enquanto o pequeno Lucas não estivesse bem, ele que era tão tranquilo estava chorando para ficar na escola. E foi então que ela me explicou o quão difícil estava sendo para eles entenderem o que o pequeno falava, mesmo com a nossa lista de “palavras-chave em português”, a fala de criança é difícil de entender. Ela me disse que eu precisava falar Inglês com ele em casa, palavras-chave do tipo: “Lucas help”, “Lucas hungry”, “Lucas play”, confesso que fiquei um pouco irritada, mas foi a partir daí que nós começamos a nos comunicar melhor, a ter um diálogo mesmo em que podíamos expressar nossas preocupações, sentimentos e pensamentos acerca do processo educativo. Pouco tempo depois, Lucas pronunciou suas primeiras palavras em Inglês, na hora do lanche ele pediu “*Pass fruit, please*” e todos bateram palma, as crianças e a professora, comemorando juntos esta pequenina grande vitória.

A partir daí eu pude iniciar meu trabalho na *Ohio State*, onde encontrei pessoas maravilhosas, Katherine Borland, professora do departamento de Estudos Comparados me convidou para ser instrutora no seu curso de graduação sobre Conceito de Desenvolvimento e ao final do semestre realizamos um *World Café* com o tema “*Human and Non-Human development*” (Desenvolvimento humano e não humano), como forma de sintetizar tudo que havia sido tratado no curso e para ajudar os alunos em seus trabalhos finais. Sarah Brooks, uma professora de Ciência Política que realizava pesquisas no Brasil conseguiu para mim uma pequena sala no “*Mershon Center*”, um centro de pesquisas interdisciplinar onde eu pude levar todos os meus livros e quadros, criando assim um espaço de trabalho tranquilo. Neste período participei de um curso online sobre os fundamentos do *World Café*, desenvolvido pelo *Fielding Institute* que

contribuiu muito para que eu pudesse desenvolver meu roteiro de questões para iniciar as entrevistas com o apoio do professor Bo Gylempalm e de Amy Lenzo da Fundação *World Café*. Foi impressionante a qualidade das conversas significativas com pessoas de vários lugares do mundo que tive ao longo do curso, mesmo no ambiente virtual. “*O World Café é um modo de ser*”, foi o grande aprendizado do curso. Neste período eu estava trabalhando na carta convite para enviar aos anfitriões para que me concedessem as entrevistas, quando fui para San Diego, na Califórnia, do outro lado do país para participar de uma Conferência sobre Construção de paz e resolução de conflitos promovida pelo Instituto Taos, onde pude aprender mais sobre a Investigação Apreciativa (COOPERRIDER, WHITNEY, STAVROS, 2008) e conhecer pessoas que trabalham com diversos projetos de diálogo em situações de conflito. No entanto, a conversa mais significativa que tive se deu quando eu estava indo embora da cidade, o ônibus atrasou e eu tive que chamar um táxi para o aeroporto para não perder o avião, o motorista era da Somália, ele me perguntou de onde eu era e que língua se falava no meu país e quando lhe fiz a mesma pergunta ele me disse todo orgulhoso que na Somália eles falam “*Somalia language*” que é uma língua muito importante porque é falada em cinco países diferentes. Percebi em sua fala um “sentido do lugar”, muito forte, algo que fazemos a todo momento, mas muitas vezes não nos damos conta, mesmo quando estamos muito longe de casa, levamos conosco este sentido do lugar, como Caetano Veloso diz: “*minha pátria é minha língua*”, esse sentido de lugar nos reconecta com a nossa terra, por mais distante que ela esteja, e isto é exatamente o que esta pesquisa pretende compreender. Como podemos desenvolver um entendimento significativo, um sentido, sobre o ambiente que nos rodeia e que está em nós?

As conversas significativas que tive com os anfitriões

Já estávamos no final do mês de novembro quando eu comecei as entrevistas com os anfitriões, todos responderam prontamente à minha carta-convite, com abertura e disposição para colaborar com a pesquisa, rapidamente eu já estava com a agenda de entrevistas completa.

O que define uma conversa significativa? Por quê a metodologia do “World Café” é significativa em seu trabalho? Como você se tornou um anfitrião (*host*)? O que significa ser um anfitrião? No que uma liderança anfitriã (*host leadership*) se diferencia de uma liderança heróica, conforme aponta o artigo acima citado: “*From Hero to Host* (FRIEZE; WHEATLEY, 2011)”?

Quais os desafios e quais as possibilidades de uma liderança anfitriã? Quais as questões que, se exploradas, poderiam trazer “*insights*” sobre a melhor forma de lidar com os conflitos contemporâneos num processo dialógico?

Com este roteiro de questões em mãos fui em busca das respostas através de entrevistas/conversas com os principais anfitriões (*hosts*) citados no artigo, que fazem parte da comunidade do “*Art of Hosting*” na cidade de Columbus, Ohio. Os encontros da comunidade acontecem periodicamente, em torno de três vezes ano, nos quais tive a oportunidade de conhecer os anfitriões e expor a minha pesquisa. Pois é justamente nesta cidade comum ou “ordinária” que algo extraordinário está acontecendo, onde pessoas dos mais diversos setores encontram-se para dialogar e usam metodologias participativas, como o “*The World Café*”, em busca de soluções para os desafios complexos que enfrentam no campo da saúde pública, moradia, educação universitária, fome, dentre outros.

E o meu papel de pesquisadora neste contexto consiste em coletar as histórias a partir de conversas-entrevistas para buscar os aprendizados desta metodologia de diálogo e compreender suas possibilidades e seus respectivos limites para melhor compreender seu alcance em relação aos desafios da Educação Ambiental no Brasil, especificamente no caso do conflito existente na APA Embu Verde, no município de Embu das Artes, localizado na região metropolitana de São Paulo.

Desde que tive contato com estas metodologias que compõem o “*Art of Hosting*” e mais especificamente o “*World Café*” (Café Mundial) em 2010, resolvi investir meus estudos e minha prática educadora na compreensão destas ferramentas educativas, que a partir de uma série de princípios estabelecem a base para um diálogo profundo, ou para uma conversa significativa, tão essencial para a acessarmos, de forma coletiva, a sabedoria necessária em busca de soluções para os desafios socioambientais de nosso cotidiano.

As conversas-entrevistas com os anfitriões de Columbus, Ohio eram sempre iniciadas com uma breve apresentação do meu projeto de pesquisa intitulado “*Construindo um território de sentidos através do diálogo: análise de uma práxis educativa na APA Embu Verde*” e de uma localização geográfica da região e de um breve mapeamento dos conflitos existentes: de um lado

os interesses da sociedade civil (movimento dos artistas e dos ambientalistas e moradores locais), em busca do “bem comum” e da manutenção e conservação dos remanescentes de Mata Atlântica na área de proteção ambiental; e de outro, os interesses econômicos particulares de um grupo de empresários, industriais e do poder público manifestados na aprovação do Plano Diretor de Embu das Artes que autorizava a construção de um corredor industrial/empresarial em plena região da APA Embu Verde.

A cada entrevista eu revia os meus objetivos de pesquisa, de forma a aprofundar melhor as questões de pesquisa e as possibilidades e alcances de uma proposta educativa neste contexto. A forma de apresentar e iniciar a conversa também variava em função do interlocutor ou dos recursos disponíveis, sempre mostrava a colheita do nosso 1º Café da APA (vide Figura 17), um painel visual que mostra os anseios, sentimentos e proposições do grupo formado no processo de formação do Diagnóstico Socioambiental da APA Embu Verde, o trailer do vídeo: “*Embu, Terra das Artes*”, em que as imagens captadas conseguiam aproximar o entrevistado ao local ultrapassando as barreiras da língua estrangeira e das diferentes visões de mundo.

Diante deste “preâmbulo”, um pouco longo, mas essencial para saber de onde iniciamos a conversa, o interlocutor me contava a sua história com o World Café e com o *Art of Hosting*, sempre a partir da pergunta inicial: *Como você se tornou um anfitrião?* Neste contexto, vale destacar a forte referência que praticamente todos os entrevistados fizeram em relação a uma pessoa: Phil Cass, na época presidente da Associação Médica de Columbus (CMA) que vislumbrando a pertinência da metodologia trouxe a proposta para a cidade de Columbus, promovendo treinamentos, workshops com especialistas, ou melhor, praticantes de longa data que utilizam a metodologia em seu trabalho cotidiano.

Otto Scharmer (2009) utiliza o termo *entrevista diálogo* em seu livro *Teoria U*, para este tipo de entrevista que muito se assemelha a uma conversa, ou seja, usa os mesmos pressupostos necessários a um diálogo (BOHM, 2005), no qual o pesquisador tem um roteiro de questões previamente elaborado, mas durante a conversa com o entrevistado ele se mantém atento ao que surge e permanece num estado de presença e de atenção plena. Os princípios deste tipo de entrevista são: (1) transparência e confiança, (2) prática da escuta profunda, (3) suspender julgamentos, (4) olhar a situação a partir do ponto de vista do entrevistado, (5) escuta apreciativa,

(6) escuta geradora: aquela que pode gerar um entendimento melhor da questão, (7) acessar sua ignorância ao agir de forma espontânea seguindo o fluxo da conversa e das perguntas que lhe ocorrem e, finalmente, um estado de presença total que permita até os momentos de silêncio. Ao longo da conversa ele identifica quatro tipos de escuta de acordo com os itens listados abaixo:

1. Escuta 1 – dos hábitos – Escuta sem julgamento
2. Escuta 2 – de fora – Escuta dos fatos, de modo a perceber as diferenças
3. Escuta 3 – de dentro – Escuta com empatia
4. Escuta 4 – da fonte – Escuta geradora

A partir das doze entrevistas realizadas, pudemos verificar uma série de elementos que possibilitaram o “sucesso” da proposta na cidade de Columbus, nas mais diversas instituições (associação médica, universidade, poder público). Os anfitriões **trabalham em rede**, sempre buscando ajuda **e cooperação** entre os membros para os desafios que enfrentam nos seus respectivos ambientes de trabalho. Vale ressaltar que muitos dos anfitriões ocupam posições de destaque, como diretores de departamentos na universidade, presidentes de associações de classe, diretores de organizações não-governamentais e assim por diante, **todos têm em comum a posição de líder**, por isso o título do artigo aludindo à imagem do herói.

Sintetizamos no quadro abaixo o resumo dos assuntos tratados em cada uma das entrevistas, sempre partimos da história da pessoa e seu caminho para se tornar um anfitrião, os desafios, os conflitos enfrentados nesta jornada. Em seguida, os projetos desenvolvidos, as questões e o propósito de cada processo e terminávamos pedindo uma definição sobre os conceitos de liderança anfitriã e conversa significativa. O roteiro orientador de questões pode ser verificado em anexo.

Sua história como anfitrião	Conflitos	Projeto	Processo	Conversa significativa
Desafios	Questões (Perguntas)	Público-alvo	Propósito	Liderança anfitriã

Destacamos a seguir os pontos principais de cada entrevista, como qualidades do processo de ser anfitrião, o título em destaque é o aprendizado mais marcante de cada conversa significativa. De uma maneira geral, o conteúdo das conversas-entrevistas contemplou os seguintes aspectos:

1. A qualidade do *host*
2. A jornada pessoal de cada um para se tornar um *host*
3. O processo do *Art of Hosting* em Columbus, Ohio
4. A conversa significativa
5. Os conflitos

- A qualidade da presença e o sentido de “*MINDFULNESS*”.

Dr Tom Gregoire (College of Social Work, Ohio State University)

Trata-se de estar engajado com cada um de nós e com o mundo de um modo muito presente e consciente (in a very mindful way).

Penso que se estivermos mais conscientes de nós mesmos, mais conscientes sobre as conexões entre nosso pensamento e nossas emoções, mais auto-conscientes no momento presente com cada um de nós, haverá muito maior possibilidade de nos engajar num diálogo significativo, nós seremos capazes de ver e experienciar o conflito no momento e depois deixar isso fluir e nos mover para o que precisa ser conversado...

Portanto, a minha resposta (sobre como lidar com conflitos no processo dialógico) seria a exploração do que é necessário para criar uma sociedade mais presente e consciente e um engajamento mais presente e consciente entre cada um de nós.

Minha primeira entrevista foi com Dr Tom Gregoire, professor e diretor do Curso de Serviço Social da universidade Ohio State (OSU). Antes da entrevista, preparei muito bem o roteiro de questões e estudei detalhadamente seu *Curriculum Vitae*, buscando suas publicações e trabalhos de relevância, elaborei um termo de consentimento para solicitar a gravação de imagens e da entrevista buscando referências no Conselho de Ética da FEUSP e na OSU. Ao chegar ao local, com certa antecedência, como manda o protocolo americano, a secretária me falou para esperar em frente a sua sala onde se via uma placa com a palavra “DEAN” (DIRETOR) escrita em grandes letras, tive a sensação de “falar com o rei”, nas proporções devidas, eu, uma educadora ambiental e pesquisadora brasileira, fazendo pesquisa na “Ohio State” e agora, diante do Diretor da Faculdade, era muita ousadia da minha parte ou muita coragem.

Enfim, ao encontrá-lo o clima de conversa foi tomando conta da sala e eu percebi que estava diante de uma pessoa, assim como eu, muito interessante por sinal e com uma concepção

dialógica de educação que nos unia de alguma forma naquela conversa. Ele então me contou que teve a sorte de participar de um treinamento do *Art of Hosting*, promovido por Phil Cass na época em que o ambiente de trabalho na universidade não estava nada bem. A partir daí surge toda a história do **Curriculum Café**, uma estratégia participativa que utilizou para definir um conjunto de princípios que deveriam orientar o novo Currículo do Curso de Serviço Social. Em seu primeiro café para discutir a proposta ele me conta que iniciou a conversa com a figura de um **grande elefante**, nos EUA eles usam a expressão (*elephant in the room*, um elefante no meio da sala) quando se trata de algum problema. Havia uma falta de disposição ao diálogo entre os profissionais do Serviço Social (professores universitários, estudantes, funcionários) e os representantes das comunidades em que estes trabalhavam, pessoas com grau de formação distintos, diferentes histórias de vida, dentre outros fatores eram alguns dos entraves para que houvesse um encontro genuíno. Diante da figura do elefante ele falou que naquele momento eles tinham uma proposta comum a todos, que consistia em definir um conjunto de princípios de orientação para o novo currículo do curso. *“Diante de uma proposta clara, fica mais fácil estabelecer um diálogo”*, ele ressalta, o convite teve um papel fundamental neste processo, ele foi pessoalmente falar com cada um de seus colegas de departamento para convidar para a conversa sobre o currículo, o que gerou um grau de compromisso e um sentimento de que todos eram importantes nesta conversa.

Uma coisa importante quando estamos fazendo algo novo como este processo na universidade é ter a coragem para fazer isso inteiramente, não se pode fazer isso de forma parcial, você não pode tentar algo novo sem um total comprometimento, e a questão para mim era: de onde vem esta coragem? E para mim ela veio do companheirismo, pois eu envolvi no projeto uma colega da universidade e uma pessoa do setor administrativo que era bem reconhecida na comunidade e então eu pensei que eles poderiam estar abertos a este tipo de proposta, perguntei se eles gostariam de contribuir e eles me apoiaram.

Um outro conceito importante que aprendi com o professor Gregoire foi o conceito de *“Mindfulness”*, algo que pode ser traduzido por um estado de atenção plena, tanto interna, quanto externamente, da pessoa consigo mesma e com o ambiente no qual esta se insere. Para se estabelecer um diálogo com os outros, é preciso primeiramente desenvolver um diálogo interno, uma prática de aquietar a mente, suspender os pensamentos por alguns instantes para

então conseguir um estado de atenção plena. Precisamos de uma sociedade com atenção plena, mais consciente e mais presente, ele me disse enquanto me mostrava os “*cushions*” ao lado da estante de livros, as almofadas azuis próprias para a prática de meditação.

O professor Gregoire destacou a premissa de um processo dialógico: nós até podemos discordar e pensar de maneira diferente, mas todos nós nos importamos com isso (*we all care about that*), este foi um bom “insight” para mim, pergunto se todas as pessoas estão se importando com a conservação ambiental ou não? O verbo *to care* remete o cuidado e à consideração que temos por algo ou por alguém. Será possível existir um processo dialógico numa situação de conflito permeada por interesses distintos em que não é possível identificar um propósito comum, um sentido de consideração mútua, ou um cuidado compartilhado por um lugar a ser conservado? E ao invés disso temos múltiplos interesses, muitas vezes privados e particulares em torno de um bem comum. Retomaremos esta questão mais adiante no texto ao explicitarmos os desafios encontrados na APA Embu Verde. Neste sentido do cuidado, é que ele coloca os conflitos vivenciados durante o processo de construção coletiva do novo currículo:

Eu vejo o conflito como algo positivo, tal como ele é, é paixão, é o seu interesse, é o seu comprometimento na questão, como isso pode estar errado? Você deve ficar preocupado se você organiza um encontro e ninguém aparece, a apatia pode matar o processo, o conflito não. Portanto, enfatizamos isso muito e demos muita permissão ao conflito, creio que o meu maior papel durante o processo de planejamento era ajudar as pessoas a tolerar a ambiguidade, quer dizer não chegar rápido demais a uma solução, nós queremos algo pelo que possamos nos orgulhar, algo criativo. Portanto, era importante sentir-se confortável em não saber.

Ele também admite que os desafios consistem em: **confiar no processo e no grupo** e ter disponibilidade **para assumir os riscos**, vê a função do anfitrião como aquele que **permite que o conflito apareça** e ajuda o grupo a **tolerar a ambiguidade e a incerteza** do processo, as pessoas podem ter visões diferentes sobre uma questão, isso não é um problema, contanto que todos vejam a importância do assunto que estão tratando (“*care about it deeply*”). Ressalta também a importância de ter um grupo que promova o processo de diálogo, não é algo para se fazer sozinho, sempre deve procurar apoio em outros que partilhem da ideia.

Ao final da entrevista ele me diz que **mais do que um conjunto de técnicas, o *World Café* e o *Art of Hosting* correspondem a uma forma de se relacionar com a comunidade**, no caso na

relação universidade - comunidade (*"it is a **way of being** in relationship with your community"*) e aponta a **prática da meditação** como uma prática pessoal cotidiana para conseguir estar atento para realizar seu trabalho (*It's a everyday process, it's a **mindfulness process***). Sobre os conflitos, ele diz que um dos *insights* reside no processo de se criar uma sociedade mais presente e consciente (*mindful*) com mais envolvimento com as pessoas (*more engagement with each other*), **"engage with each other in a mindful way"**. *"Se você for uma pessoa presente, você será um bom anfitrião"* (*"If you are a mindful person, you will be a good host"*).

E para terminar disse que está animado com o meu trabalho e que aprendeu muito. (*I'm really excitment about your work"...I am learning"....That's sound very excitement"*). Demonstrando na prática o valor da nossa conversa significativa, que segundo a sua definição é:

Uma conversa significativa é aquela que modifica você um pouquinho ou muito, é uma conversa em que você é muito autêntico, ouve com atenção, não é um debate, pode até haver desacordos, o objetivo da conversa significativa não é ter você do meu lado, é aprender sobre você e para você aprender sobre mim e para ver o que podemos criar. Uma conversa significativa é aquela que quando acaba você olha pra trás e se sente bem, sente que aproveitou o tempo, posso até dizer que eu aprendi algo novo sobre mim e sobre a situação. Nem todo mundo usa as palavras – conversa significativa – mas todo mundo sabe o sentimento de ser ouvido, de ser verdadeiramente ouvido, todos alguma vez já tiveram esta experiência.

Dr Tom Gregoire resumiu, de forma didática, os **pontos importantes**, o que é preciso para realizar uma inovação destas:

- **Encontrar parceiros (companheiros) que vão lhe dar suporte**
- **Fazer isso completamente (do it fully)**
- **Ter um propósito muito claro**
- **Foco no futuro**
- **Elaborar o convite como um pedido pessoal**
- **Ter um lugar muito bonito e agradável**
- **Ser apreciativo**

- A qualidade de anfitriar a si mesmo ***“ENJOY YOUR BREAKFAST!”***

Kelly Budros, Projeto HarmoniCOP (ONG, inclusão social através da música)

É apenas o modo como eu sou, (host) é um modo de ser com quem eu convivo. Estar presente e perceber a sua própria história e não ficar imaginando coisas na minha mente. Estar presente na sua própria história com o coletivo. Conectar a sua própria narrativa com a narrativa coletiva e permanecer na coletiva, isso é difícil para mim. Você precisa acolher a si mesmo, para ser você mesmo, prestar atenção como um anfitrião, isso envolve auto-cuidado, dormir bem e sentir-se preparado para fazer uma limpeza emocional acerca do que você leva para a conversa. É um processo a ser feito sempre, é uma reflexão interna, não há outra maneira de ser uma anfitriã. (Kelly Budros, HarmoniCOP)

Kelly Budros, diretora de uma organização não governamental (ONG) que trabalha com inclusão social através da música na cidade de Columbus – Projeto HarmoniCOP - convidou-me para tomar um café da manhã delicioso na confeitaria do seu marido localizada num bairro charmoso de tradição alemã “German Village” e ressaltou a importância de anfitriar a nós mesmos para ser um bom anfitrião, logo nos primeiros instantes da nossa conversa, enquanto eu me atrapalhava para tentar explicar a situação dos conflitos no Embu e a complexidade do meu projeto, ela simplesmente me disse: *“Enjoy your breakfast!”* Como se quisesse ressaltar a importância do café da manhã e do momento presente, por isso essa frase ficou como título destaque desta conversa.

Kelly conheceu o *World Café* e o *Art of Hosting* num workshop na universidade Ohio State no Centro de Mulheres (Women’s Place) no qual Tuesday Ryan-Hart trabalhava na época. Na época, ela trabalhava no Columbus State Community College e atuava num projeto com refugiados da Somália, população que vem crescendo bastante na cidade de Columbus. O World Café era um método bom para o seu trabalho porque consistia em promover rodas de conversa entre os jovens que estavam acostumados à cultura norte-americana e os adultos e idosos que tinham a preocupação de manter sua cultura de origem mesmo no país estrangeiro. Neste

contexto, todas as vozes deveriam ser ouvidas e o grupo deveria chegar a soluções conjuntas de forma coletiva.

Kelly desenvolveu trabalhos com grupos de mulheres e meninas em situação de risco num projeto do Fundo de Apoio às Mulheres (*Women's Fund*) que existe em vários países do mundo, inclusive no Brasil. Seu trabalho como anfitriã era trazer as vozes destas meninas e promover um diálogo com a comunidade, ao invés de falar sobre os problemas elas resolveram perguntar sobre as qualidades que as meninas desenvolveram para serem bem sucedidas, mesmo em situações tão desfavoráveis, trata-se de mudar o foco, disse-me Kelly - o “esperado” seria falar sobre o que há de errado com essas meninas e não descobrir as potencialidades que as levaram a superar os desafios, para então, como comunidade pensar em estratégias que pudessem dar suporte para este grupo de meninas serem bem sucedidas. Trata-se de um olhar apreciativo (*Appreciative Inquiry*, COPPERRIDER; WHITNEY; STAVROS, 2008) que busca os recursos disponíveis e o foco no potencial humano que existe ao invés de se concentrar apenas nos problemas. As meninas queriam ser ouvidas, não queriam que os adultos falassem sobre elas e apresentassem propostas sobre suas vidas, o que era preciso era fortalecer o grupo e dar-lhes o suporte que fosse necessário.

Ao falar sobre o tipo de liderança do anfitrião (*host*) ao invés do herói (*hero*) ela me diz que a principal diferença está no convite, o anfitrião é aquele que convida as pessoas para explorar juntos uma questão, enquanto o herói agenda uma reunião. Há muita pressão em ser um herói, você tem que saber as respostas e isso é cada vez mais difícil no mundo complexo em que vivemos, já o anfitrião é algo prazeroso, é um sentimento totalmente diferente. Neste aspecto a curiosidade do anfitrião é essencial, ele realmente não detém todas as respostas.

Se você engajar as pessoas elas estarão envolvidas na solução do problema, você não precisa convencer ninguém, é muito menos trabalho o modo “Art of Hosting” e muito mais efetivo. Assim quando é preciso tomar uma decisão, essa será muito mais completa, informada, considerando os vários pontos de vista, os vários lados. Assim é possível usar as habilidades das pessoas no projeto, é assim que os sistemas vivos funcionam.

Sobre os conflitos ela me disse que é difícil para o anfitrião quando este tem que lidar com pessoas que acreditam que sabem a resposta certa e não estão preocupados com a opinião dos outros que também participam do contexto. Neste caso pode haver um processo de manipulação

e os objetivos do diálogo autêntico não são alcançados. Mesmo que haja diferentes pontos de vista, deve haver a disposição para o diálogo, as partes devem estar dispostas a conversar. A curiosidade e a disposição para ouvir são fundamentais numa conversa significativa.

Sobre os desafios, ela destaca a capacidade de se manter presente na conversa, a atenção plena para estar aberto à inteligência coletiva e não ficar preso na sua própria história. Neste sentido a importância de anfitriar a nós mesmos para conseguir este centramento, um **auto-cuidado** é necessário e uma consciência de suas próprias emoções, **auto-consciência e auto-cuidado**.

- O lugar do anfitrião: *o território do unbroken wholeness*

(Phil Cass, Ph.D, CEO of Columbus Medical Association - CMA)

Penso que acima de tudo existe um todo do qual todos nós somos parte. Quando eu sou o anfitrião de algum processo eu acredito que estou convidando as pessoas para este lugar – o do todo unificado (unbroken wholeness). Este é tipo de pensamento que eu tenho dentro de mim a partir deste território da unidade, da totalidade ”

Phil Cass, presidente da Associação Médica de Columbus, Ohio, a pessoa que trouxe o *Art of Hosting* para a cidade e teve a visão e o pensamento estratégico de investir na formação das lideranças da cidade para estas novas metodologias, é reconhecido como o mentor do processo. A conversa com Phil Cass foi como um encontro com o mestre, suas palavras continuam como uma fonte de inspiração ecoando em meus pensamentos. Ele ressaltou o lugar do anfitrião “*the place of the host*”, em seus diferentes níveis tanto como um processo interno quanto externo, pois nestas metodologias de diálogo há sempre dois níveis distintos: um externo sobre o processo no qual estamos trabalhando e outro interno sobre o nosso diálogo interior neste processo. Disse-me que o conflito que vivenciamos lá fora é apenas um reflexo do conflito que vivemos internamente, por isso é importante pensar na nossa relação com o conflito, como isso me afeta, de forma a criar um ambiente para que o conflito possa ser tratado de forma construtiva, como possibilidade de mudança. Ressaltou ainda a importância de trazer a **compaixão e a empatia** para anfitriar conversas difíceis, pois é sempre a partir das conversas difíceis que estabelecemos em nosso diálogo interno, que podem sugerir pistas de como convidar todas as vozes a participarem do processo.

Sua jornada pessoal para se tornar um anfitrião começou ao participar de um retiro no antigo Instituto Shamballa, hoje ALIA (*Authentic Leadership in Action*) em Halifax, Nova Scotia,

Canadá. Neste local ele encontrou Margareth Wheatley e participou do primeiro *Art of Hosting* oferecido por Juanita Brown, uma das criadoras do World Café. Achou a metodologia muito interessante para acessar a inteligência coletiva de pequenos a grandes grupos de pessoas e começou a aplicar o processo para lidar com as questões complexas que vivenciava em seu ambiente de trabalho nas reuniões de diretoria e com os funcionários. No último dia de encontro no Instituto Shamballa em outubro de 2004, ele conversou com Toke Muller, um especialista na metodologia do *Art of Hosting*, originário da Dinamarca que promove cursos no mundo todo e é considerado um “guardião” da metodologia, sobre a possibilidade deste ir a Columbus para um treinamento.

Em março de 2005 acontecia o 1º *Art of Hosting* em Columbus, Ohio com 25 pessoas incluindo líderes de vários setores da cidade (universidade, governo, organizações da sociedade civil), neste encontro, Dr Marc Parnes (membro da comunidade médica que também integra a lista dos anfitriões entrevistados) chamou uma sessão durante um “Open Space – Espaço Aberto” (metodologia em que os participantes levam as questões sobre as quais querem conversar) sobre “A possibilidade de promover um sistema de saúde acessível e sustentável para todos na região de Franklin County (algo equivalente à “grande Columbus”). Desta conversa foi formado uma equipe para promover encontros sobre esta questão e simultaneamente foi contratada uma consultoria externa (Generon Consulting- Change Lab, Adam Kahane) para realizar um estudo sobre as possibilidades e disponibilidade de mudança no sistema de saúde em questão.

Foram realizadas 58 entrevistas “profundas” (in-depth interviews), cujo objetivo era descobrir o que as pessoas (atores importantes do sistema) pensavam acerca do sistema, não só em nível intelectual, mas o que elas estavam sentindo em relação ao seu trabalho no setor. Este processo foi denominado de “sensing interviews” a partir das seguintes questões: “*How do individuals experience the system? How do they respond to a system that all agree is unhealthy?*”. A partir daí eles perceberam uma disposição para a mudança e convidaram os participantes dos três setores (governo, empresas e sociedade civil) para uma reunião de apresentação do Relatório da Pesquisa realizada. A partir desta conversa formou-se um grupo de pessoas interessadas em continuar o processo e estes foram formados nas metodologias do *Art of Hosting*. Com o apoio de um “expert” de fora, no caso Toke Muller, experiente praticante da Comunidade *Art of Hosting*

foi chamado como o especialista da Dinamarca em processos participativos e assim sua presença foi legitimada pela comunidade de médicos e atores da área de saúde.

O processo durou quase dois anos e constitui-se de uma série de “assembleias” que se utilizaram da estratégia participativa das metodologias do *Art of Hosting*. Phil destaca que nem ele nem seus colegas tinham ideia da dimensão que o processo tomaria ao iniciar e que ele não tem notícia de que exista em outra cidade do mundo um processo tão complexo do *Art of Hosting* como o que houve em Columbus, Ohio.

Entenda Maria, enquanto nós estávamos realizando o processo nós não tínhamos a menor ideia de onde isso iria chegar, nós estávamos descobrindo a medida que o processo foi sendo construído. Portanto, para o grupo que estava liderando o processo, originalmente 20 ou 21 pessoas, isso foi uma experiência de vivenciar o “Caos”, porque nós não tínhamos ideia do que iria acontecer e ninguém havia utilizado o Art of Hosting numa escala tão grande.

Neste processo os participantes conseguiram transformar a questão e sair do sistema de “doença” em busca da construção de um sistema de saúde. Esta mudança de visão foi essencial para o entendimento comum do processo de fortalecimento comunitário através das conversas significativas como um processo de cura para o sistema (*a healing process*). Aqui ele destaca a importância de enxergar além da questão pontual, entender a questão da saúde de forma mais ampla e nisso pode ser uma aproximação às nossas questões ambientais da APA Embu Verde, uma vez que não estamos falando apenas da conservação de uma área verde, mas sim de garantir a qualidade da água, da qualidade do ar e da qualidade de vida para os moradores e para toda a região. Se estamos tratando do Sistema de saúde, então precisamos falar do Sistema de saúde que desejamos e, neste sentido, a saúde é que é sustentável, a doença não é sustentável!

Nós decidimos que o melhor seria engajar o maior número possível de pessoas em conversas significativas

FIGURA 5 - ILUSTRAÇÃO DO PROCESSO DE CONVERSAS SIGNIFICATIVAS REALIZADO NO ÂMBITO DO PROJETO “OUR OPTIMAL HEALTH”, COLUMBUS (OH). IMAGEM CEDIDA POR PHIL CASS.

Durante a nossa conversa Phil me mostrou todas as colheitas registradas ao longo do processo das várias assembleias e esta bela figura do rio com os barcos que sintetiza a jornada, evidenciando a complexidade de todo o processo e a dificuldade da questão num modelo de sistema de saúde com base em segurança privada e não no sistema público, lembro-me de que rimos juntos enquanto eu argumentei sobre se realmente existe um modelo norte-americano de sistema de saúde para todos e ele falou realmente que o nosso modelo brasileiro está muito mais avançado em termos de sistema público – eu disse então de forma espontânea: *Se você está promovendo esta mudança tão grande no sistema com o Art of Hosting, quem sabe eu também possa realizar algumas pequenas mudanças na Educação Ambiental*”.

A qualidade de cura, de cuidado do processo de transformação comunitária ficou evidente e, finalmente o lugar desta unidade em que podemos nos encontrar como seres de diálogo “the

place of unbroken wholeness”, o convite a este território, no qual estamos fundamentalmente ligados ou conectados, este é o lugar que desejamos criar quando falamos em diálogo sobre as questões ambientais, um lugar em que seja possível nosso reconhecimento em meio a uma unidade comum da qual todo fazemos parte.

A conversa com Phil Cass foi uma experiência marcante, a magia das suas palavras ainda estão comigo quando eu penso nelas, continuo procurando uma boa tradução para este lugar do anfitrião, o território do *“unbroken wholeness”*, tão relevante também ao educador ambiental e esta pode ser então a conexão estabelecida entre o *Art of Hosting* e a Educação Ambiental, criar este espaço, este sentido de lugar, de forma a re-estabelecer um outro tipo de relação com o ambiente e com cada um de nós.

Se você quiser fazer isso de forma autêntica, você deve fazer a “lição de casa” consigo mesmo

Resumindo todo o processo, Phil destaca o seguinte:

1. *Primeiro treinamento “Art of Hosting” – surgiu a questão: Ter um Sistema de saúde acessível e sustentável para todos*
2. *Entrevistas com lideranças do Sistema de saúde conduzidas por uma equipe externa de consultores (Change Lab, Adam Kahane)*
3. *Apresentação (devolutiva) do estudo – 1ª Assembleia*
4. *Formação de um grupo com 21 pessoas (core team) de pessoas interessadas em continuar o trabalho, treinamento “Art of Hosting” (2 treinamentos “retreats”) para este grupo*
5. *Processo das assembleias com representantes dos vários segmentos envolvidos no tema (dois anos de trabalho – Projeto Our Optimal Health)*

- ***Can I ask you a question? A conversa que cura (healing conversation)***

Dr Marc Parnes, médico, President of Columbus Medical Association Foundation

Eu tenho uma história, que pode até parecer boba, mas que eu acho que ilustra bem o que estou tentando dizer, eu não costumo mais usar aquela roupa de médico (scrubs), mas já usei muitas vezes e houve um dia, uma manhã em particular que eu estava voltando do hospital com “roupa de médico” e parei no Mc Donalds para tomar café da manhã, era seis da manhã, não tinha ninguém na lanchonete e a atendente me viu com aquela roupa e me perguntou:

- O senhor é médico? Posso lhe fazer uma pergunta?

E eu disse, claro! E ela perguntou sobre sua saúde, logo vieram mais dois ou três atendentes e quando eu vi estavam todos a minha volta conversando durante meia hora. Eles só queriam tirar dúvidas sobre sua saúde e eu estava lá, promovendo este espaço, é o que eu chamo de “holding a space” porque foi ótimo para mim, havia uma necessidade ali, eu cursei Medicina porque eu queria me sentir útil, uma das coisas importantes para mim é me sentir útil e só por estar disponível naquele momento eu pude promover este espaço.

Uma conversa de cura foi a entrevista com **Dr Marc Parnes**, ele, como médico fez uma série de analogias com a Medicina e a relação entre o médico e o paciente. Devo ressaltar que essas conversas – entrevistas para mim foram momentos de extrema conexão que eu estabeleci com as pessoas, uma vez que, por estar num país estranho, tínhamos poucos amigos e poucas pessoas para conversar, de repente, meus entrevistados tornaram-se meus amigos naquele momento de escuta sensível e na partilha das questões de pesquisa, a minha felicidade era visível cada dia que tinha uma entrevista marcada.

Juanita Brown, destaca esta experiência que eu pude vivenciar, ao pedir a colaboração para os membros da Comunidade do *World Café* sobre suas questões de pesquisa houve um processo de partilha, em que o entrevistado passa a ser um “co-investigador” do estudo (BROWN, 2001) como se estivesse falando junto como amigos a fim de chegar ao sentido profundo e aos temas da experiência.

Imagine um médico, com aquela roupa verde de médico que acabou de sair do trabalho, sentado numa mesa, às seis horas da manhã, tomando café da manhã no *Mc Donalds*, e a sua

volta quatro atendentes tirando dúvidas sobre sua saúde. Essa é a imagem que melhor ilustra a qualidade deste médico-anfitrião que eu tive o prazer de conversar.

Dr Marc ressaltou a importância de promover este espaço de conversa, em qualquer ambiente, como uma prática cotidiana. E por ter o convite, o espaço já vai se abrindo, segurar este campo, promover este espaço, e nesse sentido ele me conta o seguinte:

Isso me fez pensar no fato de você estar andando no meio de uma multidão e sentir-se isolado, ou você pode estar no meio da multidão e estar disponível, esta é a diferença, se pensarmos no processo de liderança, também podemos pensar desta maneira, um líder pode estar disponível ou não disponível, sentir-se ameaçado ou não. Na nossa prática, em nosso escritório, depois de participar do treinamento do Art of Hosting eu levei isso para o meu escritório e as nossas reuniões acontecem no estilo anfitrião das conversas significativas, há pessoas que tinham medo de contribuir e agora estão participando muito mais, eu participei do seminário ALIA (Authentic Leadersip in Action) e lá eu tive a oportunidade de participar de um treinamento de auto-organização (self-organization), foi fabuloso e agora eu pratico isso com a minha equipe, se temos uma tarefa a ser realizada eu pergunto: Quem poderia desempenhar esta tarefa? Quem gostaria de realizá-la? Quem ficará com esta responsabilidade? E a distribuição de tarefas acontece de forma partilhada.

Entender o médico como um anfitrião e o poder que tem como anfitrião, porque é a pessoa, o paciente que sabe mais sobre o seu corpo, *então o meu papel é acolher e fazer boas perguntas para que ela possa perceber de onde vem sua doença e o que pode contribuir para sua cura*. Isto é uma grande mudança!

Para falar sobre como ele havia se tornado anfitrião, Dr Marc relatou que desde o primeiro círculo de conversa ele se sentiu muito bem e falou para si mesmo:

Eu que sou uma pessoa introvertida e até mesmo tímida e não gosto de estar com muita gente, naquele momento eu me senti muito bem - Eu quero correr riscos, explorar o que eu não sei – Como eu posso ser melhor nisto? Este processo foi muito significativo para mim, a importância das boas questões, mesmo que eu tenha sido treinado, em minha profissão a fazer perguntas, perguntas abertas que abrem o diagnóstico e não fechadas que vão limitar a possibilidade de diagnóstico, eu comecei a ter um incrível apreço sobre quais questões poderiam ser.

Logo no primeiro treinamento em que tivemos um “Open space” eu coloquei a pergunta sobre a qual eu gostaria de conversar com as pessoas presentes: Seria possível sustentar um encontro da comunidade para desenvolver um sistema de

saúde acessível e sustentável a todos? sem exclusão, nós não selecionamos as pessoas, todos eram bem-vindos até os donos das companhias de seguros, todos.

Falei com Phil e ele me disse que iria para o seminário “ALIA” em Nova Scotia, ele foi, fez bons contatos e voltou com a ideia de desenvolvimento do projeto “Our Optimal Health”.

Para mim aquelas conversas serviam para melhorar minha habilidade com meus pacientes, no sentido de ser um anfitrião dos meus pacientes, ter mais tempo para as consultas, ouvir melhor, e neste processo eu encontrei mais satisfação e mais alegria em exercer a medicina.

Sobre os conflitos

Creio que a ideia de conflito no sistema de saúde apareceu durante as entrevistas realizadas de duas formas: (1) o Sistema está falido e (2) eu não posso resolver, em cada um dos três setores (governo, empresa e sociedade civil) foi a resposta que mais ficou evidente e outro problema é que as pessoas queriam uma solução para o sistema, uma solução imediata.

Isto, segundo Dr Marc é parte da natureza humana, é muito difícil para nós ter um problema e não fazer nada. O que o *Art of Hosting* propõe é aprender a explorar o problema antes de sair executando tarefas, é uma mudança de visão.

Eu gosto das analogias – na medicina isso é muito nítido – não é possível resolver isso imediatamente, mas conviver com isso, não tem uma solução imediata – questões como a dor crônica, por exemplo – a medicação não é uma solução muito boa, porque causa dependência, ou a infertilidade – mesmo com a fertilização in vitro – Como você vive com a ideia de não ser capaz de se reproduzir, não se trata de negar a ciência, mas como resolver se não há o que resolver.

A nossa visão, principalmente na Medicina é problema → solução, problema → solução, mas poderia ser visto de outra perspectiva como problema → explore as questões. A cirurgia, por exemplo, nem sempre é uma solução, ela também apresenta riscos. Até mesmo a cirurgia, quem é o responsável pelo processo de cura é o organismo da pessoa, não sou eu médico, eu faço a minha parte, facilito o processo, mas espero que o organismo do paciente promova a cura. Eu já vi médicos realizarem cirurgias terríveis e o corpo consegue se recuperar, eu faço o meu melhor, mas mesmo assim é o corpo que cura, como posso levar o crédito de um processo que é totalmente desempenhado pela “mãe-natureza” ou o que quer que você queira chamar.

Todos nós temos a nossa voz interior (pessoal e profissional) quando nós chegamos no nível pessoal é que começamos a fazer perguntas. Por que minha

parte profissional não está me deixando fazer isso? Se conseguirmos manter este espaço aí sim a mudança acontece, talvez eu seja muito otimista, não sei, mas penso que é a única esperança que temos porque enquanto todos estão trabalhando nisso, silenciando sua voz pessoal, interior e usando sua voz profissional para dizer como eles devem agir, eles não estão apenas julgando como também estão deixando de realizar as coisas de maneira produtiva. Portanto, quando eu penso na minha paternidade, como o pai que eu era antes e como sou agora, eu sei que meus filhos cresceram e eu também amadureci, mas a minha paternidade é muito diferente porque no início eu não sabia e tinha muito medo, então eu agia como eu pensava que deveria agir, agora eu posso agir de acordo com o que sinto no meu coração, eu continuo cuidando deles profundamente, mas o meu modo de agir mudou porque eu ganhei algum conhecimento e um estado de “atenção plena” (mindfulness) para entender que eu quero que eles estejam seguros, mas como eu vou garantir isso, poderia trancá-los no quarto, ou então ensinar-lhes como eles podem estar seguros. Isso faz sentido? Sim, isso faz muito sentido...Portanto, eu penso que dar essa oportunidade às pessoas para que elas tenham seus momentos de “insights” e reflexão sobre sua prática, eles podem então começar a fazer as coisas de uma forma diferente. E estamos vendo isso acontecer a nossa volta porque as pessoas têm sido expostas ao Art of Hosting, não é algo mágico que a metodologia tem, mas sim um método sistematizado de olhar para os problemas e uma outra maneira de interagir com as pessoas. Se eu estiver numa posição de poder eu serei o melhor que eu puder com as pessoas que estão comigo ou eu vou apenas pensar no que é melhor para mim e trazer a responsabilidade sobre as minhas ações. Quando vejo a construção de hospitais que cada vez aumenta, eles dizem que é para o melhor dos pacientes mas não seria para conseguir mais dinheiro?!. Eles estão fazendo um bom trabalho cuidando dos pacientes, mas eles precisam ter a certeza de que estão atraindo mais pacientes com alto poder aquisitivo, então constroem hospitais luxuosos, que na verdade não é o mais importante.

- E como trazer essas pessoas para a conversa?

Isso é muito difícil, às vezes basta apenas o convite, porque eles desejam participar do processo, eles enxergam valor no processo. Por exemplo, eu sou agora o presidente da Fundação da Associação Médica de Columbus e é muito importante para mim praticar o Art of Hosting nas nossas reuniões, é importante que todos participem no início da conversa com a pergunta do Check-in e do Check-out e aos poucos isso vai modificando a natureza das nossas reuniões, às vezes é apenas uma questão de prática, ir fazendo, tanto com meus pacientes eu sempre pergunto: Quais as perguntas que você trouxe para a nossa consulta hoje? E a pessoa responde: eu só trouxe os exames, mas quais as dúvidas que você tem?

Enquanto conversávamos eu pensava sobre as conexões que estou tentando fazer sobre o conceito de “razão sensível” (MAFFESOLI,1998), o que inclui os conhecimentos e os sentimentos que precisamos para lidar com os desafios ambientais, sob a ótica da complexidade. A

importância da conversa como prática terapêutica foi algo forte em nossa conversa e isso inclui o papel do anfitrião em proporcionar este espaço, essa qualidade de anfitrião que está relacionada ao estar a serviço de, do servir o outro, ser um instrumento. Finalmente quando eu perguntei sobre os conflitos e quais questões, se exploradas podem nos ajudar a lidar com os conflitos, num processo dialógico, ele me disse: – *Quais os valores que eu trago? – O que eu gostaria de ver acordado (accomplish)? – O que eu estou disposto a abrir mão para alcançar tais objetivos?*

- A diferença entre o anfitrião e o ativista

Tuesday Ryan-Hart (Confluence Unlimited)

O anfitrião é diferente do ativista porque nós precisamos entender que nós não temos as respostas, há um estado de curiosidade no anfitrião, eu posso até acreditar que eu posso ajudar as pessoas a encontrarem juntas as respostas de forma coletiva.

Tuesday Ryan-Hart foi a minha anfitriã em Columbus, Ohio. Quando visitei a cidade pela primeira vez ela me encontrou num Café e me passou uma lista de contatos de pessoas da Comunidade do *Art of Hosting* na cidade que estiveram envolvidas no processo “*From Hero to Host*”, foi uma pessoa muito importante para mim. Foi uma das primeiras conversas que tive por Skype e mesmo no ambiente “virtual” foi de um acolhimento impressionante – Ela logo me disse:

- *Venha sim, nós podemos organizar pequenos grupos para a sua pesquisa, eu também tenho dois filhos pequenos e aqui tem boas escolas para eles...*

Durante a nossa *conversa-entrevista*, ela evidenciou a importância da rede que exist na Comunidade *Art of Hosting*, ela é um bom exemplo de como conseguiu trabalhar esse processo de forma autônoma em sua própria empresa usando as metodologias de anfitriar conversas significativas em projetos na comunidade, disse-me que 30% do seu trabalho consiste em dar treinamentos sobre o *Art of Hosting* (treinamentos de três dias em que os participantes vivenciam as metodologias), mas a maior parte do seu trabalho (70%) tem sido de utilizar os métodos de acolhimento (*hosting techniques*) para desenvolver projetos em associações, instituições diversas e em comunidades. Ressaltou a importância de fazer boas perguntas para ajudar as pessoas pensarem de um lugar mais profundo, perguntas que levem as pessoas a desafiarem a si mesmas. A habilidade de sustentar o conflito e desenvolver juntos um conjunto de princípios com uma proposta clara.

Tuesday trabalhou durante vários anos como ativista e assistente social na área de violência doméstica contra a mulher e questões de igualdade de gênero, fazia um trabalho terapêutico e depois passou a trabalhar de forma mais sistêmica atuando em políticas públicas e dando assistência técnica aos profissionais da área. Neste contexto, ela tinha que convencer as pessoas sobre o que elas deveriam fazer para tratar a questão e neste sentido é que apontou as diferenças da abordagem do *Art of Hosting*. Ela ressalta que gostava do seu trabalho, mas quando seu filho nasceu já ficou mais difícil de conciliar a quantidade de viagens que precisava fazer com os cuidados com o bebê, então aos poucos foi mudando de área. Quando conheceu o *Art of Hosting*, Tuesday trabalhava no Centro de Mulheres (*Women's Place*) na Universidade Ohio State e sua chefe, na época Deb Ballam foi convidada para um treinamento e não pode ir, então Tuesday foi no seu lugar. Para sua surpresa os “grandes nomes” da Comunidade *Art of Hosting* estavam no encontro (Adam Kahane, Toke Muller), mas como ela não conhecia ninguém só veio a perceber isso depois, ao final ela disse que havia gostado do processo, mas não tinha certeza de como poderia aplicar estas metodologias em sua prática de trabalho com as questões de gênero e chamou um “Open Space” (uma conversa aberta sobre sua questão), no qual Phil Cass participou e ao final disse – *Nós temos muito trabalho a fazer em Columbus!* e então ela começou a trabalhar de forma voluntária no Projeto “Our Optimal Health” e algum tempo depois montou sua empresa de consultoria junto com Phil e Deb Helber para facilitar processos.

Desde então todo o seu trabalho foi desenvolvido no “boca- a- boca” (*work of mouth*), muitos líderes de organizações do terceiro setor procuravam sua empresa para desenvolver projetos nas comunidades, como a cidade de Columbus é relativamente pequena, todos acabam se conhecendo e a prática acabou se difundindo. Na Comunidade global do *Art of Hosting* é a mesma coisa, dentre os que guardiões (*stewards*) são apenas 35 e todos se conhecem, o processo é muito orgânico, quando você passa a se reconhecer como um “guardião”, você se torna um guardião, alguém que preza pela abordagem e tem o compromisso de difundir a prática em sua vida e em seu trabalho.

Sobre como consegue financiamento para o seu trabalho, uma das questões importantes para nós, principalmente aqui no Brasil, ela me disse que nos treinamentos o recurso vem do pagamento das taxas pelos próprios participantes, ou então de parcerias, fundações ou doadores

que apoiam o trabalho. A Universidade Ohio State apoiou vários treinamentos para os professores e funcionários e assim muitos puderam participar do processo.

Sobre os conflitos ela ressalta que isso é típico nos processos que facilita, cita um caso em Detroit, por exemplo, em que havia participantes da comunidade de base e também empresários do setor de Segurança alimentar; neste contexto o importante é conseguir que o grupo permaneça junto, mesmo sem concordar sobre todos os aspectos. Deve haver um acordo mínimo para que o processo ocorra e que possa avançar e isso depende em parte de fazer **boas perguntas**:

(...)por exemplo neste caso a questão de raça (racismo) não estará no centro da conversa, mas sim questões que permitam às pessoas responder e refletir sobre um outro lugar e não a partir do topo da cabeça (“questions that allow people to respond not from the top of their head, but from a deeper place), as pessoas devem ser questionadas a desafiarem a si mesmas, sempre buscando sugestões de como podem permanecer juntos no processo. Isso envolve o anfitriar a si mesmo para conseguir tolerar o conflito (host yourself) e conseguir ter um propósito claro, ver o que realmente importa. Não precisamos concordar, mas precisamos concordar a permanecer juntos no processo. Desenvolver princípios para o grupo trabalhar de forma coletiva (the purpose of being together) e para isso podemos perguntar “Como precisamos estar juntos neste propósito?”, muitas vezes o princípio básico é a transparência, trata-se de estabelecer as regras da conversa.

Sobre a sua liderança anfitriã Tuesday diz que tem a ver com o fato de que quando ela fazia um trabalho mais “ativista” ela pensava que já sabia a resposta e na abordagem “anfitriã” ela não sabe a resposta, há um **estado de curiosidade** e uma crença no coletivo e isso se aplica às questões complexas (“*I don’t tent to host anything which is not complex*”) e ela tem uma crença na solução coletiva: “*Eu acredito profundamente que eu posso ajudar as pessoas a encontrar juntas a resposta.*”

Sobre fazer parte da comunidade *Art of Hosting*, ela me diz que é uma questão de conexão, confiança e partilha e tudo se desenvolve a partir das relações estabelecidas (*It is all about relationships*). E para finalizar ela se considera uma pessoa de muita sorte em ser paga para fazer um trabalho de anfitriã (*It is my paid work, I work as a host*), muitas vezes as pessoas participam dos treinamentos, mas não vivem uma vida que suporte esta qualidade do **ser**

anfitrião e, então acabam frustradas por não poderem atuar desta forma, no seu caso, não, ela trabalha como anfitriã e isso é uma prática constante em sua vida cotidiana, com seus filhos, com seu marido. *Isso tem sido a minha vida toda*, afirma Tuesday para concluir a nossa conversa.

- O mestre-aprendiz, meu orientador-anfitrião (*“my host advisor”*)

Dr Robert Livingston, Comparative Studies, Humanities Institute, Ohio State University

Eu não tinha ideia do que eu estava fazendo quando fiz a minha inscrição (No treinamento do Art of Hosting) e de repente estavam todas aquelas pessoas importantes da cidade, aquelas que aparecem no jornal, dispostas a conversar e conversando em círculos, em cafés, em diálogos do tipo de investigação apreciativa, Espaço Aberto, isso era um troca muito interessante entre os setores na comunidade de lideranças e também de pessoas como eu (...) ver todas essas pessoas de modo tão próximo para aprender os princípios da abordagem Art of Hosting e vê-los trabalhando, isso realmente modificou meu pensamento de diversas maneiras, particularmente no que estamos tentando alcançar, o que significa engajar o público e como podemos engajar o público, . Portanto, isso foi realmente importante e nove meses depois Deb Ballam, do Centro de Mulheres da universidade estava lá e queria que mais pessoas da universidade participassem disso, então no treinamento seguinte havia muita gente da OSU e eu tive a oportunidade de participar como aprendiz, então eu aceitei e participei do meu segundo treinamento com muitos colegas da universidade e formamos um grupo, (...) e um ano depois nós decidimos anfitriar o nosso próprio treinamento, um Art of Hosting só para pessoas da Ohio State. Phil foi nosso orientador e nos ajudou muito.

Dr Robert (Rick) Livingston, professor do departamento de Estudos Comparados e diretor do Instituto de Humanidades da Universidade Ohio State (OSU), foi um orientador anfitrião com quem eu pude contar durante o meu período de estágio em Columbus, Ohio. Depois da nossa conversa ele me convidou para participar do seu curso sobre *Natureza, Cultura e Tecnologia* e compartilhou seu tempo comigo, tentando compreender o processo do Embu das Artes com muito interesse e ainda contribuiu muito na organização do encontro final para a devolutiva da pesquisa

de uma forma muito acolhedora. Um professor com a qualidade de anfitrião e ao mesmo tempo um aprendiz da Arte de Anfitriar conversas significativas, como ele disse, com uma curiosidade permanente e um profundo interesse pelo outro.

Com sua visão muito crítica do processo ajudou-me a entender os desafios das questões do setor público na sociedade norte-americana e os desafios do modelo que o *Art of Hosting* propõe face ao modelo corporativo que está presente na universidade. Houve um processo de mudança cultural na universidade, composto por uma série de treinamentos que utilizaram a abordagem do *Art of Hosting*, no entanto, na sua opinião, o modelo corporativo, com base na consultoria, acabou reduzindo o processo e este não conseguiu atingir seu maior êxito. Ele ressaltou a importância do diálogo entre pessoas de diversos setores que tradicionalmente não se encontram em reuniões para discutir questões da cidade, isso foi um grande diferencial do *Art of Hosting*.

Houve um movimento na cidade, sem dúvida, há grandes casos de sucesso na cidade: o trabalho do Dr Tom Gregoire na faculdade de Serviço Social o clima era péssimo (“nasty”), Matt Habash no Banco de Alimentos (Food Bank) e no sistema de saúde o caso é mais complexo (como no caso das questões ambientais) porque estamos falando de modelos- Como é uma comunidade saudável? Não é aquela que tem um monte de hospitais – esta é uma comunidade doente e tem muita gente que continua construindo hospitais para ganhar mais dinheiro, e participam do diálogo, é muito mais complexo quando há muito dinheiro envolvido – não há um esforço para pensar as instituições democráticas neste país, as pessoas até estão abertas ao diálogo, mas não sei se é uma questão de poder, de estruturas de poder, mas essas coisas andam junto – Poder, Responsabilidade e Diálogo entre os diversos interesses, os diversos atores. Havia muita energia no início do processo, mas com o tempo as coisas vão ficando mais difíceis e as ações tornam-se limitadas. O valor do Art of Hosting reside no compromisso pessoal de quem está envolvido, de quem sente o poder desta abordagem e, portanto se compromete na construção da prática, mas não funciona como uma receita que você pode dizer: agora você fará isso ou aquilo, as pessoas precisam se comprometer e isso é difícil, especialmente quando você participa de um processo de treinamento de maior duração, quando você tem apenas uma “degustação” do Art of Hosting as pessoas sentem: ok aqui estão algumas ferramentas que eu poderei usar, mas se você usá-la sem atenção plena (mindlessly), sem pensar no propósito, nos padrões, no processo de colheita de resultados das conversas, isso não funciona tão bem. Como quando você tem um entendimento sobre o que os métodos de diálogo podem alcançar e porque você deve usá-los nos diferentes contextos, aí então você tem uma prática (...) penso que neste momento existe um grande número de pessoas que conhecem

as metodologias e até utilizam-nas, mas ainda não incorporaram o processo como um sistema operacional.

Uma das primeiras coisas que eu aprendi com o Phil é ask real questions – Faça perguntas reais, não faça perguntas para as quais você não quer ouvir as respostas – por isso que muitos processos de diálogo são conhecidos por não chegar a lugar nenhum, porque as respostas já estão determinadas previamente, propondo um engajamento no qual as pessoas devem aceitar as decisões tomadas, e não: como podemos construir isso juntos de forma coletiva? É um modelo de consulta e não de diálogo e, neste sentido o Art of Hosting assume e tem a expectativa de que as pessoas estão dispostas a cooperar.

Nossa conversa trouxe reflexões acerca do poder e dos lados opostos no processo dialógico, da importância de esse criar um “*container*” para que o diálogo possa ocorrer de forma segura em situações de conflito (ISAACS, 1999) ressaltou ainda a importância do convite e de quem deve participar da conversa (*Who is in the room?*).

Em que medida as oposições existem? Estamos realmente em lados opostos ou existem múltiplos e complexos caminhos nos quais nós estamos interligados em certos pontos? Quando nos aprofundamos no diálogo nós descobrimos áreas surpreendentes das diferenças. Portanto, é na maioria das vezes uma expectativa, quando um círculo funciona bem, se considera o fato de que não se trata de um lado contra o outro, se você consegue construir em cima disso e continuar a reforçar isso, então algumas mudanças surpreendentes podem aparecer porque isso não é automático, certo?! É sobre relações, sobre confiança e trata-se das pessoas aprenderem a entender a história das outras pessoas, seus interesses, visões de mundo, modos de viver, expectativas, etc. E a importância do time de anfitriões (hosting team) é construir um container forte onde as pessoas possam se expressar se eles partilham do mesmo propósito. A noção de prática é tão importante, você torna-se melhor e melhor a medida que pratica e isso nunca acaba.

O pressuposto é que este tipo de oposição entre os lados é realmente um sintoma de uma ruptura do diálogo e o que é preciso acontecer é re-estabelecer um contexto no qual as pessoas possam trocar de lugares (e posições) e entender o propósito comum e, claro, isso depende de boa vontade (goodwill) e não existe garantias, mas para mim é uma maneira muito útil de pensar sobre isso porque é necessário que haja diferenças para que o diálogo genuíno aconteça, pelo contrário não haveria diálogo se todos concordassem, e muitas vezes o diálogo é prejudicado se não houver a diversidade suficiente na sala, você chega num consenso muito rapidamente, muito cedo(...) daí a importância do conflito no diálogo, honrar e acolher o conflito de uma maneira a trabalhar com isso porque é algo que eu almejo, pode ser uma indicação de que os que discordam levam o assunto em consideração e são apaixonados pela questão. Portanto, um time de anfitriões forte que seja capaz de segurar o campo com confiança e que possa

sustentar o espaço através do conflito e, uma vez que este contexto é estabelecido, o diálogo pode acontecer.

Aqui mais uma vez aparece a questão do cuidado, da consideração, reconhecer aquilo que nós consideramos, estimamos, ***What we care about?*** Dr Rick Livingston usa a imagem do círculo e do fazer parte de um círculo como fazer parte do todo, do grupo. Neste sentido há uma proposta comum, um propósito comum partilhado no centro deste círculo. O desafio que se coloca é de como manter vivo este círculo, como acessar e reconhecer esse todo que nos une, que partilhamos. Por isso o desafio do tema “Sustentabilidade” na universidade, ele relata que agora há um departamento de Sustentabilidade na Ohio State, mas não houve um processo coletivo para se chegar a um entendimento comum sobre o que significa a sustentabilidade no ambiente universitário, isso seria uma mudança cultural.

O professor Rick destacou bastante a **noção de prática** do *Art of Hosting*, na qual reside a sua **força e sua fragilidade** e, nesse processo não há um ponto de excelência ao qual podemos chegar, podemos sim melhorar cada vez mais o processo de anfitriar conversas significativas, melhorar a nossa habilidade de escuta sensível, as nossas estratégias de colheita e de gerar aprendizado a partir do que emerge nas conversas, mas tudo isso faz parte de um processo sem fim, como o conceito de inacabamento do ser humano, nas palavras de Paulo Freire (2003), e da permanência e continuidade do processo de aprendizado. Da mesma forma, não se pode forçar ninguém a ser um anfitrião, a pessoa tem o seu próprio momento, o seu próprio caminho, no seu próprio tempo.

O que significa ser anfitrião?

Ser anfitrião, nas suas palavras, significa a prática de ser anfitrião, criar espaços hospitaleiros, onde as pessoas possam estar junto para manter uma relação de convivência e isso envolve o cuidado – to *care* - algo muito profundo – o cuidado sobre as pessoas que você convida, o cuidado sobre a questão, a razão pela qual você convida as pessoas, tudo isso envolve cuidado e consideração. Neste sentido, ele ressalta ainda a diferença entre ser anfitrião e ser um facilitador de processos, o facilitador está ligado ao **FAZER**, ele faz alguma coisa, direciona as pessoas. Já o anfitrião cria o espaço para as pessoas, para que elas estejam juntas e sejam, está

relacionado ao **SER**. Por isso é tão importante o conceito de anfitriar a si mesmo, algo que inicialmente lhe pareceu muito estranho, mas com o tempo e com a prática começou a fazer sentido.

Host yourself é um conceito muito profundo, filosoficamente, socialmente profundo, há muito para aprender, a postura do facilitador é algo que eu organizo, na do anfitrião é algo que eu deixo acontecer. Isso em ambientes de controle – universidade, empresas é muito difícil de encontrar esta ideia, somos treinados para ter o controle e para exercer este controle e esta prática do hosting, isso é ameaçador, nem sempre se traduz muito bem.

Ao final da conversa ele me convidou a participar do seu curso para estudantes de graduação intitulado: *Nature, Culture and Technology*, que estabelecia relações interessantes sobre a Natureza e cultura, cuja bibliografia básica contava com Mircea Eliade e Gilgamesh. Foi um grande encontro, na primeira aula do curso, no inverno gelado de janeiro, todos em círculo, fomos convidados a partilhar uma experiência significativa que tivemos com a natureza – ***Share a meaningful experience with nature*** – e eu contei a minha experiência recente no último dia do ano de pular as ondas do Pacífico ao meio dia numa praia em Santa Bárbara, na Califórnia, para onde fugimos por alguns dias do inverno gelado de Columbus, Ohio. Em todas as experiências com a “natureza” a cultura estava intrinsecamente ligada, não havia separação, nem distinção, eu que aprendi desde pequena a pular as ondas no último dia do ano para dar sorte no ano novo, estava lá mesmo no inverno norte-americano, (claro que ao meio-dia e não a meia-noite), pulando as ondas, de forma a trazer um pouco da minha cultura para o lugar em que estávamos, seja este em qualquer lugar do mundo. Todas as experiências traziam alguma relação afetiva, *“quando o meu pai passeava comigo de bicicleta eu aprendi a olhar aquelas árvores”....*

- **A esperança de mudar a cultura da universidade e o encontro com uma amiga**

Deb Ballam, Women's Place, Ohio State University

A minha esperança é mudar o modo como as pessoas enxergam umas as outras

Se você sentar-se perto da outra pessoa, como nós estamos aqui, você começa a mostrar o seu lado mais humano, você não vai querer ser malvado (nasty) com os outros.

(o World Café) é realmente poderoso como uma forma de estabelecer um diálogo porque para mim significa que estamos mudando a natureza das relações entre as pessoas

nós tivemos vários “World Cafes” sobre assuntos diversos e foi então que eu me convenci que que isso seria a mais valiosa ferramenta para realizar esta mudança cultural em termos de como nós tratamos as pessoas, porque eu percebi que se você sentar com quatro pessoas numa mesa pequena é uma conversa muito diferente do que se você tiver cinquenta pessoas na sala e apenas uma pessoa fala de cada vez, me parece que neste sentido as diferenças de poder desaparecem e as pessoas, se você sentar desta forma próxima como nós estamos aqui, eles não vão querer ser malvados uns com os outros, vão querer ser muito gentis uns com os outros e vão começar a mostrar seu lado mais humano e eu conclui que se você tem uma conversa como esta, isso pode mudar para sempre a natureza da relação pessoal estabelecida, as relações de trabalho e isso nós podemos levar para além da conversa.

Entrevistar Deb Ballam foi como encontrar uma amiga de longa data para tomar um chá, numa pequena mesa de café, muito próximas uma da outra e ela então me contou sua experiência no Centro de Mulheres da Universidade Ohio State e de sua esperança em mudar a cultura do ambiente acadêmico a fim de desenvolver um melhor local de trabalho para as mulheres e para os homens. A sua estratégia foi formar um grupo de pessoas para serem “anfitriões” na universidade para assim desenvolver um processo nos vários departamentos, convidando diretores e chefes de departamento, pessoas em posições de poder para promover a mudança. Na sua opinião, o processo do *World Café* é mais efetivo para identificar o problema, para identificar as principais questões que as pessoas estão pensando.

Atualmente Deb Ballam está aposentada, mas assim com Phil Cass, ela conheceu o *World Café* durante um seminário promovido pelo Instituto Shamballa, atual ALIA (Authentic Leadership

in Action), na Nova Scotia, Canada, em 2005 e logo percebeu um método poderoso de diálogo. Na época, Tuesday Ryan-Hart trabalhava como sua assistente e ela participou de um treinamento *Art of Hosting*, ao voltar elas perceberam que esta metodologia seria interessante e que poderia mudar a cultura da universidade (Ohio State), a partir daí começaram a promover muitos treinamentos buscando envolver muitas pessoas da universidade neste processo, organizando “*World Cafés*” sobre diversos assuntos então ela se convenceu de que essa seria ***uma das mais valiosas ferramentas*** neste processo de mudança cultural.

Eu me tornei a diretora do Women’s Place na universidade Ohio State e a missão deste instituto era trazer mudanças fundamentais no ambiente de trabalho da universidade, de forma a permitir que as mulheres tivessem mais sucesso no ambiente acadêmico, mais do que desenvolver programas específicos, a nossa missão era promover uma mudança cultural.

Eu já trabalhava com questões de gênero há muito tempo e quando entrei na universidade eu percebi que muitos dos programas são focados em eliminar os tipos de discriminação que acontecem, isso é importante, mas ao meu ver era necessário muito mais do que isso para se criar um ambiente de trabalho no qual as mulheres se sentissem bem e quisessem permanecer. Um dos pontos que me chamou atenção, foi a partir de uma pesquisa feita que mostrava que as mulheres deixam o ambiente acadêmico, a universidade, muito mais do que os homens, então ao olhar para esses dados nós percebemos que seria importante olhar para a cultura como um todo e eu me convenci que parte deste aspecto cultural está relacionado à maneira como as pessoas se relacionam, isso não está restrito às questões de gênero, mas sim à maneira alienante de nos relacionarmos uns com os outros. Portanto, precisamos encontrar novas maneiras de conviver.

Para Deb, um diálogo na forma de Café, em que as pessoas estão próximas, assim como nós naquela mesa de café, muda a maneira das pessoas se relacionarem, as diferenças de poder tornam-se menos evidentes, todos conseguem falar e as pessoas acabam mostrando seu lado mais humano, o que pode trazer um maior entendimento sobre as necessidades da outra pessoa, ela disse que ainda precisamos combater a discriminação sobre as questões de gênero, sem dúvida, mas precisamos ir além disso em termos da maneira como as pessoas se relacionam umas com as outras. Se conseguirmos mudar a forma de relacionamento entre as pessoas, então umas começam a se preocupar com as outras (***they will care***), aqui novamente ela usa o termo ***cuidado***, no sentido da consideração de uma pessoa com as dificuldades da outra, no caso o assunto era sobre as dificuldades no ambiente de trabalho que as mulheres acabam enfrentando, questões como conciliar a maternidade com a carreira, a disponibilidade de creches para deixarem os filhos

pequenos enquanto trabalham, assuntos desta natureza. Segundo Deb, se houver uma interação melhor entre as pessoas, no ambiente acadêmico, haverá uma maior compreensão dos problemas que as mulheres enfrentam e haverá, portanto, uma maior empatia, um cuidado.

A partir do contato com Phil Cass, eles organizaram mais um treinamento de *AoH* na cidade, com duração de 3 dias, no qual a universidade foi co-patrocinadora e contou com metade dos participantes da universidade e a outra metade de fora, da comunidade. Neste treinamento havia pessoas de vários departamentos, faculdades e principalmente do departamento de Recursos Humanos, que facilitam encontros e reuniões. Em seguida, realizaram um treinamento exclusivo para pessoas da Ohio State, também com a duração de 3 dias em que puderam vivenciar as diversas metodologias de anfitriar conversas significativas (*World Café*, *Open Space*, *Circle*). A universidade conta com cerca de 20.000 trabalhadores, incluindo professores, setor administrativo portanto, não foi possível atingir a todos, mas os participantes foram convidados e selecionados de acordo com sua área de atuação e posição hierárquica, de modo que a metodologia pudesse chegar aos níveis de chefes de departamento, diretorias, de forma a ser multiplicada nas diversas unidades. Com as pessoas que participaram dos treinamentos nas diversas unidades da universidade, formou-se um time de anfitriões que realizaram cerca de 25 ou 30 *World Cafés* com duração de meio período (4 horas) no *Women's Place* para o público das diversas faculdades da universidade, de forma que um grande número de pessoas teve contato com a metodologia e percebeu nesta uma maneira produtiva e eficaz de se ter um diálogo significativo.

Sobre a definição de **conversa significativa** ela destaca dois pontos: (1) é uma conversa em que todos participam, todos se sentem parte do processo e (2) é uma maneira rápida de conseguir muitas ideias sobre uma determinada questão, ou seja, é eficiente e eficaz. Ela destaca também um caso de uma faculdade em que o ambiente de trabalho era “horrível” e passou a ser muito melhor com o novo jeito de interação entre as pessoas, devido ao uso do *World Café* nos encontros, nas reuniões, não foi apenas devido ao *World Café*, mas foi uma das ferramentas utilizadas para lidar com o problema da negatividade do ambiente de trabalho.

Sobre o “movimento” que ocorreu na cidade de Columbus (*From Hero to Host*), relatado no artigo (WHEATLEY; FRIEZE, 2011) Deb concorda e diz que realmente Columbus deve ser a

cidade na qual existe um maior número de pessoas treinadas e atuantes no *Art of Hosting*, para ilustrar ela relatou o seguinte:

Quando eu fui para a Conferência no Canadá do ALIA, eu telefonei para a organização para pedir uma informação e a atendente me perguntou “Você faz parte da comitiva de Columbus?” E eu não conhecia ninguém de Columbus que estaria na Conferência, então ela me disse que tinha uma lista de 13 pessoas de Columbus, e ao chegar lá eu encontrei muitas pessoas e fiz muitos contatos tanto da universidade, quanto da comunidade, então pudemos criar uma boa parceria que foi muito poderosa na realização do trabalho.

Aqui vemos a “sinergia” do processo, a importância do ALIA como centro de formação e pólo difusor destas metodologias inovadoras de diálogo e, sobretudo na parceria estabelecida entre as pessoas de Columbus, uma ajuda mútua, uma relação de troca e de confiança neste novo jeito de fazer as coisas.

Sobre a sua liderança anfitriã, ela disse que entende o processo de liderança como a criação de um ambiente no qual a sabedoria de todos pode aparecer para resolver os problemas e anfitriar também significa criar um ambiente no qual a sabedoria de todos pode ser utilizada para tentar descobrir soluções. Em suas palavras, herói é alguém que diz “*eu tenho a solução e quero que vocês façam assim*”, anfitriar é inerente ao processo de liderança (***hosting is ultimate in leadership***).

Sobre os **conflitos** do processo, Deb conta um caso do Departamento de Estudos Comparados:

Houve um Café no departamento de Comparative Studies para o Planejamento estratégico, com Maurice Stevens e Katey Borland, eles eram “professores juniores” nesta época, e não conseguiram convencer todo o departamento, e havia um professor que não fazia ideia do processo, Hazel e eu estávamos anfitriando e houve uma discussão inicial de vários professores durante meia hora dizendo que eles não precisavam de um grupo de fora para auxiliar o processo, então eu disse: - Será que não poderíamos pelo menos tentar?, e esse foi o melhor exemplo de como o Café pode mudar a natureza das relações porque uma das pessoas que mais se opuseram no início foi a que mais gostou da reunião e reconheceu como algo valioso. E outra professora jovem disse que ele nunca havia se pronunciado nas reuniões de departamento e desta ela adorou porque pode participar.

Deb ressalta algo importante na estratégia utilizada na universidade, ela conseguiu convencer algumas pessoas a usarem o *World Café* nos encontros que estavam organizando e, a partir daí, as pessoas foram expostas à metodologia e gostaram, então ficaram interessadas em saber mais e isso se espalhou pelo campus. Neste sentido, ela conta que um dos maiores obstáculos é a resistência à linguagem, então ela nem usou a palavra “World Café” pois isso poderia afastar as pessoas. Ela apenas convidava a organizar este diálogo de uma maneira diferente. No começo há uma certa resistência, sempre há pessoas resistentes, mas uma vez expostas, as pessoas realmente abraçaram a ideia.

Sobre os desafios ela destaca três pontos: (1) a resistência ao novo, (2) o tempo de uma conversa significativa (no mínimo quatro horas) e (3) a continuidade do processo, que pode consistir numa série de encontros e não apenas um Café.

World Café é bom para identificar o problema, para se ter um entendimento maior acerca da questão, não é uma ferramenta de resolução de problemas e nem de plano de ação, nesse caso o Open Space é mais adequado.

E para finalizar como uma boa conversa entre amigas, eu agradeço, ela agradece e me diz

“Good luck, take care, It was very nice to meet you...”

This is a great project that you are doing and I am happy to participate”....

- **Entre o discurso e a prática: a experiência marcante do *Art of Hosting* na universidade**

Hazel Morow-Jones, Women's Place, Ohio State University

Foi realmente marcante, ter todas aquelas pessoas de quase todos os departamentos e tudo saiu de forma tão orquestrada e tão bonita, as pessoas vinham até nós ao final do evento e diziam: – Como vocês conseguiram isso? Nós nunca tínhamos visto algo assim, houve tempo suficiente para tudo, foi maravilhoso! Acertamos o passo ao longo do processo, adequamos o tempo disponível

A professora Hazel Morow-Jones me concedeu a entrevista mais longa de todas as conversas, com cerca de duas horas de duração e vinte e sete páginas de transcrição. Uma riqueza de detalhes, histórias e aprendizados, difícil sintetizar em apenas algumas páginas. Ela me contou dos desafios de desenvolver um processo com base na abordagem “anfitriã” no departamento de Planejamento urbano da Faculdade de Arquitetura (Hazel era professora deste departamento antes de se tornar a atual diretora do Centro de Mulheres - *Women's Place*) no qual as pessoas estão acostumadas a falar sobre participação e cidadania, mas dificilmente praticam ou vivenciam tais conceitos. Estabelecendo, logo no início da conversa, algumas relações entre os problemas que vivenciou no seu departamento e o “nosso problema do Embu”: *“O seu problema é ao mesmo tempo um tipo de questão para o World Café e é também um problema muito interessante de planejamento urbano”*.

Neste contexto, fez referência ao trabalho de Adam Kahane e me indicou a leitura do livro “Poder e Amor”(KAHANE, 2010):

ele explica porque às vezes nós temos um ótimo Café e nada acontece... isso ocorre basicamente porque o Café era todo com base no amor, na força da comunidade, da sociedade civil, mas se você não tiver os outros setores e, principalmente o “poder” lá (no Café) as pessoas que tem o poder de tomar decisões, o poder público, no caso, você precisa ter as pessoas em posição de poder também na mesma sala.

Descreveu com detalhes a “mágica”, da experiência marcante que vivenciou durante o treinamento *AoH* realizado na universidade, no campus, totalmente organizado por pessoas da universidade e para as pessoas da universidade:

Todos do time de anfitriões e o grupo pensando sobre a questão: *“O que mais a Ohio State pode ser?”* Em seu livro sobre o *World Café* e conversas significativas (BROWN *et al*, 2007), Juanita trata da importância das perguntas e sua qualidade de vislumbrar novas possibilidades, citando um exemplo de um *Café* que anfitriaram numa escola cuja pergunta era: *O que mais uma boa escola pode ser?* Isso mostra a qualidade apreciativa da pergunta e abre possibilidades de vislumbrar sonhos para aquela escola, novos cenários.

Hazel foi uma das parceiras de Tom Gregoire no projeto do *Curriculum Café* no curso de Serviço Social e diz que foi uma grande oportunidade de exercer seu papel de anfitriã *“foi a minha primeira experiência de anfitriar um Café e foi inacreditável, por conta de todo o esforço que Dr Tom Gregoire havia colocado no convite, no desenvolvimento das perguntas e na preparação de todo o Café”*. Isso é algo que ela sempre tenta destacar quando alguém lhe pede para anfitriar um Café sobre determinado assunto. É preciso, no mínimo, 8 horas de preparação para um Café de 2 a 4 horas, a preparação é muito importante no processo, principalmente na elaboração do convite, no desenvolvimento das perguntas e no contexto para se criar um ambiente de café.

Logo depois deste processo, Hazel ficou animada para fazer algo semelhante no seu próprio departamento de Planejamento urbano (*City Planning*), e me contou como organizaram o Café:

Eu levei a proposta para alguns colegas, algumas pessoas até conheciam o *AoH*, formamos um subcomitê para organizar o encontro, chamamos o Phil Cass para ajudar na organização e ele trouxe uma questão importante de “Pedir permissão” (*Ask Permission*) – Vocês estariam dispostos a tentar/experimentar essa nova abordagem? E eles disseram que sim, mas não participaram de todo o processo de preparação do Café. Então nós montamos uma equipe de fora e trabalhamos bastante, da mesma forma que Tom Gregoire havia organizado o processo: convidamos 60 pessoas, das quais apenas 10 eram professores da faculdade, havia muita gente de fora, pessoas que trabalham com planejamento urbano. E o Café foi muito bem, trabalhamos bastante para montar um ambiente mais acolhedor com luzes e música ambiente para que as pessoas percebessem

que não era um encontro qualquer, mas algo diferente e isso ficou bem visível. Tivemos uma boa conversa, bons encaminhamentos e uma boa colheita, mas o que aconteceu é que foram formados grupos em que não havia nenhum professor e isso acabou inviabilizando que todos os pontos estivessem contemplados no currículo. Agora, olhando pra trás eu percebo que nós fizemos diferente do que Tom Gregoire fez, nós fomos direto para a criação de um currículo novo ou para os tópicos que deveriam estar no currículo do curso, ao passo que Tom e os participantes do curso de Serviço Social focaram nos valores e nos princípios do currículo, isso foi diferente. (...) e depois algumas pessoas acharam que foi uma perda de tempo, porque nem tudo foi incorporado ao currículo do curso, nós aprendemos muito com isso e agora eu penso que deveria ter tido mais tempo com os professores da faculdade para que eles entendessem melhor a proposta e estivessem comigo.

Nós no Planejamento urbano, falamos com frequência sobre participação como uma coisa boa, nós sempre pensamos em participação cidadã em nosso processo de planejamento e, portanto eu assumi que as pessoas iriam pensar desse jeito em termos de trazer uma maior participação para a nossa reformulação do currículo e isso não era verdade. Portanto, o meu erro foi assumir isto como pressuposto e não checar com as pessoas para ver se era verdade e se não fosse, ter uma conversa antes. Portanto, são essas coisas que a gente aprende durante o processo.

Os fundamentos do *Art of Hosting*

Hazel destacou também os fundamentos do *Art of Hosting*. Segundo ela esta abordagem deve ser entendida como uma “caixa de ferramentas” a ser usada dependendo do contexto e da situação, não se trata apenas de mudar o ambiente colocando mesas pequenas com quatro pessoas ou colocar vasos de flores nas mesas. Todas essas coisas são importantes, mas não são essenciais, os fundamentos essenciais deste tipo de abordagem, segundo ela, residem na equidade de voz e como será a melhor maneira de conseguir esta equidade? Pode ser um círculo, pode ser numa mesa de quatro pessoas, não importa, uma vez que você entendeu os princípios, os fundamentos, você pode criar isso em qualquer ambiente.

Isso é algo que me incomoda quando ensinamos sobre o “World Café”, porque agora nós temos muitas pessoas no campus achando que esta é uma solução para tudo, quando na verdade precisamos pensar mais a fundo no propósito da conversa e então decidir se o Café é a melhor opção ou não. E o que acontece é que muitas vezes isso acaba se tornando cansativo por ser repetitivo, eu já vi pessoas falando: Por que temos que ter fazer outro Café? Será que não podemos

apenas conversar? (“Oh God, we have to do another Café? Can’t we just talk to each other?”)

Neste sentido, de proporcionar uma conversa realmente significativa, ela relata um processo em que foi a anfitriã para um evento especial para candidatas a pós-doutorado das dez maiores universidades do país, específico para um grupo de mulheres, cientistas de destaque em várias áreas de conhecimento em que Hazel e a equipe do *Women’s Place* tinham como propósito (1): ajudar o grupo a criar um certo sentido de comunidade entre elas e (2) descobrir o que poderia contribuir para tornar seu período na universidade como professora mais feliz, e isso poderia ser levado aos diretores para melhorar o ambiente de trabalho. O evento seria durante um final de semana e Hazel pediu dois espaços, um inicial no primeiro dia à noite e outro no último dia de manhã. Na abertura do evento eles organizaram no espaço inicialmente um círculo com as participantes e depois um café com pequenas mesas no mesmo ambiente.

A conversa inicial (check-in) do círculo consistia em responder à seguinte questão com apenas uma palavra: Como você se sente na sua instituição? E as primeiras respostas eram: “OK”, “Fine”, “Busy”, “Too Busy” e então começaram... Isolada, Sozinha, e as pessoas olhavam umas para as outras, como se dissessem – Você também? E ao final elas adoraram este outro tipo de conversa e então mudamos para as mesas de café e então perguntamos sobre o que elas gostariam de ver acontecer no fim de semana e elas escreveram suas expectativas em cartões e ao final, no último dia, nós trouxemos de volta esses cartões e elas puderam ler em voz alta e então as perguntas eram - Quando você se sentiu bem sucedida em sua carreira? - Quais as condições para isso? – Como podemos ter mais desses momentos? E isso foi parte da colheita final. Ao final elas disseram que a maneira com que a abertura do encontro aconteceu foi fundamental para permitir uma maior integração do grupo e um sentimento de não estar isolada.

Como você vê sua liderança como anfitriã?

Para mim, o tipo de liderança que eu procuro exercer é realmente ser uma anfitriã, o que significa remover barreiras entre as pessoas para que elas possam trabalhar bem. Por isso que as técnicas do Art of Hosting são boas, para remover barreiras e pensarem de forma mais coletiva, sob o meu ponto de vista, liderar e anfitriar tem muito em comum, no sentido de remover barreiras entre as pessoas, propiciar um ambiente confortável de trabalho e, por um outro lado, é preciso de um pouco de risco, algum desafio, as pessoas precisam se sentir desafiadas sobre as questões, você precisa estar em algum lugar entre o controle total e o caos total, você precisa daquele “estremecer” (trumbling), é a palavra usada, muitas vezes, esse sentido de não ter total certeza da situação para trazer um pouco de frescura e inovação, você precisa estar aberto a esta tensão, eu

tento abrir espaço para as pessoas fazerem o seu melhor trabalho e esta seria a minha descrição de liderança, eu poderia ser uma chefe de departamento, definitivamente esta seria a minha função, se eu fosse diretora deste departamento e neste departamento o meu foco está nas mulheres e na equipe e em toda a universidade, mas a ideia é a mesma, temos que tirar as barreiras do caminho para que as pessoas possam liderar a si mesmas e serem responsáveis pelo seu próprio trabalho.

Aqui aparece novamente a ideia de liderança no sentido de promover um espaço para que as pessoas tenham voz e possam desempenhar o seu melhor, muito ligado a educação se pensarmos no processo de empoderamento do outro, de garantir que a sua presença seja exercida de forma plena e seu potencial seja alcançado.

- **Estar a serviço de: O *Art of Hosting* no poder público da cidade**

Virginia Barney, City government, Upper Arlington, Columbus, Ohio

É um presente trabalhar para a comunidade e o nosso trabalho é fazer os sonhos dos moradores se tornarem realidade, quero dizer, criar uma comunidade, criar um governo que sirva a eles (aos moradores) não é a nossa cidade para fazermos o que quisermos, a cidade é deles.

Virginia Barney contou sua experiência no governo da cidade de Upper Arlington, (um bairro de Columbus, Ohio, como se fosse uma subprefeitura no município de São Paulo) e de como ela conseguiu levar os conceitos e a prática do *Art of Hosting* para o setor público como uma forma de aprender juntos sobre os desafios de uma instituição pública. Estar a serviço da comunidade foi um sentimento e uma prática que ela destacou. Neste sentido, a entrevista foi uma ótima conversa sobre como se pode desenvolver um processo participativo no governo local quando se tem uma liderança do tipo “anfitriã” no governo, no poder público. Ela ressaltou sua experiência no governo da cidade de *Upper Arlington* e de como conseguiu trazer os princípios do *Art of Hosting* para este lugar, como um aprendizado coletivo numa instituição pública. Ela destaca também a importância de desenvolver uma boa relação com os empresários, igrejas e com a comunidade como um todo para se desenvolver um processo participativo acerca das decisões envolvidas no planejamento urbano.

Virginia relata a primeira impressão que teve sobre o *Art of Hosting*, durante um treinamento, talvez o primeiro na cidade, no qual Phil Cass convidou em torno de 18 líderes comunitários para um período de 3 ou 4 dias e de como começou a utilizar esse processo em seu ambiente de trabalho:

Isso realmente me tocou de uma forma que ter as pessoas envolvidas na transformação e pareceu uma maneira de mudar a perspectiva das pessoas sobre a conversação. Portanto, logo depois eu trouxe para a minha equipe e experimentamos e foi muito bom. As organizações tornaram-se muito mais complexas agora, então nós temos que trabalhar de forma integrada com os outros departamentos. Portanto, é um caminho no qual todos podem contribuir, não apenas sobre o que eles foram treinados ou formados, mas sobre o que eles são apaixonados, você pode ter uma formação de educador, mas ter uma paixão pelo ambiente, então você tem contribuições e você tem também a habilidade de fazer perguntas que pode ser diferente das outras pessoas que tem outro tipo de formação e ter todas essas perspectivas diversas numa mesma sala é muito rico. Muitas vezes nós temos uma questão no nosso grupo de trabalho, que vem do policial e às vezes é difícil para ele organizar uma conversa deste tipo, então alguém do departamento de Parques e Recreação pode contribuir e anfitriar uma conversa sobre determinada questão, de forma que isto se tornou uma forma de colaboração entre os setores e departamentos. Nós usamos muito estas técnicas na nossa organização.

Virginia percebeu no processo de anfitriar conversas significativas algo essencial para lidar com as relações entre a instituição pública e os cidadãos, então perguntou para aproximadamente 35 pessoas da cidade (lideranças ativas das escolas, igrejas, comércio local, biblioteca e grupos diversos) se eles não gostariam de participar de um treinamento *Art of Hosting* para sonhar a cidade e então eles poderiam se tornar “anfitriões voluntários”, desta forma ofereceram o treinamento e formaram um “time de anfitriões” que utilizam estas metodologias nos locais diversos conforme a demanda.

Agora isso funciona da seguinte maneira: você faz um pedido para o grupo e diz: “eu gostaria de organizar uma conversa sobre tal assunto, quem poderia me ajudar neste processo?” É um trabalho colaborativo. É muito bom ter pessoas que conhecem a linguagem, o processo e acreditam nele. Para o nosso planejamento estratégico nós também utilizamos estas metodologias para ver se alcançamos o que estava planejado há 10 anos atrás, nas reuniões e audiências públicas que costumavam ser muito entediadas, agora as pessoas começaram a participar mais e estão mais engajadas e isso mudou a forma das conversações em torno das questões da cidade.

Sobre os conflitos, ela me disse que a cidade sempre tem conflitos, às vezes requer mais paciência, mas é importante ser autêntico neste papel de líder do poder público:

você sabe, sentir que nós podemos trabalhar juntos, se você não for autêntico, se você não acreditar realmente nisso, você perde a confiança, . Portanto, eu sei que eu não tenho todas as respostas, eu sei que mais cabeças e mais ideias podem fazer as coisas melhor e é mais divertido de quem quer trabalhar sozinho.

Virginia destaca que parte do seu trabalho consiste em ter um claro direcionamento sobre qual é o futuro da cidade, no sentido da vocação do local e isso é importante para o empreendedor saber, além de educar a população local sobre a importância de cada comércio, de cada estabelecimento que pode trazer renda para a cidade para que ela consiga fazer as conexões e perceber a importância de ter uma ocupação mista.

Isso não significa que não existem projetos que não aparecem e geram uma grande discussão, uma luta para serem aprovados? Não, mas isso significa que há uma clara direção sobre como será o nosso futuro e o empreendedor sabe que há um “zoneamento” neste pedaço de terra e ele não tenta algo que não faz parte do tipo de ocupação do solo nesta região, porque em Upper Arlington o zoneamento é 95% de uso residencial. Portanto, sobra apenas uma pequena porcentagem de ocupação para comércio. Então, cada comércio é importante, porque é de onde vem a nossa renda.

Neste contexto Virginia traz questões que nos remetem ao caso do Embu e que está muito bem descrito no documentário *“Embu, Terra das Artes”* (SEENHAGEM, 2012), no qual é de suma importância conhecer a vocação da cidade, seu histórico e seu propósito. *Qual o tipo de comercio que queremos atrair? Qual a vocação da área, da cidade?* Ela cita referências sobre o potencial da Artes nos estudos econômicos (*the Economy of Arts, Richard Florida*) e de como uma comunidade de artistas como a presente no Embu poderia atrair público e renda para a cidade, através de restaurantes e turismo totalmente compatíveis com a preservação da APA, e, neste sentido, não se trata de ser contra o comércio, ou de qualquer tipo de comércio, mas sim de perceber a vocação do lugar, o corredor industrial não vai trazer renda para a população local, ao passo que o comércio sustentável e o turismo local poderiam ser atrativos para a região que traria recursos de forma sustentável.

Eu creio que se existe uma comunidade artística, há uma série de estudos no campo da economia sobre a “Economia das Artes”, que falam sobre os recursos que isso traz e a sinergia dos restaurantes e do turismo pode ser compatível com a conservação e até melhor do que o corredor industrial, porque este não vai manter o dinheiro na própria comunidade.

Quando eu perguntei se ela sabe de outra cidade que desenvolveu um processo participativo semelhante, ela sorriu e disse que não, o que nos remete à importância da jornada pessoal neste processo. Até citou o exemplo de alguns *World Cafés* em nível estadual, como uma conferência sobre vida silvestre que ocorreu (*The Ohio Wildlife Conference*) cuja questão era sobre a co-existência das pessoas com os animais silvestres da vizinhança, que por conta da conservação ambiental os animais acabam voltando e ficam próximos às casas das pessoas. ***How can we live together?***

Sobre os desafios do processo, ela destaca o **tempo**, **ter as pessoas certas** na mesma sala, a importância do **convite**, às vezes encontrar um **local** adequado para os Cafés é um desafio e, sobretudo perceber onde estão as “brechas”, as possibilidades (*the openings*). Antes de começar o processo deve ser construída uma relação com o tomador de decisão para entender onde estão as brechas para a conversação e o que é possível. Algo que ficou evidente no processo é que é preciso um time de anfitriões: *não se pode fazer o trabalho sozinho, encontre pessoas que estejam com você no processo e promova um intercâmbio entre pessoas de setores distintos, encontre o caminho do meio para construir pontes entre os setores aparentemente separados.*

E para finalizar a conversa ela ressaltou o olhar apreciativo como uma forma de lidar com os conflitos num processo dialógico.

Penso que explorar o que você aprecia, o que quer que seja, seu bairro, sua vizinhança, sua comunidade e se você começar a construir algo sobre o que você aprecia ou sobre o que você ama sobre o modo como as coisas são, isso faz as pessoas começarem a perceber que alguém na sua posição pode amar isso também. Eles apenas enxergam de uma perspectiva diferente e partir daí chegar em questões sobre como isso poderia ser. Então, essa visão é parte do que eu tenho e parte do que você tem. Então, como isso seria para nós, qual a visão de futuro? Não permaneça nos conflitos do presente, nem fique preso ao passado, algo como isso é o que eu amo e isso é o que eu quero que aconteça e isso é o que eu ofereço a este lugar, algo como o pensamento de Nelson Mandela: perdoar e construir juntos a partir de agora.

- ***Art of Hosting***: trazendo todas as vozes para o Plano Nacional de Erradicação da Falta de Moradia

Barbara Poppe – “United States Interagency Council on Homelessness” (USICH - Conselho de InterAgencias sobre as questões de moradia nos Estados Unidos)

O Café é bom para criar um entendimento do campo, para ver o que as pessoas estão considerando, com o que elas se preocupam, é também uma maneira de gerar muitas ideias de uma forma rápida. O Café é um evento catalisador, como uma faísca, isso muda o modo de trabalhar, dos que não se comunicavam para ser um lugar de mudança

Barbara Poppe é a pessoa que levou o *“Art of Hosting”* para Washington DC, para o governo federal. Como ela é de Columbus, nós pudemos nos encontrar numa ocasião em que ela estava na cidade. Ela me contou sua história sobre o desenvolvimento de um plano nacional sobre a questão de moradia de forma participativa através de conversas do tipo “café” em todos os estados do país, utilizando o *Art of Hosting para trazer todas as vozes para o documento*. Os amigos de Barbara, de Columbus, tiveram um importante papel como companheiros ‘mates’ neste processo, alguns deles foram para Washington, como voluntários para auxiliar no trabalho. Esta experiência mostra a importância da rede de anfitriões criada em torno das conversas significativas em Columbus. Barbara ressalta os desafios que enfrentou ao longo do processo: *devemos gastar um tempo na preparação do encontro para ter uma clareza do propósito e melhorar a conversação para gerar ações para a mudança da comunidade em questão*.

Barbara conheceu o *Art of Hosting* no início do processo de formação em Columbus, com Phil Cass e Toke Muller, fez parte do primeiro treinamento, nesta época ela era a diretora executiva da *“Community Shelterboard”*, uma organização sem fins lucrativos de Columbus que provê recursos para organizações que trabalham com a questão de moradia e incorporou muitas das metodologias no seu trabalho com a diretoria da organização, com os funcionários e com as

comunidades com as quais trabalhava como uma maneira para promover conversas sobre assuntos importantes. Depois ao assumir seu novo cargo na agencia intergovernamental do governo federal (USICH), Barbara recebeu como tarefa elaborar um plano nacional para o fim da falta de moradia e utilizou a abordagem anfitriã em todo o processo. Para tanto, contou com o suporte de seus “parceiros” de Columbus, principalmente de Tuesday Ryan-Hart que contribuiu no planejamento das oficinas e acionou a rede de contatos da cidade para quem quisesse atuar como “co-hosts” de forma voluntária no processo.

O seu trabalho em Washington no Conselho de InterAgencias sobre as questões de moradia consiste na articulação de 90 agências e tem por missão *“coordenar a responsabilidade federal sobre as questões de moradia e criar uma parceria nacional em todos os níveis de governo e do setor privado a fim de reduzir e erradicar a questão no país”* (Fonte: www.usich.gov). No desenvolvimento do plano nacional eles tiveram uma abordagem diferente para cada estado, que apresenta diferenças culturais. Portanto, era preciso um olhar para a realidade local e isso determinou qual ferramenta/metodologia seria utilizada em cada local, dependendo do contexto. Sobre as metodologias, Barbara destaca que utilizou muito dos princípios do *World Café*, mas nem sempre a ferramenta específica, a qual, segundo ela apresenta um propósito muito específico e não deve ser utilizada em qualquer lugar, para qualquer situação. De acordo com suas palavras:

Para mim o Café tem um propósito muito específico – não é algo para ser usado para tudo. Frequentemente, é um processo para você ter uma noção do campo, conseguir muitas informações de forma muito rápida e ter a participação de todos. É também um espaço que pode gerar muitas ideias, mas nós não tomamos decisões num Café, e isso não funciona em todo lugar, mas os princípios de interação e o “design” do processo são importantes. Portanto, eu incorporei muito disso na forma como realizamos o nosso trabalho.

Barbara ressalta que seu trabalho como anfitriã é muito diferente de uma especialista sobre a questão de moradia, (*host X subject matter expert*) no caso:

Para mim, quando eu estou na posição de anfitriã eu realmente tento contribuir para buscar informações em forma de pensamentos, sentimentos e ideias e de

certa forma, proporcionar um espaço para que o maior número de informações relevantes apareça, para que as pessoas possam olhar junto para tudo isso. Portanto, eu presto muita atenção à dinâmica, à dinâmica da sala, das pessoas, eu tento proporcionar um espaço aberto(...) Eu aprendi que não posso ser a especialista no assunto se eu for a anfitriã do processo, se eu estivesse no seu lugar, eu não poderia ser a educadora ambiental do encontro porque isso muda toda a conversação. Por exemplo, eu tive um encontro muito importante nesta semana, no qual eu era a facilitadora, mas houve vários momentos do encontro em que eu disse: eu vou sair do papel de facilitadora agora e dizer algumas coisas importantes sobre o assunto em questão, como especialista. Eu disse o que tinha a dizer e fiz a minha contribuição à mesa e depois eu voltei para o meu papel de anfitriã e não me importei mais se eles levaram em conta a minha observação ou não. Eu apenas fiz a minha contribuição, porque você não pode desempenhar os dois papéis, o de especialista no assunto e o de facilitador ou anfitrião, porque isso muda a maneira como as pessoas escutam o que você diz, para que você realmente consiga proporcionar este espaço aberto.

Quando você é o anfitrião você tenta explorar as questões com o grupo e contribuir para que as pessoas vejam o que está emergindo da conversa.

Confesso que quando ela me disse isso, eu não concordei com a ideia e pensei comigo: *“é claro que eu consigo ser a educadora ambiental e ser anfitriã, ao mesmo tempo, é claro que eu consigo ouvir todos os lados”*, mas depois de um tempo estudando sobre a postura do anfitrião, percebo que talvez ela tenha uma certa razão e tenho percebido que muitas vezes nas nossas conversas sobre assuntos da Educação Ambiental, eu tenha mais propensão a exercer esse papel de anfitrião e outra pessoa do grupo pode fazer o papel do especialista no assunto, quando isso envolve defender uma certa posição. Não se trata de separar os papéis ou de usar algum tipo de “máscara”, mas sim de reconhecer essa qualidade do anfitrião que é diferente daquela de quem defende uma ideia de forma muito assertiva. A qualidade do anfitrião reside na escuta e na suspensão dos pressupostos e julgamentos e nisso, a meu ver, reside a grande diferença.

No caso, a discussão do especialista num ambiente de Café, requer uma reflexão, nas palavras de Barbara:

o valor do World Café é justamente acreditar que as pessoas possuem a sabedoria para colocar na mesa de conversa; portanto, você respeita que as pessoas tenham sua própria sabedoria e o que você faz é tentar extrair essa sabedoria das pessoas

Sobre os conflitos do processo, Barbara destaca as pessoas que não gostam do processo, possuem um outro modelo mental, e podem ser destrutivas ao processo, atrapalhando a fala das outras pessoas, querendo dominar o processo. Mas, ela ressalta que quanto mais clara for a proposta, o propósito da conversa, a intenção e o problema que se pretende resolver, a abordagem do *Art of Hosting* pode também contribuir para a resolução de conflitos, uma vez que ajuda as pessoas a enxergarem a situação de forma mais clara, a partir dos vários pontos de vista, a ouvir com mais clareza acerca do problema e ouvir com mais atenção as suas possíveis soluções.

Neste contexto, um dos grandes desafios do processo é dispendir um tempo significativo na preparação do encontro para se ter clareza do propósito e um entendimento da proposta, de forma que, ao anfitriar o processo, é possível proporcionar este espaço e manter a sua “mente aberta” para garantir uma flexibilidade e possíveis ajustes. É fundamental também ter um parceiro (*co-host*) que seja um “co-anfitrião”, para juntos adequarem a agenda. Muitas vezes, não é possível dispor deste tempo e isso se torna um desafio.

Barbara apresenta uma definição de conversa significativa relacionada a três fatores distintos: aprendizado, ação e integração entre pensamentos e sentimentos:

1. Uma conversa que gera **aprendizado**: *“eu sei que esta foi uma conversa significativa quando alguém diz que aprendeu algo novo”*;
2. Uma conversa que gera **ação**: *“você pode sentir uma intenção do grupo ao sair da conversa e fazer algo diferente, é uma conversa que resulta numa ação*;
3. Uma conversa que **integra pensamentos e sentimentos**: *“conversations that are healing”*, que podem restabelecer a confiança da relação entre as pessoas, ou na qual se inicia uma confiança, ou seja, uma conversa que envolve uma emoção, não é apenas intelectual.

Nesse sentido, ela ressalta que um dos maiores desafios do processo de trabalhar com conversas significativas reside no fato de como fazer com que as conversas resultem numa ação, *o processo deve trazer um grande entendimento, bons “insights”, mas deve igualmente promover uma mudança de atitude.*

- **O *Art of Hosting* como sistema operacional**

Matt Habash – Presidente/CEO - Banco de Alimentos de Mid Ohio – Segurança Alimentar

eles tem um monte de companheiros, você sabe, isso não é uma linguagem norte-americana, eles falam meus companheiros canadenses, é um tipo de linguagem para dizer como nós podemos ter um grupo de pessoas que podem nos ajudar nos projetos, uma colaboração mútua. Assim eles começaram a planejar as coisas de forma coletiva.

A conversa com Matt Habash foi um grande aprendizado. É interessante como podemos compreender o processo desencadeado em Columbus através de diversas perspectivas, cada um dos anfitriões (entrevistados) trazia mais detalhes e mais elementos para que eu pudesse ter uma compreensão do processo como um todo. Matt Habash trabalhava no setor público da cidade quando encontrou Phil Cass e este lhe convidou para ajudar a organizar o primeiro treinamento *Art of Hosting* em Columbus. Logo depois começou a utilizar as metodologias do *Art of Hosting* (*World Café*, *Open Space* e *Appreciative Inquiry*) em seu trabalho no Banco de Alimentos e em projetos grandes em que esteve envolvido como o “*Feeding America*”. O *Art of Hosting* foi naturalmente incorporado à sua vida e ao seu trabalho que se tornou, para o Banco de Alimentos, um “*sistema operacional*” e para Matt, uma “*segunda natureza*”.

- Estou interessado em trazer Toke Muller para Columbus, Phil me disse, para um treinamento chamado: “The Art of Hosting Conversations that matter” (a arte de anfitriar conversas significativas) e perguntou se eu teria interesse em participar e eu então pensei “eu participo de tantas conversas não significativas no mundo da política que isso deve ser interessante”. Então, a Associação médica promoveu o encontro, num lugar muito especial, nas montanhas em Southern Ohio, foi um convite aberto aos líderes da comunidade, tivemos cerca de 35 lideranças: o presidente do “Columbus College of Art”, presidente da “Columbus State”, alguns políticos, diretores de escolas, jovens, foi uma mistura de pessoas de vários setores. Participamos do treinamento durante todo o final de semana, de quinta a domingo, Toke conduziu o processo. Eu participei da

preparação do encontro na casa de Phil, pois fazia parte do time de anfitriões, e creio que Phil foi muito corajoso ao propor este processo de diálogo em Columbus similar ao que ele tinha visto no ALIA¹², no Canadá e até me tornei parte da organização do evento, temos 3 pessoas de Columbus que estão na organização do ALIA.

Então, isso (o Art of Hosting) se tornou o nosso sistema operacional no Banco de Alimentos, a forma que organizamos eventos, nós sentamos em círculo, todas as reuniões de diretoria ocorrem num ambiente de “Café”, o nosso planejamento estratégico também é realizado na forma de “Café”, com questões para engajar as pessoas. Portanto, isso se tornou para nós, uma segunda natureza, (..) portanto, isso foi um pouco do porquê eu me envolvi com isso, é algo que você aprende ao fazer (you learning by doing), é uma prática, uma prática, não há nenhuma diferença da meditação, mesmo que você seja um mestre, você se mantém praticando. Portanto, ser anfitrião para mim é realmente algo que se tornou uma segunda natureza... uma longa resposta para a sua pergunta.

Outro ponto importante ressaltado por Matt foi a importância da linguagem utilizada no *Art of Hosting* e da necessidade de adaptar esta linguagem aos diversos públicos com os quais trabalhamos, ele até destaca que se trata de algo muito diferente da cultura americana, está muito mais próximo de uma linguagem canadense.

Sobre os conflitos, ele diz que não houve nada significativo, na verdade estas metodologias tratam de regras de “boas maneiras”: prestar atenção ao que a outra pessoa está falando, as regras do círculo, você deve desligar seu celular, não interromper a conversa e, sobretudo, estar presente, estar presente no encontro, na reunião:

O “Check-in” é importante porque nós temos uma tendência aqui na América de começar a falar e falar de forma muito rápida, nós não paramos por nada, e o “Check-in” é uma forma de diminuir o ritmo antes de começar a conversa, é um jeito de compartilhar como chegamos na conversa, como estamos nos sentindo, para então falar com atenção sobre o assunto da reunião. Há até uma pesquisa que mostra que quanto mais rápido você engaja as pessoas na conversa, mais eficiente será. O “check-in” pode ser uma simples pergunta: - Como você está hoje de manhã, como vão as coisas?”

¹² ALIA (Authentic Leadership in Action), Seminário para o desenvolvimento de lideranças autênticas, em Halifax, Nova Scotia, Canada

“Set the stage to do more work” – Preparar o campo de trabalho

Matt destaca que muito destas conversações que nos envolvemos através do *Art of Hosting* consistem em preparar o campo para o trabalho, como se fosse preparar o palco, em suas palavras, de forma conjunta, compartilhada.

Para mim isso prepara o campo para desenvolver mais trabalho (set the stage to do more work). Existem processos muito bons para fazer isso: ter clareza do propósito, saber o que você está fazendo, ser bem consciente sobre o design do encontro e isso é um treino, uma prática que temos no Art of Hosting. Temos que ser bem flexíveis, perceber o grupo, e há um grande aprendizado nisso tudo, contribuindo para que as pessoas sejam mais produtivas de uma forma muito engajada. Isso está mudando todo o nosso modo de operar. Nós (Banco de Alimentos) dobramos de tamanho em 5 anos, passamos de 50 para 100 funcionários. Portanto, a maneira que nós engajamos as pessoas no processo, todos tem uma voz, há alguns desacordos, mas nós estamos realmente tentando aprender e está funcionando.

***Projeto Feeding America - Who is the panel expert? You are, you are, you are!*¹³**

Matt Habash ressaltou o modelo diferente a partir do qual a abordagem do *Art of Hosting* trabalha, ao relatar uma grande iniciativa da qual foi o anfitrião no Centro de inovação alimentar, era um encontro para trazer uma total inovação no setor no âmbito da Segurança Alimentar: “*O que o centro de inovação alimentar poderia fazer sobre a Segurança alimentar?*” em que os membros que participam deste campo não estão acostumados a este tipo de encontro. Eram professores, doutores que estão acostumados a apresentações do tipo “painel” com especialistas, um dos grandes “figurões” andando pela sala perguntou: “*Quem é o especialista do painel?*” Então, Matt respondeu indicando a todos: “*É você, você, você.... Aqui todos nós somos os especialistas.*”

Eles me convidaram para liderar o processo em 2010, era um projeto nacional para adquirir mais um bilhão de pounds (cerca de meio bilhão de kg) em produtos frescos, atualmente temos uma perda de 3 a 6 bilhões de produtos frescos a cada ano, nós não fazemos colheita nesse país! Nós perdemos muita

¹³*Quem é o especialista do painel? Você é, você é, você é!*

comida, 40% da nossa comida é desperdiçada em algum lugar entre o produtor e o consumidor. Portanto, estamos tentando captar esse desperdício, é para isso que o banco de Alimentos existe, diminuir o desperdício do campo para alimentar quem passa fome, fazer as conexões. Neste caso, eram só produtos frescos perecíveis, e eu tinha acabado de voltar de um treinamento sobre Investigação Apreciativa (Appreciative Inquiry), então eu disse que faria se pudesse ser do meu jeito. Normalmente, nós iríamos para Chicago, onde está o Feeding America, onde ficam todos os grandes escritórios dos bancos de alimentos nacionais. Eu organizei uma pequena equipe de pessoas dos bancos de alimentos e começamos a pesquisar o problema e trouxemos algumas soluções, então formamos uma equipe aqui na Ohio State para contribuir na organização do evento que teve a duração de 3 dias, com 260 pessoas de todos os cantos do país reunidos, de vários campos relativos à produção e distribuição de alimentos: fazendeiros, produtores de alimentos, representantes do governo, empresas de caminhões, fundações e agências de financiamento e os que trabalham nos bancos de alimentos – presidentes, diretor executivo, pessoas da área de operações, todos juntos e tivemos um evento de 3 dias. Inclusive um patrocinador que doou um milhão de dólares para o projeto e participou de todo o processo. A ideia era conhecer melhor cada um dos participantes, através de entrevistas profundas¹⁴, buscar os sonhos, sobre o que é possível e “prototipar” (desenvolver) novas soluções. Então, tivemos 15 propostas (ideias) sobre como podemos alimentar uma pessoa buscando minimizar a perda, sabendo de todo o movimento que a comida passa no sistema, desde a produção até o consumo, com todos os desafios envolvidos e se você fizer isso usando o modelo antigo (tradicional) levará muito mais tempo e, mesmo que eu chegue a uma solução ideal “the God design” eu ainda terei que convencer as pessoas de que o meu plano é ótimo. Portanto, essa abordagem é uma maneira de ter todas as pessoas envolvidas nas soluções, co-criando e olhando para o que as pessoas são apaixonadas, as especificidades de cada um: eu gostaria de falar sobre nutrição e educação; outra pessoa, que é um produtor de alimentos, vai se preocupar em como regionalizar o trabalho para que possa escoar a produção; o outro, que é um especialista em logística, sabe como movimentar a comida no sistema. Cada um tem suas paixões e esses protótipos consideraram tudo isso, o todo e aí está a beleza do processo, para mim.

Segundo Matt, as pessoas que no início do evento estavam reticentes ao processo, ao final adoraram e perceberam como algo muito produtivo. Na sua visão, trata-se de algo relativamente simples: olhar para o que é possível e pensar sobre os nossos recursos, as nossas fortalezas para construir algo, “*no que você é realmente bom?*” e “*quais as condições para fazer isto acontecer?*”

¹⁴ O termo utilizado no processo da Investigação Apreciativa é “*deep diving interview*”, o qual consiste em quatro fases: 4D (*Discovery, Dream, Design, Destiny* – Descoberta, Sonho, Desenho do Processo e Destino (COOPERRIDER; WHITNEY; STAVROS, 2008)

Essa foi uma questão aberta que Matt levou para sua diretoria, para que pensassem de forma mais ampla e mais positiva: *“Fale de uma experiência em que você estava encarregado(a) de um projeto sobre o qual, ao iniciar, você não pensava ser possível concretizar, e, ao final este foi concretizado.”* Ao final as pessoas começam a pensar de forma mais criativa, um falou que não acreditava ser possível conseguir U\$ 16 milhões para a construção do novo prédio do Banco de Alimentos, o outro lembrou de uma conversa que teve com o responsável pela companhia de energia elétrica, na qual havia um problema de acidentes de trabalho com muitas mortes e ele então colocou a questão *“E se ninguém mais morrer de acidente de trabalho?”* e isso fez com que eles enfatizassem tanto a questão da segurança que reduziu drasticamente o número de acidentes. Esse olhar apreciativo com foco na busca de possibilidades traz o reconhecimento do que as pessoas já conseguiram e do que ainda podem alcançar.

***Art of Hosting* como sistema operacional**

O *Art of Hosting* é o nosso sistema operacional no Banco de Alimentos, ele disse ao me convidar para participar do Planejamento estratégico da organização (*Mid-Ohio Food Bank*) que iria ocorrer numa data próxima. Ao chegar no Banco de Alimentos, realmente, o tamanho e a estrutura do prédio são impressionantes. A recepção acolhedora e a enorme sala de reunião toda preparada em forma de “Café” com fotografias nas paredes e registros dos encontros anteriores com frases de motivação já indicavam a maneira como eles realmente vivenciam a abordagem do *Art of Hosting* no dia a dia do trabalho. Foi um momento de partilhar os objetivos do Banco de Alimentos com toda a equipe, desde os motoristas de caminhão até a direção. Com uma abordagem participativa para integrar as pessoas dos diversos setores, a conversa em forma de “Café” começou exatamente com a questão que Matt havia me relatado na nossa *conversa-entrevista*, acerca dos grandes desafios: *Algo que você pensou ser impossível de realizar quando iniciou*, numa analogia ao Banco de Alimentos que cresceu rapidamente nos últimos anos, duplicando de tamanho e aumentando o número de empregados. Foi uma boa conversa, na minha mesa estavam um motorista de caminhão, uma moça que trabalha no escritório, outra que trabalha no armazém e um homem do departamento de Marketing. O interessante foi ver as diferentes abordagens sobre um mesmo tema e a questão foi ótima para motivar a equipe no grande desafio de acabar com a fome na região. Eu relatei que imaginava ser impossível realizar

esta pesquisa que havia realizado, *em Inglês* e num país estranho, mudar com toda a família, conversar com todas as pessoas. E lá estava eu vivenciando todo aquele processo, na prática. Na saída da sala, estava escrita a seguinte frase que eu levei comigo como inspiração:

- Você acredita que é possível acabar com a fome? Se nós não acreditarmos, então quem acreditará?

FIGURA 6 - FOTOGRAFIAS DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO BANCO DE ALIMENTOS (MID-OHIO FOODBANK), COM DESTAQUE PARA O PROCESSO PARTICIPATIVO (ACERVO PESSOAL)

- *O Art of Hosting* como modo de ser

Deb Helber – gerente do projeto “Our Optimal Health”, atual consultora autônoma (Confluence Unlimited)

É um modo de ser, as pessoas que eu vejo usar o (*World*) *Café* com sucesso é porque isso já é parte do modo como elas são.

A minha última entrevista realizada foi com Deb Helber, uma conversa muito interessante por contar um pouco de sua história como anfitriã (“*host*”) e dos desafios que encontra neste processo. Desde que se aposentou, Deb trabalha com o *Art of Hosting*, assumindo o cargo de gerente do projeto “*Our Optimal Health*” junto com Phil Cass e a partir de então começou a trabalhar como anfitriã profissional e hoje trabalha com Tuesday e Phil Cass na empresa de consultoria “*Confluence Unlimited*” que eles criaram.

Sobre sua história como anfitriã, ela destaca:

Na minha jornada pessoal, eu trabalhei por 31 anos na Ohio State, no departamento de Ciências Médicas, e quando me aposentei eu não sabia ao certo o que eu gostaria de fazer, eu não sou uma pessoa do mundo corporativo. Então, eu me juntei ao projeto Our Optimal Health Project, como gerente de projetos. O grupo queria usar o *Art of Hosting* como um sistema operacional, e isso para mim parecia muito próximo da forma com que eu já trabalhava, com liderança participativa e diálogo entre as pessoas. Para mim o *World Café* se tornou mais do que uma ferramenta na minha caixa de ferramentas. É uma maneira de estar junto e trabalhar junto e isso encaixa muito naturalmente, penso que existe algo em sua prática que coloca você no processo do *Art of Hosting*. Há algo realmente mágico nisso, é quase como quem você é e no que você acredita, eu não tenho todas as respostas, eu quero explorar junto.

Deb enxerga o *World Café* como uma forma de trazer todas as vozes para a conversa e destaca todo o aprendizado que existe nesse processo.

É uma maneira das pessoas aprenderem que elas têm voz na conversação, é um modo muito convidativo para chegar e ter voz, não apenas a voz do ativista ou a do líder corporativo serão ouvidas, mas para que todas as vozes e cada uma delas sejam ouvidas.

Neste sentido, ela ressalta que as conversas nem sempre são tranquilas, pelo contrário, trata-se de conversas difíceis, com muitos conflitos que requerem uma habilidade de acolher o conflito, reconhecer o conflito como parte do processo, os diferentes níveis de poder entre os participantes, enunciando, desde o início da conversa os princípios de cooperação que precisam existir para que o processo aconteça e o tempo necessário, que muitas vezes é mais longo do que esperamos.

Eu vejo muitos conflitos neste trabalho, acho que tenho trabalhado com “pessoas difíceis” há muito tempo no ambiente acadêmico. Creio que adquiri um treinamento especial para lidar com pessoas e conversas difíceis. Algumas pessoas pensam que neste trabalho é tudo sobre paz e amor e óculos cor de rosa, mas não é. Na medida em que sou anfitriã eu preciso ter habilidade de anfitriar o conflito e entender que há algo que precisamos enfrentar e precisamos começar com os princípios de cooperação: como podemos trabalhar juntos? Não se trata de saber quem está certo e quem está errado, nós temos que concordar em fazer parte da conversa.

Outra coisa difícil do processo, que não chega a ser um conflito, mas que Deb vivenciou, principalmente com as corporações, é a dificuldade em permanecer na conversa. Eles apenas querem as coisas prontas. Às vezes é importante permanecer na conversa para construir as relações, muitas vezes até curar as relações, o que não é fácil das pessoas entenderem. Isso aparece em sua fala como uma principal dificuldade deste trabalho, investir nas conversas, nas relações para que posteriormente o trabalho possa ocorrer, mas isso envolve uma mudança de mentalidade, de perspectiva, na qual a própria conversa já é a ação e as relações entre as pessoas tem um grande valor neste sentido.

Sobre o processo que ocorreu na cidade de Columbus, ela percebe o maior número de pessoas envolvidas nas conversações, há uma disposição das pessoas para a conversa, elas começam a se sentir parte e a querer fazer parte do processo, começam a enxergar isso como uma possibilidade de fazer a diferença em sua comunidade e vão se apropriando disso, *“trata-se de construir as relações para que as pessoas possam atuar de forma conjunta”*.

Para Deb Helber, ser anfitrião significa:

- promover um espaço para as pessoas conversarem sobre o que precisa ser conversado;
- fazer perguntas que não haviam sido feitas antes (wicked questions);
- melhorar a vida, todo tipo de vida, a vida da comunidade, da organização, das pessoas;
- construir relações entre as pessoas, em torno dos diferentes campos

Os desafios da postura do anfitrião residem em estar sempre a serviço da missão a que foi chamado, por exemplo, se ela está trabalhando com o Banco de Alimentos, sua missão é trabalhar para os que vivem em situação de fome; se estiver trabalhando com a questão de moradia, sua missão será ver o que é melhor para os que sofrem da falta de moradia. Estes devem estar sempre no centro da conversa, pois correspondem à causa, ao propósito da conversa. E, neste sentido, o anfitrião não pode tomar partido de um dos lados, não se pode manipular *“se você já sabe a resposta então não é necessário um World café”* ela diz aos clientes que a procuram apenas para uma consulta ou manipulação das pessoas envolvidas, e ressalta que é a sua credibilidade que está envolvida no processo, a sua e a das metodologias.

Sobre as questões que devemos explorar ao desenvolver um processo dialógico num ambiente que envolve conflito, ela responde:

Há algo para mim sobre aspirações, nossas crianças, pessoas sem moradia, o que nós realmente aspiramos para a nossa comunidade? E começar a ver os pontos de conexão das nossas aspirações, pode ser um ponto de partida para lidar com a questão dos conflitos de forma mais apreciativa, o que nós aspiramos, enquanto comunidade para os nossos filhos, nossos netos, sobre o nosso futuro. O que eu preciso abrir mão para estar nesta conversa? Então, você começa a perceber que há muitas coisas nas quais estamos juntos. Eu gosto muito de usar

a prática de contar histórias, quando temos muitos conflitos, pedir para as pessoas se lembrarem de um tempo em que não havia tantos conflitos e peço para imaginarem como seria este tempo. Nós já estivemos neste tempo, onde pudemos ir além das nossas diferenças. Como podemos nos manter nesta conversa?

2.4. OS APRENDIZADOS SOBRE O MODO DE SER ANFITRIÃO - A POSTURA DO HOST

- ***Colheita coletiva de histórias – construindo junto com os anfitriões os sentidos da pesquisa***

A colheita coletiva permite-nos traçar muitos arcos de uma única história em simultâneo, o que significa que podemos praticar a escuta orientada e a aprendizagem do grupo, enquanto oferecemos um presente para os que contam a história, assim como para o grupo como um todo na forma de uma produção coletiva de sentidos.

Desde o início das entrevistas e para cada um dos entrevistados eu dizia que tinha vontade de realizar um encontro com o grupo sobre a minha pesquisa, de forma a ter um relato coletivo do processo, de forma a compor as entrevistas individuais que traziam uma visão pessoal, a partir do olhar de cada anfitrião sobre o processo de Columbus, Ohio. Inicialmente pensava em desenvolver uma reunião do tipo *World Café* sobre os desafios do diálogo num ambiente de conflitos, no âmbito das conversas difíceis, como as que vivenciamos na área socioambiental. No entanto, depois de algumas tentativas com os anfitriões que seriam os meus parceiros neste encontro, decidimos que a metodologia mais adequada seria a da *colheita compartilhada de histórias*, dinâmica que vem sendo muito utilizada nos treinamentos, em que uma ou várias pessoas trazem uma história significativa sobre sua prática com o *Art of Hosting* e os demais participantes, cada um de acordo com uma “lente”, um olhar direcionado para determinado tema, escutam a história e oferecem sua leitura de volta para o contador da história, de modo a contribuir para a reflexão sobre os aprendizados que a história proporcionou.

Dr Rick Livingston, professor da Ohio State, que para mim foi como um orientador anfitrião, com quem conversei muito sobre as questões de pesquisa, sempre me ouvindo com muita atenção e interesse, organizou comigo o encontro para a devolutiva da pesquisa em forma de *colheita compartilhada de histórias*. Convidamos todos os anfitriões que haviam me concedido entrevistas e todos os professores que se envolveram com o meu projeto de pesquisa durante o estágio na *Ohio State*. O Professor Trigo, meu orientador de lá, também era presença

fundamental e, neste sentido, posso dizer que foi uma experiência minha como anfitriã em integrar pessoas de “mundos distintos” na mesma sala. De um lado, em sua maioria, os anfitriões: Phil Cass, Deb Helber, Dr Marc Parnes, Dr Tom Gregoire, Dr Rick Livingston e de outro os professores Dr Katherine Borland e Prof. Abril Trigo. Cheguei mais cedo, arrumei toda a sala, as cadeiras em círculo, no centro papéis e canetas coloridas, pedras e objetos de estimação para compor o centro.

A pergunta inicial do “*Check-in*” foi *Como ser um anfitrião?*, lembro que houve um silêncio inicial de quase cinco minutos até que a primeira pessoa fosse até o centro, pegasse um objeto e começasse a falar, algo quase como um estado meditativo, preparando o campo para o diálogo e cada um em silêncio se concentrando para dizer algo que fizesse sentido. O Professor Trigo logo disse “*Eu não sei, vocês é que devem saber as respostas para todas as questões*”, de braços cruzados e de forma bem “defensiva”, Dr Tom Gregoire falou em seguida, dizendo que não sabemos as respostas, o que fazemos é tentar explorar melhor as perguntas, as questões e assim a conversa foi seguindo. Dr Rick explicou brevemente em que consiste a metodologia da colheita compartilhada de histórias, eu apresentei as lentes, os filtros sobre os quais cada um poderia ouvir a minha história, os participantes escolheram e assim distribuimos os papéis coloridos:

- Dr Marc Parnes – Questions (questões)
- Dr Tom Gregoire – Principles (princípios)
- Professor Abril Trigo – Applications (aplicações)
- Phil Cass – Take change to scale (ganhar escala nas ações de mudança)
- Dr Katherine Borland – Narrative Arc (a narrativa e seus elementos)
- Dr Rick Livingston – Pivotal points / Turning points (pontos de virada, aprendizados)
- Deb Helber – Synchronicity and Magic (sincronicidade e mágica)

E eu então comecei a contar a história da minha pesquisa, as motivações, a descoberta do *Art of Hosting* e seu potencial na Educação Ambiental a partir da pergunta inicial “*What breaks your heart?*”, o projeto de Educação Ambiental na APA Embu Verde para a construção de um território de sentidos, a sensação de ser anfitriã do 1º Café da APA, os desafios que surgiram com

a aprovação do Plano diretor do município de Embu das Artes, a mudança para Columbus, Ohio, o encontro e a sinergia do processo, a receptividade dos anfitriões, a busca pelos conflitos e desafios da experiência *“From Hero to Host”* e então fui destacando os pontos principais de cada *conversa-entrevista*. Ao final, cada um dos participantes me presenteou com uma leitura sobre a minha história, a partir da lente escolhida e o que recebi foi mesmo presentes (*gifts*) que muito contribuíram para dar sentido ao processo.

Tive a sensação de que todos ali estavam junto comigo, novamente o conceito de “co-investigador” foi percebido e vivenciado, o projeto ganha uma reflexão coletiva e a construção de sentido acontece de forma compartilhada.

Dr Marc Parnes, escutou a história com o foco nas questões, perguntas suscitadas pela trajetória narrada e me ofereceu as seguintes questões:

1. *Como eu remendo meu coração?*
2. *Como nós preservamos a nossa terra do coração?*
3. *Na oportunidade de ouro desta experiência, qual o “recipiente, vaso” que eu construí para levar e compartilhar?*
4. O que há em mim que me permitiu criar esta experiência?
5. Como essa qualidade vai me permitir trabalhar ainda mais? Como eu posso nutrir essa qualidade?

Dr Tom Gregoire, destacou os Princípios do *Art of Hosting* que aparecem na história:

1. A fala que vem de um lugar mais profundo;
2. A busca por um novo caminho para criar conexão na Educação Ambiental;
3. Estar presente, o estado de atenção plena (*mindful*);
4. Ir além da hierarquia (*step out of hierarchy*);
5. A importância das questões;
6. Nossas conversas são aspirações, nós anfitriamos em busca de um propósito;
7. Anfitriar, acolher o conflito e encontrar possibilidades no conflito

Phil Cass olhou para as possibilidades de esta mudança ganhar escala e disse que vê a minha ida para Columbus já como um ganho de escala nas ações da área de educação ambiental,

disse ainda que desde o início do projeto ele percebe a noção de escala presente, desde a minha visão sobre as possibilidades das metodologias e ressaltou que quando nós temos uma visão de escala, as chances de isso se concretizar são maiores. *Você já consegue imaginar isso “You see in your mind”, já no seu primeiro Café você teve 80 pessoas presentes, isso faz parte da noção de escala.* Ressaltou que vê na minha história um alinhamento com o todo, desde o tema da pesquisa, até o todo construído nas entrevistas, *você toca no todo, neste território de ser um todo com a natureza, “you’ve tapped into the whole”,* novamente aqui destaca a importância do território da totalidade como forma de ganhar escala nas ações. A integração entre o ser e a natureza presente no trabalho também é uma maneira de tocar no todo.

Professor Abril Trigo olhou para as Aplicações e ressaltou o contexto latino-americano. Foi um momento interessante porque ele disse de forma muito espontânea que, quando eu lhe procurei ele não conseguia entender muito bem o propósito da minha pesquisa, só agora ao final é que ele conseguiu entender do que se tratava, e isto, dificilmente ele diria num ambiente mais formal e menos acolhedor. Trouxe ainda algumas referências de antropólogos que trazem essa questão indígena da noção de humanidade. Entre os europeus e os índios, para os europeus era uma dúvida se os índios tinham alma e para os índios a dúvida era se os portugueses tinham um corpo. Segundo a visão indígena a “humanidade” estava em tudo, nos rios, nas árvores e nos animais, não havia distinção, apresentando assim uma visão mais integrada e uma relação mais próxima com a “natureza”, conforme o mito de *Pachamama*¹⁵ e com isso a noção de comunidade. Disse ainda que eu, como pessoa, manifestei esse sentimento de entusiasmo pela pesquisa, desde quando ele me conheceu e que nos remete à ideia de que somos parte da natureza. Ressaltou que não devemos esquecer que até mesmo na “comunidade” existem conflitos e que o lado político disso tudo deve estar presente nestas metodologias de diálogo, principalmente na realidade da América latina, em São Paulo, uma das cidades mais “*des-humanas ou des-humanizadas*” do mundo, em suas palavras e conseguiu entender o propósito da pesquisa ao

¹⁵ Do quéchua *Pacha* (tempo-espaco ou ainda *terra*) e *Mama* (mãe). É a principal divindade feminina das terras altas na América do Sul responsável pela vegetação, pelos animais e pelos vulcões, bendizendo as colheitas. Geralmente, sincretizada com *Nossa Senhora* da tradição católica na religiosidade popular e mestiça (FERREIRA-SANTOS, 2004).

assistir ao filme “Embu, terra das Artes”, considerando a cidade de Embu das Artes, sua mata e seu patrimônio como um “paraíso perdido” em meio à grande metrópole.

Dr Katherine Borland olhou para o arco da narrativa, os elementos que compõem a história: as pessoas envolvidas, os fatos, as emoções, os valores, os eventos, as fases e destacou pequenos detalhes que lhe pareceram interessantes. O nascimento do filho, a mudança na vida ocasionando uma mudança de carreira, a fase de deixar a casa para o trabalho, buscando ser uma agente de mudança. Isso por ser mulher é algo muito nítido no processo, o fato de eu assumir a tarefa de “ser anfitriã” e de estudar mais a fundo tais metodologias de diálogo. Destaca ainda a minha fase de “lua de mel” com o *Art of Hosting* para depois passar para uma fase mais madura em relação a esta proposta inovadora ao me deparar com os desafios da APA Embu Verde, *quando ninguém quer conversar sobre o assunto* e, neste sentido, buscar um aperfeiçoamento e um aprofundamento sobre a minha prática. Ela destaca ainda o tipo de pesquisa que eu estou realizando, sempre tentando integrar métodos inovadores ao modelo mais racional “*você diz: eu construí um roteiro de questões para a entrevista e depois fala em conversas maravilhosas que tive com os anfitriões*” e finaliza dizendo que gostaria muito de ouvir mais sobre as possibilidades de uma abordagem anfitriã sob a perspectiva de uma ativista, de como essas duas posturas podem estar conectadas.

Dr Rick Livingston olhou para os pontos de virada da história (*pivotal points/turning points*), para os aprendizados e destacou a pertinência de enxergar o conflito como uma possibilidade, no sentido do aprendizado. Ressalta que a história começa com uma luz, com o coração aberto para o novo, com o entusiasmo e com a coragem para aprender algo novo, fazer diferente, a transformação pessoal, o engajamento. Os aprendizados da experiência sobre os diferentes papéis do educador, do ativista, do anfitrião e como equilibrar estes diferentes papéis.

Deb Helber olhou para a história sob o ponto de vista da Sincronicidade e Mágica, disse que vê sincronicidade e mágica como um padrão na minha vida, na maneira como eu vejo a vida no mundo e a qualidade da minha curiosidade. Ressalta ainda a oportunidade que se desdobrou em Columbus, a abertura de novas possibilidades que esta experiência me trouxe, a totalidade das entrevistas, a relevância da integração entre a conversação, o diálogo para a conservação ambiental e, neste sentido da abordagem do *Art of Hosting* na Educação Ambiental.

Esta metodologia da colheita compartilhada de histórias é uma forma de gerar aprendizados bastante significativos em grupo, a escuta com atenção, a partilha da história e a disposição do grupo para um diálogo verdadeiro são elementos presentes nesta metodologia que trazem um grande potencial de aprendizado. Novamente fica-se com a sensação de partilhar um projeto comum, seja pela escuta atenta de cada um dos participantes ou pelo espírito de colaboração que se tem com quem conta a história.

Para mim foi uma maneira muito especial de realizar uma “devolutiva da pesquisa” e dar um sentido à riqueza de informações, histórias coletadas e significados da prática do *Art of Hosting* que os anfitriões compartilharam comigo durante as entrevistas. Esta experiência auxiliou na compreensão de minha própria jornada no interior das jornadas dos heróis anfitriões com os quais compartilhei a busca de alternativas pelo diálogo, como postula Joseph Campbell (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012) sobre o poder do mito. Seguimos um processo iniciático na busca de soluções concretas para o mundo e, nesta busca, o conhecimento do mundo se faz também autoconhecimento, autoformação, seguindo o monomito da “*partida, realização, regresso*”, ou ainda: morte simbólica, transformação e renascimento. No meio da jornada: os imprevistos, as provações, os conflitos.

2.5. MITOS QUE NOS AJUDAM A COMPREENDER A FIGURA DO ANFITRIÃO: *HERMES E HÉSTIA*

Numa leitura da experiência *From Hero to Host* de Columbus, Ohio a partir do imaginário, percebemos duas referências míticas presentes na figura do anfitrião: *Hermes e Héstia*.

Hermes, o deus mensageiro é mais conhecido, o companheiro do homem, aquele que transita entre os dois mundos – o dos humanos e das divindades, o protetor dos caminhos e dos viajantes. Na etimologia grega do nome *herma* temos um “monte de pedras” que indica a reverência ao deus dos caminhos e da comunicação com os deuses. A tradição foi transposta também aos peregrinos no caminho de Santiago de Compostela marcando os pontos de parada, abrigo e descanso. Curiosamente, desta qualidade de hospedar o peregrino e cuidar dele durante a jornada é que surge o termo “*hostal*” e que, posteriormente, derivaria “*hospital*”, já sem as recorrências simbólicas do cuidado ao peregrino. Mas, em todos os *hostais* (pontos de parada da peregrinação) há um local para descanso, alimentação e uma pequena lareira para providenciar o fogo restaurador da viagem (FERREIRA-SANTOS, 2005b).

Segundo o dicionário mítico-etimológico de Junito Brandão (BRANDÃO, 1991, p.548) Hermes é “*uma divindade complexa, com múltiplos atributos e funções*” que vão desde um deus agrário, protetor dos rebanhos e pastores até um símbolo de astúcia e trapaça, protetor dos comerciantes e ladrões, intérpretes e professores, qualidades aparentemente contraditórias, mas que aqui aparecem como complementares, pois todos os atributos se referem às trocas simbólicas efetuadas. Por conta de suas qualidades, o filho de Zeus e da ninfa Maia, Hermes tornou-se o mensageiro predileto dos deuses para as mais difíceis tarefas, era o deus *psicopompo*, condutor das almas, já que circulava bem nos dois mundos. “*A grande tarefa de Hermes, no entanto, consistia em ser o intérprete da vontade dos deuses*”.

Mércúrio (nome latino de Hermes) conhece profundamente a magia da Tessália e conta-se que seu caduceu conduzia as almas dos mortos para as alturas da luz (...) mas que condenava outras à morte e as precipitava nas profundezas do abismo entreaberto. Ele é perito em executar ambas as operações. (Aurélio Clemente Prudêncio apud BRANDÃO, p. 550)

Héstia, significa a lareira doméstica, na tradição latino-americana seria o fogão a lenha que aquece a casa, em latim *Vesta*, deusa do fogo doméstico, em alemão *wes* significa queimar.

Filha de Crono e de Réia é a personificação da lareira, no centro do altar, no meio da casa, a lareira da cidade, símbolo do fogo central da terra, da lareira do universo. Uma deusa muito antiga. Zeus é seu irmão caçula, e é a única deusa a receber um culto em todos os lares e nos templos de todos os deuses: *“Assim como o fogo doméstico é o centro religioso no lar dos homens, Héstia é o centro religioso do lar dos deuses.”* (BRANDÃO, 1991, p. 556)

Personificação do fogo sagrado, a filha de Crono preside à conclusão de qualquer ato ou acontecimento. Ávida de pureza, ela assegura a vida nutriente sem ser ela própria fecundante. Héstia, como a Vesta dos latinos e suas dez Vestais, talvez traduzam o sacrifício permanente, através do qual uma perpétua inocência serve de elemento substitutivo ou até mesmo de defesa contra as faltas perpétuas dos homens, granjeando-lhes êxito e proteção. (Brandão, 1991, p. 557)

Muitos estudiosos do diálogo utilizam a imagem do fogo, da chama como componente essencial da conversa. Isaacs descreve uma experiência com os trabalhadores de fundição de metais, aço, que para eles a semelhança com o diálogo e seu trabalho era evidente (ISAACS, 1999).

Em todos os treinamentos do *Art of Hosting*, nos círculos de diálogo há a presença de um centro bem marcado, com objetos, velas, flores e é sempre visível que remete ao fogo no centro da casa, à conversa em volta da fogueira, a algo ancestral que fazemos como espécie humana, há muito tempo. Assim como o centro em cada mesa de Café, montada e enfeitada propositalmente para que se crie o “ambiente de diálogo”. Simbolicamente, ainda que não de forma intencional, há a recorrência ígnea do fogo na vela e a reverência vegetal nas flores que se relacionam, em nossa *arqueomemória*¹⁶, tanto com Hermes (flores sobre as hermas) como com Héstia (flores na lareira).

¹⁶ *Arqueomemória* se refere ao arcabouço do imaginário humano ancestral herdado pela espécie e atualizado nas práticas cotidianas de forma inconsciente: *“faz parte da memória do ser humano e não somente parte da memória individual de uma única pessoa”* (FERREIRA-SANTOS, 2005a).

A qualidade hermesiana dos anfitriões é marcante, pois transitam em diversos mundos, ouvem as diferentes vozes, fazem a mediação, realizam a difícil tarefa de sustentar o campo para que o propósito comum esteja sempre no centro da conversa, para que o fluxo aconteça.

O que podemos verificar neste caso é a recorrência simbólica de dois tipos complementares de anfitriões: aqueles *hermesianos* que se pautam pelo peregrinar e mais voltados às jornadas exteriores de transformação, mudanças e atitudes (fogo externo ao longo do caminho, do *oikós* – o mundo); o outro tipo seria aqueles *vestais* que se identificam com uma postura mais acolhedora de transformações internas e autoconhecimento partilhado (fogo interno no interior do *domus* – a casa doméstica).

Simbolicamente, verificaríamos no primeiro caso os adeptos do *Art of Hosting*; e no segundo caso os adeptos do *World Café*. Ainda que, de maneira complexa, os dois tipos sejam sempre complementares.

Tal constatação simbólica nesta investigação nos auxilia a compreender um pouco mais os seus desdobramentos para a Educação Ambiental, e no caso específico, nos conflitos da APA Embu Verde.

**CAPÍTULO 3. PRATICANDO O *WORLD CAFÉ*,
VIVENCIANDO OS DESAFIOS:
O 1º CAFÉ DA APA EMBU VERDE**

FIGURA 7 - PAINEL DE BOAS VINDAS DO 1º CAFÉ DA APA EMBU VERDE, ILUSTRAÇÃO AMANDA GAMBALE

3.1. O 1º CAFÉ DA APA EMBU VERDE: TORNANDO VISÍVEL O CONHECIMENTO DO GRUPO

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si. (FREIRE, 2003, p. 18)

No primeiro Seminário de Sensibilização sobre a APA Embu-Verde, para o lançamento do projeto de formação no âmbito do Diagnóstico Socioambiental da APA, realizamos uma vivência de mapeamento participativo para que os participantes iniciassem o reconhecimento do local. Ao final do exercício ouvimos uma fala que transcrevemos a seguir por considerarmos extremamente significativa para exemplificar o que pretendemos averiguar com essa pesquisa. O contexto se deu num exercício de mapeamento do bairro a partir da imagem de satélite do município de Embu com a localização da região da APA e as principais bacias hidrográficas do município. Solicitamos que os grupos localizassem no mapa diversos usos do solo que podem ser verificados e identificados nesse território e marcassem as áreas identificadas com cores diferentes segundo uma legenda (azul para os rios e córregos, marrom para ocupação, preto para lixo, entulho; vermelho para áreas desmatadas e amarelo para outros usos que considerassem importantes). A imagem estava num tamanho um pouco reduzido, o que dificultava a visualização, ao final do exercício, convidamos os grupos a compartilharem o que havia sido discutido com o grupo maior, em plenária. Uma das participantes fez a seguinte colocação:

O mapa estava difícil de marcar, mas nós, com nosso olhar de morador anotamos que nesta área existe muito depósito de lixo na beira do rio(.....).

Esta fala resume bem o que caracteriza este processo de investigação, buscar os saberes sobre o território, os *olhares* que os moradores trazem a partir do vínculo estabelecido com a região e, a partir deste lugar de sentimentos e relações, construir um mapeamento que faça sentido para o grupo para que a visão do território mais amplo da APA, do município como um

todo, da sua localização em meio à região metropolitana possa ser contextualizada, vivenciada e aprendida, de forma a sensibilizar e envolver as pessoas como agentes de Educação Ambiental.

Finalizamos o processo de formação de diagnóstico socioambiental da APA Embu Verde com um grande diálogo do tipo *World Café*. O módulo de fechamento do curso “*Criando espaços de diálogo e criação coletiva neste território*” apresentava como objetivo sistematizar as vivências realizadas ao longo do semestre e definir os próximos passos num plano de ação. Seleccionamos para os encontros finais dois métodos: O *World Cafe* e o *Open Space* (Espaço Aberto) que compõem a abordagem do *Art of Hosting* em busca de uma conversa significativa sobre o que havíamos vivenciado até então.

A minha sensação ao anfitriar o 1º Café da APA foi daquelas de estar no lugar certo, na hora certa, daquelas raras ocasiões em que sentimos o nosso papel nesse mundo e a nossa contribuição. Era uma manhã fria e chuvosa do mês de junho, chegamos cedo ao grande salão do Parque Francisco Rizzo para esperar os convidados, o ambiente já estava todo arrumado conforme tínhamos deixado no dia anterior: mesas pequenas com cadeiras em volta, toalhas de cor lilás e um vaso de flores no centro de cada uma das mesas. Mais ao fundo, uma mesa grande com o café, chá, bolo, pães e outras delícias que demonstravam como aquele espaço era especial e a acolhida que queríamos dar aos participantes. Nas paredes frases retiradas do livro “*O World Café: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas*” de Juanita Brown, David Isaacs e a comunidade do *World Café* (BROWN, 2007) enunciavam os princípios do *World Café*, chamando à reflexão, tais como: *E se os humanos estivessem em conversação do mesmo modo que os peixes na água? E se o ato de escutar juntos revelasse uma inteligência mais profunda?* Era o nosso penúltimo encontro de formação, já havíamos percorrido, ao longo do semestre, todos os potenciais e desafios da APA Embu Verde, através das caminhadas diagnósticas, das oficinas de mapeamento participativo nos bairros, agora era hora de agregar todo o conhecimento vivenciado, de modo a fazer sentido. Descobrir juntos o que foi mais significativo, os “*insights*” do percurso, o que ainda precisava ser explorado de forma a tornar visível todos os saberes, integrando as diversas vozes, os vários saberes, as várias visões.

Os fundamentos do *World Café* partem da teoria dos sistemas vivos, conforme Maturana e Varela (BROWN, 2007). Parte-se do pressuposto que nós seres humanos fazemos parte de uma

teia complexa de relações entre nós, entre os outros seres vivos e com o ambiente no qual nos encontramos. Em oposição ao sistema de pensamento cartesiano, ocidental, branco e patriarcal que tem como base a separação, a dicotomia entre natureza e cultura, ambiente e sociedade, o pensamento com base nos sistemas vivos é uma abordagem de interdependência e interconexão, onde todos fazemos parte de uma teia de relações.

Algo importante a considerar na utilização deste método é o fato de que o diálogo não é algo dado e natural, mas que para que ocorra realmente é preciso um conjunto de elementos que favoreçam o ambiente dialógico e que de certa forma tire as pessoas do modo automático em que estão habituadas a interagir, buscando uma conversa mais autêntica num ambiente acolhedor. Daí a importância da organização do espaço, da “arquitetura” do evento.

O papel do anfitrião é fundamental neste processo, mais do que um facilitador, sua função é permitir que as pessoas estejam à vontade para que o diálogo aconteça realmente. Como quando recebemos as pessoas queridas em nossa casa, o bom anfitrião é aquele ou aquela que nos faz sentir em casa, pois nossa presença é importante e valorizada.

O *World Café* como metáfora é uma imagem que permite entender o mundo como um espaço compartilhado, em que todos devem ser ouvidos e respeitados em seus pensamentos e em suas emoções, e para que o encontro aconteça precisamos do diálogo (BROWN, 2001).

O espaço do diálogo, como um “pátio sevilhano”, espaço tradicionalmente presente nas casas sevilhanas e mexicanas, como um jardim interno no qual nos encontramos para conversar é a imagem utilizada por Juanita Brown, uma das criadoras do *World Café*, onde todos nos encontramos e onde nos movemos. Se pensarmos nas nossas relações familiares, profissionais a conversa é o modo pelo qual interagimos, a base humana de comunicação, o meio pelo qual interagimos (BROWN, 2007).

Seria este método de diálogo *World Café* algo inovador e muito diferente? Sim e não. Sim, na medida em que hoje em dia, com a nossa vida corrida, moderna e tão atribulada desaprendemos ou esquecemos como ter um verdadeiro diálogo, no sentido da escuta atenta e sensível do outro e da minha fala também atenta e profunda que expressa a minha pessoa e não apenas a posição que ocupo no meu cargo, no meu trabalho. Portanto, para recuperar estes

saberes e promover um diálogo verdadeiro precisamos de um método, um caminho que nos ajude a reaprender algo que sempre fizemos e que nos define como seres humanos, mas que encontra-se esquecido ou pouco vivido em nossa sociedade moderna.

Não é algo novo, se recuperarmos as práticas mais tradicionais de outras sociedades que tem como base a comunidade e o convívio como forma de resolver as questões, o círculo como reunião e a conversação como o modo pelo qual as coisas são feitas, de modo a gerar ação e a incluir as diversas vozes, conforme podemos encontrar nas tradições ameríndias e no modo de ser hospitaleiro presente na América Latina que ainda conserva muito destas tradições (BRANDÃO, 1994; FERREIRA-SANTOS, 2001).

Com o intuito de esclarecer melhor a atividade realizada, destacamos abaixo os VII princípios do *World Café* e a forma como foram vivenciados no 1º Café da APA:

- I. **A importância do contexto** – *E se o contexto for como as margens de um rio por entre as quais o significado coletivo flui?* Sobre o que vamos falar hoje? O que precisa estar presente nesta conversa? Como as margens que definem por onde o rio corre, o contexto define por onde vai o diálogo para que o fluxo de sentidos possa ocorrer. Como estamos falando de um processo educativo implica uma intenção, um propósito, um objetivo de aprendizagem. Três elementos são essenciais para definir o contexto: propósito, participantes e parâmetros (3P):
 - A. **Propósito - Explore a proposta da conversa** – Qual a situação que enfrentamos que torna esta conversa essencial? Por que é importante ter essa conversa? Por que esse assunto é tão importante? O que nos guia neste propósito?
 - B. **Participantes** – Quais as pessoas que devem participar desta conversa? Quanto maior for a diversidade, maior a riqueza em termos de sabedoria coletiva. Nós educadores ambientais muitas vezes falamos para nós mesmos, o que é essencial para fortalecer nosso campo e partilhar saberes com os que comungam os mesmos ideais, aqui o desafio reside em falar para os que podem não compartilhar de nossa visão de mundo, mas que são peça-chave na construção da mudança que queremos ver na sociedade. Como convidar esses atores? Como sensibilizá-los para a importância desta conversa, isso sem dúvida exige um trabalho de tradução de linguagens rumo a uma linguagem comum que servirá de base para o diálogo.

C. **Parâmetros** - Os princípios que definem o evento, assim como a moldura de um quadro define os limites da tela são essenciais neste processo, como um arquiteto desenha a casa antes de sua construção, é importante refletir sobre os elementos que podem lhe ajudar na construção desta conversa, um convite pessoal, uma imagem que evoque sensibilidade, uma mudança no tom da conversa, como um convite para uma festa que recebemos e temos vontade de participar, o ambiente que criamos no café é essencial para criar um espaço seguro para uma boa conversa (BROWN, 2007).

O contexto do 1º Café da APA foi dado pelo caminho construído ao longo do processo de formação, ilustrado pelas imagens das caminhadas diagnósticas que tornavam evidentes os desafios e os potenciais da região e também dados do trabalho de campo realizado pela equipe de biólogos e geógrafos com o objetivo de realizar um levantamento da biodiversidade e riqueza do local. Na base do processo estavam os princípios de uma Educação Ambiental participativa e dialógica que busca a integração dos diversos olhares em torno de um ambiente comum e a importância da contribuição do grupo neste processo de construção coletiva do território.

FIGURA 8 - FOTO DO 1º CAFÉ DA APA EMBU VERDE, FINALIZANDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO. ACERVO PESSOAL.

- II. **O espaço acolhedor** – Talvez seja a partir do elemento de acolhimento propiciado pelo *World Café* que possamos estabelecer a maior relação com a Educação Ambiental, assim como a ideia da “casa” coletiva (*oikós*) está presente nas práticas e reflexões da EA, uma conversa do tipo “Café” requer um ambiente acolhedor (*domus*), pense quando você organiza uma festa e prepara a sua casa para receber os convidados. O bom anfitrião pensa em todos os detalhes que permitam aos convidados se sentirem em casa: comida, bebida, música, decoração, flores, velas, mesas, cadeiras ou o que mais for necessário para esse sentimento de acolhida, em que eu me sinta bem. O espaço acolhedor é essencial para uma boa conversa, assim as pessoas vão sentir que são importantes e que suas ideias, pensamentos, sentimentos e valores são importantes nesta conversa. “Hospitalidade é o ato de afirmar dons nos outros” (BROWN, 2007). Leonardo Boff fala da simbologia da hospitalidade, da acolhida, como se os nossos convidados fossem os viajantes que chegam à procura de um abrigo, uma sopa quentinha e um lugar para descansar em que eles possam se sentir em casa (BOFF, 2005). Aqui o papel do anfitrião é essencial na condução do evento. Portanto, é importante ter um “time” de anfitriões que ajudem a pensar em tudo e um anfitrião em cada uma das mesas, uma vez que, a cada rodada, os participantes trocam de mesas e são acolhidos pela pessoa que está na mesa, os viajantes ou “embaixadores de sentidos” ao trocarem de mesa são acolhidos pelos anfitriões em busca de continuar a conversa para encontrar novos sentidos.
- III. **A importância das questões** – Formular uma boa questão é uma arte, exige muito trabalho e muita atenção. As boas perguntas são essenciais para uma boa conversa, perguntas que evoquem pensamento e sentimento, uma vez que estamos falando de conversas que gerem ação, perguntas que não permitam respostas prontas ou clichês como “A natureza é importante” ou “Precisamos salvar a natureza”, mas que permitam um reconhecimento da pessoa em seu ser mais profundo na resposta. O que me toca? O que move a minha ação? O que faz sentido para mim? São algumas das dimensões que devem ser consideradas ao formular boas perguntas, sempre lembrando que a relação que estabelecemos com o ambiente é sempre interna (envolvendo percepções, valores e convicções) e externa (mobiliza ações, atitudes).

1. *Por que a APA EMBU VERDE precisa se tornar uma realidade?*
2. *O que EU posso fazer para a APA se tornar uma realidade?*
3. *Quais as questões significativas, que precisamos explorar juntos, para que a APA se torne uma realidade?*

Estas foram as três questões que elaboramos para o Café da APA, buscando um sentido para toda a formação que vivenciamos ao longo do semestre neste território, integrando os vários saberes e chamando as pessoas ali presentes para um compromisso com a realização do Projeto de conservação da APA Embu Verde.

- IV. **A contribuição de todos** – Todas as percepções, saberes e visões, desde que genuínos são importantes num Café e devem ser estimuladas, a participação de todos, independentemente de sua posição, seu grau de instrução, sua idade e todos os outros determinantes. É essencial se quisermos buscar outras maneiras de resolver nossas questões complexas, para as quais não se tem uma única solução. A sabedoria está no coletivo, no encontro das múltiplas vozes num diálogo verdadeiro.

- V. **A integração das diversas perspectivas** – A troca de mesas é um modo de vivenciar a *polinização cruzada*, um mecanismo ecológico em que as abelhas ao visitarem as flores em busca do néctar, levam consigo em suas patas o pólen de uma flor para outra, garantindo assim a polinização e aumentando a diversidade de espécies num ambiente. No Café essa estratégia permite uma movimentação das pessoas e, conseqüentemente, das ideias e posições acerca do tema da conversa, ou seja, pode gerar um ambiente mais propício à suspensão de pressupostos e à reflexão ao invés das pessoas ficarem paradas, imóveis em seus lugares. Ao longo das rodadas, tem-se a sensação de uma movimentação de ideias e saberes, gerando a conexão dos diversos pontos de vista e da construção de um conhecimento compartilhado pelo grupo.

- VI. **A importância da escuta conjunta por padrões, insights e questões mais profundas** – A escuta, condição básica para que o diálogo aconteça está presente na dinâmica do *World Café*, uma vez que frequentemente contamos com um objeto da fala no centro de cada mesa, que permite que cada um fale na sua vez, evitando as interrupções. O objetivo é escutar também o que não foi dito, mas que pode estar implícito nos padrões que vão surgindo ao longo da conversa, de forma a fazer emergir o conhecimento criativo para a resolução das questões complexas. Ao escutar com atenção, acabo compreendendo melhor o meu próprio pensamento e a minha fala torna-se mais intencional.
- VII. **A importância da colheita e das descobertas coletivas** – A colheita é o que servirá de base para os próximos encontros, próximos passos. Usando a metáfora do campo de colheita, que precisa ser semeado e cuidado, os autores enfatizam a importância da colheita como forma de conseguir apreender do encontro, do processo, os pontos principais levantados pelo grupo durante a conversa e que servirão de base para futuras ações. Usando também a imagem da colheita que envolve desde a preparação do campo, a escolha das sementes, a semeadura, o plantio, o tempo de espera e finalmente, a colheita dos frutos; ao planejar um encontro, um *World Café*, estamos já no início preparando o campo para novas ações, de forma que o planejamento da colheita é tão importante quanto o planejamento do evento em si (BROWN, 2007).

Destacamos aqui alguns pontos relevantes que os anfitriões de mesa trouxeram durante a fase de compartilhar as descobertas e os aprendizados do Café da APA, como forma de ilustrar a nossa colheita.

Mesa 1: anfitriã Lívia “*Trabalho de Formiga*”

O grupo trouxe a imagem das formigas em seu trabalho de transporte de quantidades enormes de terra, muito além do seu tamanho reduzido, a formiga consegue transportar muitas vezes o seu peso corporal. Para o grupo, as formigas representam a imagem do “EU-Coletivo”, pois atuam em função de um grupo e todos trabalham na construção de algo bom para o grupo. Em relação às questões da APA Embu Verde, podemos pensar em no encontro do nosso Eu-Coletivo para trabalhar na construção de algo comum que seja bom para todos do grupo. Mesmo diante de nossa pequenez, enquanto movimento de educadores ambientais frente às pressões se continuarmos trabalhando como um grupo organizado em relação a uma proposta comum poderemos conseguir bons resultados!

FIGURA 9 - RELATO DA MESA 1, ANFITRIÃ LÍVIA DURANTE O CAFÉ DA APA EMBU VERDE. ACERVO PESSOAL.

Mesa 2: anfitriã Ana Maria “*Não é só a escola, Nós somos cidadãos*”

Mais do que pensar na escola como espaço de educação e formação, devemos pensar no nosso poder de cidadão, como participantes ativos da vida política do município, somos todos cidadãos e por isso temos o dever de cobrar o poder público para que represente os interesses do coletivo e não de uma minoria. Esse trabalho envolve uma mudança de postura que passa pelo reconhecimento do cidadão como peça-chave na mudança, da participação ativa e do conhecimento dos instrumentos legislativos e canais de participação para fazer cumprir as leis.

FIGURA 10 - RELATO DA MESA 2. ACRÓSTICO COM A PALAVRA "CAPUAVA". ACERVO PESSOAL.

FIGURA 11 - RELATO DA MESA 2, ANFITRIÃ ANA MARIA DURANTE O CAFÉ DA APA EMBU VERDE. ACERVO PESSOAL.

Mesa 3: anfitriã Luana “Eu coletivo”

O grupo ressaltou a importância do “Eu Coletivo”, sensibilizar as pessoas e nós mesmos sobre a importância do coletivo, do grupo, organizado e mobilizado para a importância da APA. As questões da APA não são apenas locais e devem ser integradas na agenda do município.

Figura 12 - Relato da Mesa 3, anfitriã Luana durante o Café da APA Embu Verde. Acervo pessoal.

Mesa 4: anfitriã Deyse “Todos nós somos APA”

Nós somos o meio ambiente

Mata – oxigênio, água

Todos nós somos APA

A gente como agente de mudança

Promovendo uma corrente do bem

FIGURA 13 - RELATO DA MESA 4, ANFITRIÃ DEYSE DURANTE O CAFÉ DA APA EMBU VERDE. ACERVO PESSOAL.

Mesa 5: anfitrião Marcos “Por uma nova racionalidade ambiental”

Reconhecer o potencial da escola para repensar uma nova mentalidade, uma nova percepção da realidade. Devemos aprender com os erros do passado e internalizar ações na escola. Atuar com jovens em rede, nas redes sociais, pensar uma nova racionalidade e colocar em prática, como multiplicadores, nós podemos plantar muitas árvores e cultivar novos jardins. **Denunciar, Mobilizar e Participar.**

FIGURA 14 - RELATO DA MESA 5, ANFITRIÃO MARCOS DURANTE O CAFÉ DA APA EMBU VERDE. ACERVO PESSOAL.

Mesa 6: anfitriã Indaia “Nosso tesouro, Nosso patrimônio”

A gente não pode perder o que a gente já tem, devemos resgatar a cultura dos indígenas, dos antepassados. Pressionar para a elaboração do Plano de Manejo da APA para que esta se torne realidade, estabelecer parcerias com as empresas para viabilizar..

APA -> Informar, conscientizar, transformar ideias em ação, fiscalização, zoneamento. Viva a vida. Respeite-a!

FIGURA 15 - RELATO DA MESA 6, ANFITRIÃ INDAIA DURANTE O CAFÉ DA APA EMBU VERDE. ACERVO PESSOAL.

Mesa 7: anfitriã Lídia “Função da Educação: Tornar visível o invisível”

Este grupo destacou a necessidade de implementar a Agenda 21 Escolar (projeto já desenvolvido no município), dar bons exemplos e buscar bons exemplos, estimular o comprometimento, o desafio e o envolvimento. Dar visibilidade às ações e às pessoas. Como exemplo traz o caso do catador que foi na escola, falar para os alunos sobre a separação do material reciclável e com isso houve um reconhecimento do ser humano na figura do catador: *A comunidade chamou o catador para dar uma palestra. Ele orientou sobre separação do lixo e reutilização. Passou a ser visível. A comunidade hoje o chama pelo nome: Antonio.*

FIGURA 16 – RELATO DA MESA 7, ANFITRIÃ LIDIA DURANTE O CAFÉ DA APA EMBU VERDE. ACERVO PESSOAL.

A colheita geral do 1º Café da APA foi sintetizada num grande painel coletivo realizado por Amanda Gambale, facilitadora gráfica e também praticante do *Art of Hosting*, conforme ilustrado a seguir:

FIGURA 17 - PAINEL RESULTANTE DA COLHEITA DO 1o CAFÉ DA APA EMBU VERDE, DURANTE O PROJETO DE DIAGNÓSTICO SOCIOAMBIENTAL DA APA EMBU VERDE, JUNHO/2011, ELABORADO POR AMANDA GAMBALE, PUBLICADO EM FRANCO; PELOSINI, 2013.

A partir de toda a colheita deste *Café da APA* o que inclui os registros nas toalhas de mesa, os depoimentos dos grupos nos momentos de compartilhar a experiência e o painel coletivo acima ilustrado, elaboramos um Mapa Mental que representa um pouco da complexidade envolvida na efetivação da APA Embu Verde.

O Mapa procura tornar visível a complexidade envolvida na efetivação da APA Embu Verde, indo além da dimensão da Educação Ambiental, o que significa perceber os aspectos políticos e os canais de participação disponíveis. Os participantes trouxeram em seus relatos a importância de valorizar o patrimônio ambiental e cultural da região, de forma a servir de modelo para outras iniciativas, uma vez que se trata da região metropolitana de São Paulo. Para isto é necessário haver o reconhecimento dos serviços ambientais prestados pela Mata Atlântica na manutenção e melhoria da qualidade de vida da própria metrópole, o que inclui os serviços de abastecimento de água, qualidade do ar, conservação da biodiversidade e na manutenção do clima. No que concerne à Educação e percepção ambiental os desafios residem em reconhecer, a partir de uma mudança de olhar e mudança de hábito, o potencial da APA como recurso pedagógico, um laboratório a céu aberto e um espaço de aprendizado privilegiado tão próximo à cidade grande.

Todo o processo de formação, assim como os dados do levantamento de biodiversidade da APA Embu Verde apresentados nos relatórios técnicos, no âmbito do projeto *Diagnóstico Socioambiental da APA Embu Verde – Educação Ambiental para a Sustentabilidade na Bacia do Rio Cotia* originaram uma publicação de distribuição gratuita no município, com o objetivo de sensibilizar os moradores, educadores e público em geral sobre o patrimônio presente nesta região (Vide Anexo –Publicação Revista APA Embu Verde: riqueza e fragilidade num território de conflitos, SEAE,FRANCO;PELOSINI, 2013).

FIGURA 18 - MAPA MENTAL ILUSTRATIVO DA COLHEITA DO 1º CAFÉ DA APA EMBU VERDE (ELABORADO PELA AUTORA, PUBLICADO EM FRANCO; PELOSINI, 2013)

O que pudemos perceber nestes pontos acerca da importância de uma área de proteção ambiental para os participantes foi também um senso de pertencimento ao local em que vivem, o que é um desafio num contexto urbano da região metropolitana. Portanto, verificamos no final um movimento em direção à ação, o que pode evidenciar um sinal de compromisso.

Os participantes reconheceram também os desafios das questões políticas no município e a pressão que podem exercer sobre os governantes do poder público para “fazer a coisa certa”, com base nos interesses comuns e não em interesses privados.

Eles também perceberam no processo educativo e no processo de diálogo e formação uma maneira de informar a população acerca das questões da área de modo a conservá-la. Portanto, podem agir como educadores e educadoras (multiplicadores) em seus bairros e isso pode ser fundamental para a conservação.

Os vários níveis de complexidade que aparecem no mapa mental construído a partir do que foi levantado no Café da APA indicam o quão intrincadas encontram-se as relações para que a APA Embu Verde possa vir a ser uma realidade local. Não apenas em relação aos diferentes níveis de governo (municipal, estadual, federal), mas também em relação aos diversos atores e grupos (empresa, estado e sociedade civil) envolvidos nas políticas de conservação da APA no que concerne aos diversos usos do solo.

Certamente o processo educativo não pode fornecer todas as soluções a um problema tão complexo. Ele deve ser parte da solução, junto das políticas públicas, interesses econômicos e das questões sociais. O primeiro passo é formar uma comunidade mais consciente de seus direitos e dos instrumentos legais que podem contribuir para que a lei se torne realidade. Precisamos de informação, conhecimento e de uma comunidade organizada para entender os conflitos, de modo a tomar parte no diálogo.

3.2. OS DESAFIOS DO DIÁLOGO NA APA EMBU VERDE: O PLANO DIRETOR

Depois desse grande encontro que tivemos no Primeiro Café da APA, os conflitos em torno da implementação da área protegida apareceram no município. No encontro seguinte ao Café, cujo objetivo seria continuar a conversa iniciada, o momento foi de informes e esclarecimentos acerca da revisão do Plano Diretor do município que previa um Corredor Empresarial (industrial) na região da área de proteção ambiental. Sem considerar as preocupações socioambientais, e com reduzida participação da população local, de forma obscura e até mesmo com suspeitas de manipulação dos canais de participação existentes, a mudança no zoneamento foi aprovada. Neste contexto, o Plano Diretor que, embora seja também um instrumento de participação popular para o ordenamento do território (BRASIL, 2002) entra em conflito com a legislação de conservação ambiental.

O Plano Diretor pode ser definido como um conjunto de princípios e regras orientadoras da ação dos agentes que constroem e utilizam o espaço urbano. O Plano Diretor parte de uma leitura da cidade real, envolvendo temas e questões relativos aos aspectos urbanos, sociais, econômicos e ambientais, que embasa a formulação de hipóteses realistas sobre as opções de desenvolvimento e modelos de territorialização. (...) De acordo com as diretrizes expressas no Estatuto, os Planos Diretores devem contar necessariamente com a participação da população e de associações representativas dos vários segmentos econômicos e sociais, não apenas durante o processo de elaboração e votação, mas, sobretudo, na implementação e gestão das decisões do Plano (BRASIL, 2002, p.40).

Membros da Reserva da Biosfera, do Instituto Florestal de São Paulo manifestaram também a ausência de um Plano de Manejo para a APA Embu Verde e, portanto, sua preocupação acerca do zoneamento proposto pelo Plano Diretor como Zona de Corredor empresarial.

Em princípio o texto não esclarece como a zona de corredor será compatível com os objetivos da APA, incluindo usos industriais de médio risco, e ainda armazenagem, estocagem, depósito e logística, com um padrão de uso e ocupação que apresenta alto nível de impermeabilização (SÃO PAULO, 2011)

O documento ressalta ainda a importância dos remanescentes de Embu das Artes em relação à conectividade dos fragmentos com a Reserva do Morro Grande e sua relevância na manutenção do equilíbrio ecológico e, conseqüentemente, na conservação das espécies (SÃO PAULO, Ofício RBCV/2011, Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal).

Embora o processo participativo esteja consolidado e existente na maioria dos países da América Latina como parte das políticas públicas, a abordagem dialógica tem suscitado desapontamentos e frustrações devido à ineficiência em trazer soluções concretas ou mudanças em relações às questões, o que pode ser considerado uma “fadiga de diálogo” (*dialogue fatigue*). Conforme destaca Pruitt e Thomas (2007) precisamos, portanto, não de mais processos dialógicos, mas sim de melhores processos que resultem em apropriação e mudanças sustentáveis. Neste estudo os autores identificam cinco desafios cruciais em relação ao processo de diálogo: 1. Lidar com a complexidade, 2. Coordenar significados (sentidos); 3. Produzir inovação, 4. Possibilitar deliberação e 5. Alcançar resultados sustentáveis (PRUITT; THOMAS, 2007).

A habilidade de desenvolver um processo que inclua soluções de longo prazo e não apenas resultados rápidos para a crise. O documento ressalta ainda as várias dimensões do diálogo, compostas por aspectos políticos, técnicos e culturais. As ferramentas e metodologias aqui estudadas situam-se à primeira vista, no âmbito da dimensão técnica, mas encontram-se intrinsecamente ligadas aos aspectos políticos e culturais do ambiente, conforme pudemos constatar no processo de Embu das Artes, há que considerar as melhores estratégias e, simultaneamente, buscar as condições favoráveis para que o diálogo aconteça e atinja seu potencial (PRUITT; THOMAS, 2007).

Considerando estes princípios, a metodologia do *World Café* pode ser considerada uma metodologia inovadora e poderosa para lidar com questões complexas e conversas difíceis.

Esta perspectiva pode ser relevante na Educação Ambiental (EA). Os princípios da EA não estão relacionados apenas com a conservação ambiental, mas também se pretende desenvolver uma nova relação entre os seres humanos e destes com o ambiente, com o objetivo de promover uma visão global acerca dos problemas ambientais e uma disposição para a participação no

processo. Portanto, contribui para a construção da cidadania, para a melhoria dos processos democráticos e justiça social, assim como para a gestão ambiental.

Embora o Brasil tenha adotado uma abordagem inovadora no campo da EA, com uma Política Nacional, desde 1999, os desafios para incluir as preocupações ambientais e sociais na agenda nacional permanecem.

Atualmente Embu das Artes está correndo o risco de perder a nomeação de “reserva da biosfera” devido a esta situação. Membros da sociedade civil organizaram um movimento através das redes sociais para tornar público o assunto como pode ser visto no website (www.salveembudasartes.com.br). A situação foi também relatada no documentário “Embu, Terra das Artes” da cineasta Fátima Seehagen (SEEHAGEN, 2012) que conta com depoimentos de moradores antigos que vivenciaram o histórico de ocupação do Embu desde a década de 60, assim como pesquisadores e estudiosos que vêem no local um potencial de manutenção da qualidade de vida da metrópole a partir dos serviços ambientais prestados.

Temos atualmente dois lados opostos – ambientalistas, educadores ambientais, artistas e moradores antigos de um lado, defendendo a conservação da APA Embu Verde; e de outro, poder público, alguns movimentos de luta por moradia, comerciantes e alguns empresários que defendem a implementação do corredor industrial na região da APA Embu Verde.

CAPÍTULO 4. DE VOLTA PARA CASA: O RETORNO, OS APRENDIZADOS

FIGURA 19 - FOTO APA EMBU VERDE. FONTE: FRANCO; PELOSINI, 2013

4.1. TECENDO OS FIOS, OS APRENDIZADOS DAQUI E DE LÁ

O diálogo oferece uma possibilidade de salvação, mas a passagem do possível ao real pressupõe aqui um acolhimento, uma abertura ao mundo e ao outro. A troca de palavras não significa muito, caso se não fundamente no reconhecimento de outrem. O sinal distintivo do homem de diálogo é que ele escuta, do mesmo modo – e talvez melhor – que fala. Benefício da presença atenta, como que de uma hospitalidade espiritual que exclui o desejo de deslumbrar ou de conquistar, a pretensão à soberania. (...) A maior parte dos homens troca as suas palavras sem nunca dialogar (GUSDORF, 1970, pp. 86- 87)

Apesar de todas as diferenças culturais presentes nos dois países (EUA e Brasil), o foco deu-se no processo dialógico e na estratégia utilizada para trazer os diversos atores e sujeitos num mesmo espaço de diálogo, partimos do pressuposto de que em todos os casos em que o diálogo foi incorporado, lidamos com altos níveis de complexidade, incluindo aspectos políticos e culturais, mesmo no caso da sociedade norte-americana (PRUITT; THOMAS, 2007).

Na busca por trazer metodologias inovadoras para lidar com os desafios da Educação Ambiental experienciamos o *World Café* ao final do projeto “*Diagnóstico Socioambiental da APA Embu Verde*” para integrar conceitos e práticas colaborativas vivenciadas ao longo do processo de formação, percebemos o seu potencial na integração dos conteúdos, na escuta das diversas vozes, na breve experiência da postura do anfitrião em cada mesa e, sobretudo, no entendimento do “campo”: os desafios e a complexidade envolvida no processo de implementação de uma área de proteção ambiental em plena região metropolitana.

Em relação ao processo de formação de educadores da APA Embu Verde, podemos dizer que os objetivos propostos no projeto “*Diagnóstico Socioambiental da APA Embu Verde*” foram alcançados no reconhecimento e na vivência da área de proteção ambiental a ser conservada como território de sentidos, através principalmente da conversa significativa proporcionada pelo *World Café* ao final do encontro.

Encontrando os temas, os padrões

Ao analisar os dados coletados através das entrevistas, pudemos encontrar temas que aparecem em todas as histórias, o que nos permitiu compreender melhor a abordagem do diálogo utilizada no processo do *Art of Hosting* e principalmente no *World Café*.

Entendemos os temas como um caminho para encontrar os sentidos e significados desta experiência, o que foi mais importante? Quais os pontos principais quando falamos da experiência “*From Hero to Host, Columbus, Ohio*” (*De Herói para Anfitrião em Columbus, Ohio*), no intuito de produzir sentidos a partir de todos os dados que coletei durante as entrevistas com cada um dos anfitriões, destacamos os seguintes temas:

- **Desejo de Mudança/Aspirações**

Todas as experiências apresentam um objetivo que envolve mudança; é intrínseco ao processo dialógico a existência de uma esperança em algo que poderia ser diferente no futuro. O desejo de mudança, as aspirações e a esperança em algo novo aparecem como um dos pressupostos do processo de diálogo.

- **Processo de Aprendizado**

Todas as experiências apresentam um forte componente educativo, a importância da curiosidade, das questões estratégicas que geram ação. As questões aparecem como uma maneira de investigar algo para compreender melhor e isso é a base do diálogo, assim como a reformulação das questões é uma maneira de incluir outras perspectivas de aprender algo, integrando os pensamentos às emoções, o conhecimento sensível ao inteligível. Todos esses elementos estão relacionados ao processo de aprendizado que é um dos fundamentos dos métodos propostos pela abordagem do *Art of Hosting*. Percebemos muitas conexões entre o processo de diálogo e o processo educativo: as pessoas estão interessadas no conhecimento que podem obter de uma situação de diálogo, há um interesse que é a base do processo educativo. A Comunidade de Prática da qual os anfitriões participam é uma forma de potencializar o processo

de aprendizado através dos encontros, conversas e redes. Mesmo não sendo um processo formal de educação, apresenta um forte componente educativo em sua prática.

A importância da rede de relações estabelecida entre os anfitriões e o sentido de comunidade que se instalou na cidade de Columbus, Ohio com esta experiência. Pelo que pude perceber é algo como o *velho* conceito de educação, ressaltado por Marcos Ferreira-Santos (2005a) no primeiro capítulo, pois há a presença e um “*mestre-aprendiz*” ou de um “mentor”, no caso Phil Cass que desenvolve um pensamento estratégico e intencional como forma de trazer o *Art of Hosting* para Columbus, Ohio; ao lado de muitos aprendizes que se dispuseram a aprender juntos e inovar no modo de fazer as coisas em suas diversas instituições.

- **O conceito de prática**

Como na meditação, na Yoga, nas artes marciais, o conceito de prática é algo ressaltado por todos os anfitriões e nos diversos artigos que tratam do *Art of Hosting*, tal conceito encerra a ideia de que somos todos praticantes, e quanto mais praticamos esta “arte”, melhor nos tornamos, diferente da ideia de especialista, que já atingiu um grau de excelência de saber e detém todo o conhecimento. Algo que muito se aproxima do conceito de “práxis” de Paulo Freire que orienta as nossas ações e iniciativas no campo da Educação Ambiental.

- **Foco no futuro**

Todas as experiências analisadas apresentam um olhar apreciativo sobre a situação-problema, as pessoas não ficaram paralisadas com os problemas do presente, mas sempre buscaram desenvolver uma visão sobre um novo cenário possível da situação.

- **Construir o processo, a importância do “design”**

Certamente este é o aspecto mais importante da experiência de Columbus, na qual o foco esteve desde o princípio no planejamento do processo de modo a ampliar seu potencial de ação.

Cada encontro foi planejado cuidadosamente de forma a estabelecer as relações entre os diversos atores do sistema, selecionando pessoas em posições de destaque na cidade, de forma a difundir a abordagem do diálogo. O convite é algo extremamente importante neste processo, definir quais as pessoas devem estar presentes de modo que o processo continue e ganhe força em suas respectivas instituições. O público, composto por pessoas de diversos setores é essencial para garantir a diversidade dos participantes, aumentando a riqueza do processo de conversação.

Cada evento deve ser cuidadosamente planejado com antecedência para garantir o convite das pessoas importantes na questão, de modo a continuar o processo, mesmo depois do encontro, interferindo no processo de decisão. O propósito do encontro é também um aspecto importante na fase de planejamento, definir com clareza a proposta e a razão pela qual a conversa foi chamada. Neste sentido, a definição das boas questões é também fundamental para que a conversa possa gerar ação.

- **A jornada pessoal**

Todas as pessoas entrevistadas mencionam um momento importante em suas vidas, no qual tiveram contato com a abordagem do *Art of Hosting* a partir do qual começaram a praticar e a incluíram em sua prática profissional ou em sua instituição. Percebemos algo muito pessoal neste processo de tornar-se anfitrião, uma experiência de frustração no local de trabalho, a falência do sistema: “*broken system*”, uma questão complexa a ser enfrentada ou então algo mais profundo que leva a um desejo de mudança no modo de fazer as coisas com um maior engajamento.

- **Entender o conflito como uma possibilidade**

O pressuposto assumido pelos anfitriões de que o conflito é uma possibilidade de mudança, vai ao encontro da definição encontrada no Manual Democrático de Diálogo elaborado pelo PNUD (PRUITT; THOMAS, 2007):

[Conflito é] um fenômeno natural, multi-dimensional que é tipicamente um indicativo de mudança na sociedade ... ocorre quando duas ou mais partes acreditam que seus interesses são incompatíveis, expressam atitudes hostis, ou envolvem ações que podem ferir outras partes e a habilidade de atingir seus interesses. Torna-se violento quando as partes não buscam obter seus objetivos de forma pacífica, mas recorrem à violência (PRUITT; THOMAS, 2007, p. 60).

O conflito neste processo de diálogo é visto como um desacordo, *“nós podemos discordar, mas todos nós nos importamos com a questão”*, o conflito envolve um cuidado, a consideração sobre a questão, os entrevistados usam o verbo *“to care”* que pode ser traduzido por um misto de consideração e cuidado sobre o assunto. O conflito externo é um reflexo do conflito interno, o que nos remete ao conceito do Caminho Quádruplo (*“The Four - Fold Practice”*¹⁷), em que o processo de anfitriar conversas significativas requer uma prática constante de diálogo num movimento interno e externo (*Art of Hosting*). Portanto, para enfrentar qualquer tipo de conflito externo precisamos começar por identificar o que é conflituoso internamente, encontrando caminhos para lidar com isso antes de anfitriar uma conversa potencialmente conflituosa.

¹⁷ Guia rápido para conversas significativas, uma breve referência (documento elaborado por CORRIGAN, Tradução de Thomas Ufer e Tamara Azevedo Co-criar disponível em www.cocriar.com.br)

4.2. ALIA- PERCORRENDO O CAMINHO DOS HOSTS

Percorrendo o caminho dos hosts: a experiência de participar do Authentic Leadership in Action¹⁸

- O que você veio fazer no Canadá?
- Vim participar de uma Conferência para o desenvolvimento de lideranças autênticas.
- Em que universidade?
- Na Mont Saint Vicent
- Treinamento sobre o quê?... Leadership? Ok¹⁹.

Ouvir os anfitriões falando sobre o ALIA - conferência para o desenvolvimento de lideranças autênticas, me dava muita vontade de conhecer e participar de algo semelhante. Pesquisei, entrei no site e era justamente isso, uma proposta de treinamento, na forma de imersão, por uma semana que integrava as metodologias mais inovadoras na área da mudança social com as práticas mais antigas e tradicionais de atenção plena e diálogo interior – a meditação.

A possibilidade de participação no encontro parecia muito difícil, Halifax fica na costa leste do Canadá, província de Nova Scotia, muito longe, já era final da nossa temporada nos EUA, minha bolsa de estudos já havia finalizado, o custo do evento era alto, nunca havia ficado tanto tempo longe dos meninos, uma semana inteira, enfim vários obstáculos, mas algo me dizia que eu deveria estar lá, era quase como percorrer o caminho dos “*hosts*” de Columbus, compreender de onde vem essas metodologias, integrar as dimensões interna e externa, enfim já estava tão perto, por que não tentar?

¹⁸Treinamento para Lideranças Autênticas (ALIA), Halifax, Nova Scotia, Canadá.

¹⁹ Relato de conversa com o oficial de imigração do aeroporto no Canadá.

Dois eventos marcantes em que eu participei nesta temporada: o Seminário sobre empreendedorismo social promovido pela Fulbright em Portland, Oregon; e o ALIA em Halifax, Nova Scotia. No seminário da Fulbright havia a diversidade, a riqueza do aprendizado em conhecer pessoas de mais de 70 países, quase do mundo todo, mas a fragilidade de ser no modelo tradicional de apresentações dos palestrantes, sobre o tema em que apenas 3 ou 4 pessoas falavam e os outros 100 participantes, os dos 70 países diferentes ouviam, a troca de ideias e as boas conversas aconteciam nos intervalos para café. Por outro lado, no ALIA, o ambiente todo era propício ao diálogo, dinâmicas, círculos de conversa, *World Café*, *Open Space*, conversas em pequenos grupos, práticas participativas e, o mais interessante, momentos de meditação logo no início da manhã e no final da tarde. O problema: a diversidade dos participantes, em sua maioria norte-americanos dos EUA e do Canadá, alguns da Europa e apenas eu da América latina.

Imagine se conseguíssemos integrar os dois mundos: a diversidade dos participantes, representantes dos mais de 70 países do evento da Fulbright com as práticas de liderança autêntica do ALIA, que incluem meditação e inovação para a transformação social. Todo o ambiente organizado de forma acolhedora, para que todos fossem ouvidos, para que todos tivessem sua voz. Essa sim seria uma grande experiência de aprendizado. Comentei com uma das colegas do curso e ela me disse que essa seria a minha tarefa, afinal era eu que vivenciara as duas experiências tão distintas e, ao mesmo tempo, tão complementares.

No ALIA me inscrevi para participar do workshop *“Design Strategic Change from Inside Out”* (desenvolvendo mudanças estratégicas de dentro para fora), todo com base no *Art of Hosting* que tinha como time de anfitriões Tuesday Ryan-Hart, a minha amiga de Columbus, Chris Corrigan e Caitlin Frost de Vancouver e Tim Merry da Inglaterra.

Logo no primeiro dia, Tim Merry trouxe um exercício do Augusto Boal com o objetivo de representarmos, em imagens, o estado do mundo e o nosso papel como agentes de mudança. Não pude acreditar que estava vivenciando aquela “dinâmica” tão próxima, num lugar tão distante de casa, a mesma sensação de plantar árvores depois de um longo inverno sem mexer na terra.

Qual é a pergunta que você traz para este seminário?

Como eu poderia compartilhar esta oportunidade de ouro que vivenciei de maneira significativa para co-criar a mudança que queremos no âmbito da Educação Ambiental?

O meu aprendizado de hoje foi que a experiência não pode ser transmitida, mas sim partilhada, ou seja, se a minha questão é “How can I share this Golden opportunity that I had to co-create change...?” eu preciso entender que não se trata de carregar todo o peso da responsabilidade, até mesmo culpa e sensação de ter que ter uma ideia nova que possa “resolver” a questão do conflito na APA Embu Verde, ou da falta de diálogo na Educação Ambiental, mas sim que se trata de compartilhar esta experiência com outras pessoas para que a partir daí possamos criar juntos alguma inovação, vislumbrar alguma possibilidade de mudança. Portanto, é mais uma questão de criar espaços, para que esta partilha possa acontecer, de forma significativa. Pode ser através de encontros, entrevistas, anfitriando conversas, dando palestras, aulas, escrevendo e elaborando projetos de diálogo. São várias maneiras possíveis de criar estes espaços e, sobretudo, criar este espaço em mim, na minha mente para conservar e cultivar uma mente aberta “open mind” que possa estar atenta para perceber as possibilidades de ação, as sincronicidades da vida. Ao fazer o exercício de “lineage” (linhagem, respondendo a pergunta “Qual a sua linhagem, sua trajetória que o trouxe até aqui”) vejo que minha linhagem está presente no trabalho que estou fazendo neste momento, conectando pessoas, ideias, lugares num movimento de mudança em busca de algo que é muito tradicional, uma qualidade ancestral que se manifesta em mim: a habilidade da conversa, o amor pelas pessoas, pelos lugares, a busca por uma conexão com algo maior, a busca de sentido. Isso toma forma no meu trabalho como pesquisadora, como educadora ambiental, como mãe e como mulher. O que preciso fazer é cultivar esta “qualidade ancestral” que me foi dada e partilhar com todos ao meu redor, nas mais diversas situações para que as pessoas também possam acessar suas qualidades especiais e valiosas com as quais foram presenteadas. Cultivar esta qualidade da presença, da autenticidade, do “basic goodness” para que ela esteja sempre viva e presente no meu trabalho, na minha vida. Não deixar que os pensamentos difusos, julgamentos, pré-conceitos me afastem desta qualidade, ter uma prática que me permita esta conexão profunda com toda esta linhagem de seres humanos neste mundo em que vivemos. (anotações caderno de campo, ALIA, junho, 2013)

4.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de algumas conclusões acerca da experiência de Columbus, Ohio visando um maior entendimento e uma compreensão do processo de Embu das Artes, São Paulo, posso dizer que encontrei um elemento-chave que poderia nos dar pistas sobre a principal diferença entre os processos que ocorreram nestes dois lugares distintos. A experiência de Columbus concentrou seus esforços não apenas nos aspectos técnicos das metodologias de diálogo, mas também no planejamento estratégico do processo de diálogo, entendendo o processo como um todo. Os encontros e treinamentos foram cuidadosamente planejados com o objetivo de conseguir o maior engajamento dos atores, com um foco nos tomadores de decisão, que necessariamente devem estar presentes na conversa para que esta possa se transformar numa ação concreta. Há neste sentido, um componente forte de poder de decisão, de forma a sensibilizar os gestores para a importância do diálogo na abordagem das questões complexas.

No caso do Embu, nós planejamos cuidadosamente o processo educativo, de formação, promovendo um envolvimento dos participantes e, sobretudo, um reconhecimento do território da APA Embu Verde como patrimônio a ser conservado. No entanto, a complexidade da situação e a recusa das pessoas com poder de decisão em participar do diálogo, resultou numa nítida separação entre os educadores, agentes de saúde, técnicos e demais atores da população local (sociedade civil) que participaram do processo de formação; e os membros do poder público, associações comerciais, que, neste caso, detinham o poder de decisão sobre o zoneamento da região.

No caso da APA Embu Verde, a questão ambiental está extremamente ligada aos interesses privados de um pequeno grupo de atores em oposição aos interesses públicos e do “bem comum”, em que não se consegue estabelecer uma visão de longo prazo acerca da qualidade de vida e dos benefícios da conservação para a região em detrimento de interesses imediatos privados, comerciais e eleitoreiros.

Neste contexto, estávamos empenhados em criar as condições para o diálogo através das ferramentas inovadoras aliadas ao processo educativo, o que não foi suficiente para lidar com a

complexidade da situação. Durante o processo em torno da questão da APA Embu Verde pudemos identificar alguns elementos de uma ação anti-dialógica, nas palavras de Paulo Freire (FREIRE, 2005), no que se refere aos mecanismos de opressão descritos em *“Pedagogia do Oprimido”*; desde coisas simples, tais como o conflito de agendas para a realização dos encontros ou até mesmo a sobreposição de eventos impedindo a participação, até grandes questões como a apropriação dos recursos naturais para interesses privados, a manipulação dos canais de participação e a divisão dos grupos e movimentos sociais para enfraquecer o movimento e criar disputas. No caso, a questão ambiental foi colocada em oposição à questão de moradia e uma suposta geração de empregos, e os grupos acabaram um contra o outro catalizados por estes interesses imediatos. Aqui se verifica a oposição entre a potência da sociedade civil em suas dimensões mais cotidianas e o poder instituído minando sua capacidade de organização e mobilização a fim de manter o *status quo*.

No caso do Embu, nós partimos do pressuposto que as pessoas estariam dispostas a participar do processo e nós, como educadoras e educadores ambientais, focamos nos aspectos pedagógicos do processo: as vivências, as metodologias, mas não conseguimos lidar com as questões de poder do cenário político do município e da fragilidade dos canais de participação existentes. Partimos do pressuposto de que nós, como um movimento da sociedade civil poderíamos engajar as pessoas no reconhecimento da APA como um patrimônio ambiental de valor a ser conservado. No entanto, o alto nível de complexidade, a pressão econômica e a dinâmica de poder mostraram-se ainda mais fortes. As políticas públicas se sobrepuseram uma vez mais às *poéticas públicas* (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2011).

Trata-se de uma questão política, difícil de ser enfrentada, uma vez que algumas pessoas manifestam preocupação e consideração em relação ao patrimônio ambiental do município, enquanto outras enxergam nos fragmentos de Mata Atlântica remanescentes da região apenas como mais um recurso a ser explorado, de modo que alcançar uma visão comum sobre o território torna-se um grande desafio. A própria questão política engendra e é, ao mesmo tempo, engendrada também pelos aspectos culturais. Uma região em que há uma elevada concentração da população de baixa renda, com baixos níveis de educação, a tradição do clientelismo, em oposição a uma cidadania ativa e participativa, ainda permanece bastante enraizada. O conceito

de desterritorialização (MAGNANI, 2005) produzido pela organização da região metropolitana, no qual o ambiente não é considerado um bem comum capaz de garantir uma melhor condição de vida e uma população saudável e os laços comunitários são cada vez mais raros ou inexistentes, também é um considerável obstáculo ao desenvolvimento comunitário, local e participativo.

Os pontos marcantes da experiência de Columbus, Ohio são a construção de um conjunto de relações de modo a criar as condições para o desenvolvimento do trabalho; o pensamento estratégico ou intencional na abordagem das questões sociais, a escolha da linguagem adequada para sensibilizar públicos distintos e a importância dos companheiros de trabalho (“*mates*”) nos diversos setores com poder de decisão.

No que se refere às questões socioambientais, o educador ambiental pode desempenhar um papel importante agregando à abordagem ativista e crítica, os aspectos de uma liderança anfitriã, no sentido de desenvolver uma atitude de anfitrião em relação ao lugar a ser conservado, criando um “container” para o diálogo e buscando formas de convidar os diferentes atores, além dos ambientalistas, que apresentam papel fundamental nas dinâmicas territoriais. Torna-se necessário, portanto, “segurar o campo”, ou melhor, criar as condições para que o diferente esteja presente no debate e o diálogo passaria então a adquirir um lugar estratégico (intencional) para lidar com os desafios da conservação ambiental.

Investir na formação de um grupo de anfitriões da APA Embu Verde, jovens, comerciantes, empresários, professores universitários, professores de escolas da região, agentes de saúde, crianças e moradores em geral que residem na região e se preocupam com o local, poderia ser um caminho para estimular o processo dialógico. *A conversa que cura*: pois a criação de espaços de diálogo pode ser um caminho para a superação de padrões antigos colonialistas de dominação e opressão. Neste caso, o espaço de diálogo é uma possibilidade de encontro e cura, *a educação como um pharmakon* (FERREIRA-SANTOS, 2010).

Potencializar o diálogo interno para fortalecer o grupo, de forma a conseguir vislumbrar possibilidades de ação da sociedade civil e a necessidade de seu empoderamento frente aos absolutismos estatais, assim como entender os obstáculos do diálogo (“ações antidialógicas”-

FREIRE, 2005) como um processo de aprendizado são iniciativas a serem consideradas neste contexto.

Para concluir, gostaria de tomar emprestadas as palavras de Paulo Freire, nesta leitura, sempre provisória da situação estudada: *“precisamos de uma esperança crítica, assim como o peixe precisa da água limpa”* (FREIRE, 2003). Que o diálogo seja uma esperança no nosso desafio da Educação Ambiental, buscando maneiras de despoluir os rios para que os peixes possam voltar a respirar e nós possamos conviver melhor.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas In: BARBOSA, Joaquim G. (Coord.) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 24-41.

_____. A complexidade In: MORIN, Edgar (Idealização e Direção). **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 548-558.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978

_____. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A terra e os devaneios do repouso: Ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes 1990.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim G. (Coord.) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 168-199.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível, vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo; KRENAK, Ailton. Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica In: UNGER, Nancy M. (org) **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p.75-84.

BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Somos as águas puras**. Campinas: Papirus, 1994.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário mítico-etimológico de mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, v.1. 1991.

BRASIL. **Lei n. 9.795 de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

_____. **Estatuto da Cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos:** Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana. – 2ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

_____. MAPPEA: Mínima Aproximação Prévia para elaboração de Programas de Educação Ambiental. Ministério do Meio Ambiente/DEA. 2005. Brasília, www.cdcc.sc.usp.br/CESCAR/Material_Didatico/MAPPEA.pdf, acesso em 10 Abril 2013).

_____. ProFEA- Programa nacional de formação de educadoras (es) ambientais: por um Brasil educado e educando ambientalmente para a sustentabilidade. Ministério do Meio Ambiente/DEA, Ministério da Educação/CGEA Brasília, DF. 2006.

BRITO, Maria Cecília W. **Unidades de Conservação: intenções e resultados.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

BROWN, Juanita. **The World Café Catalyzing Collaborative Learning and Collective Intelligence,** 2001. 341p. PhD dissertation Fielding Institute, California, 2001.

_____. *et al.* **O World Café: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas.** São Paulo: Cultrix, 2007.

BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

CARVALHO, Isabel. C. M. O “ambiental” como valor substantivo: uma reflexão sobre a indetidade da educação ambiental. In: SAUVÉ, Lucie *et al* **Textos escolhidos em Educação Ambiental: de uma América à outra.** Montreal, Publications ERE-UQAM, 2002, Tomo I, pp 85-90 (versão em português).

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

COOPERRIDER, D.; WHITNEY, D.; STAVROS, J. **Appreciative Inquiry Handbook for leaders of change,** 2nd edition, Co-published by Brunswich: Crown Custom Publishing and San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2008.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar Edições Ltda, 2006.

_____. **A montanha e o videogame: Escritos sobre educação.** Campinas: Papirus, 2010.

EMBU DAS ARTES (Município), SÃO PAULO (Estado). **Lei complementar n. 108 de 11 de dezembro de 2008. Cria a Unidade de Conservação Municipal de uso Sustentável - Área de Proteção Ambiental - APA Embu-Verde e dá outras providências.**

EMBU DAS ARTES (Município) SÃO PAULO (Estado). **PLANO DIRETOR DE EMBU – LEITURA COMUNITÁRIA E TÉCNICA DA CIDADE**, Prefeitura Municipal da estância turística de Embu – Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente, Polis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas sociais, 2002.

EMBU DAS ARTES (Município) SÃO PAULO (Estado). **PLANO DIRETOR DE EMBU DAS ARTES, Lei Complementar número 186 de 20 de abril de 2012**, Embu das Artes, SP.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. “Novas Mentalidades e Atitudes”: Diálogos com a Velha Educação de Sensibilidade. **Conferência no XV Encontro Estadual da APASE: O cotidiano, o presente e a construção do futuro - um horizonte para a supervisão da educação**, CICE/FEUSP, São Paulo. 2001

_____. **SABERES & IMAGINÁRIO: I COLÓQUIO INTERINSTITUCIONAL IMAGINÁRIO, CULTURA & EDUCAÇÃO**, 2002, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas – RS. **A Cultura das Culturas: Mytho e Antropologia da Educação.**

_____. **Crepúsculo do Mito: Mitohermenêutica e antropologia da educação em Euskal Herria e Ameríndia**. 2004. tese de livre-docência - FE-USP, São Paulo, 2004.

_____. **Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi**. São Paulo: Zouk, (2005a).

_____. O Espaço Crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas. In: PITTA, Danielle Perin Rocha. (Org.). **Ritmos do Imaginário**. Recife: Editora Universitária UFPE, (2005b) p. 59-99.

_____. Oikós: toponímia, ancestralidade e ecossistema arquetípico. Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - **Congresso Internacional: As dimensões imaginárias da natureza**. Recife: UFPE/Associação Ylê Setí, 2006.p. 41-71. Disponível em: http://www.univ-montp3.fr/ufr5/irsa/telechargements/XIV_Ciclo_De_Estudos_Sobre_O_Imaginario_ANAIS.pdf. Acesso em 23 maio 2015.

_____. Fundamentos antropológicos da arte-educação: por um pharmakon na didaskalia artesã. **Revista Ambiente e Educação**, São Paulo, v.3 n.2, p.59-97, 2010.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério. **Antropolíticas da Educação**. São Paulo: Képos, 2011.

_____. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Képos, 2012.

FRANCO, Maria Isabel G.C. (coord.) **Agenda 21 Escolar de Embu das Artes**. Publicação Sociedade Ecológica Amigos de Embu – SEAE / Fundo Estadual de Recursos Hídricos – FEHIDRO. Embu das Artes, São Paulo, 2005.

_____. **Educação ambiental e pesquisa-ação participante: registro analítico-crítico de uma práxis educativa**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação USP. São Paulo, 2010.

FRANCO, Maria Isabel; PELOSINI, Indaia (Redação) **APA Embu Verde: riqueza e fragilidade num território de conflitos**. Publicação Sociedade Ecológica Amigos do Embu, 2013.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**, 11ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 41ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 36ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007

FRIEZE, Deborah; WHEATLEY, Margareth. **Walk out walk on: a learning journey into communities daring to live the future now**. San Francisco: Berkana publication, Berret-Koehler Publishers Inc, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11ª edição Campinas: Papyrus, 2001

GUIMARÃES, Mauro. Intervenção educacional: do “ de grão em grão a galinha enche o papo” ao “ tudo junto ao mesmo tempo agora” In: FERRARO JR, L. (org) **Encontros e Caminhos formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Brasília. MMA Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 189 - 199.

GUSDORF, Georges. **A Fala**. Porto: Edições Despertar, Colecção Humanitas, 1970.

ISAACS, William. **Dialogue and the art of thinking together: a pioneering approach to communicating in business and in life**. New York: Doubleday, 1999.

JACOBI, Pedro R. Sustentabilidade socioambiental e aprendizagem social – o desafio de promover cooperação e corresponsabilidade nas políticas ambientais In: SORRENTINO, Marcos (org) **Educação ambiental e políticas públicas: conceitos, fundamentos e vivências**. Curitiba: Appris, 2013, p.131-141.

JORNAL SALVE EMBU DAS ARTES Disponível em: www.salveembudasartes.com.br Acesso em 02 Dezembro. 2013.

KAHANE, Adam. **Power and Love: a theory and practice of social change**. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2010.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p.20-28, 2002.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra Completa*, vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**, São Paulo: DCL, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**, Rio de Janeiro: Vozes, 1998

_____. **A Violência totalitária: ensaio de antropologia política**, Porto Alegre: Sulina, 2001.

MAGNAGHI, Alberto. **The urban village: A charter for democracy and local self-sustainable development**, London: Zed books, 2005.

MATURANA, Humberto. A ontologia do conversar In: MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (orgs) **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 167-186.

MORIN, Edgar. **O Método 1: A Natureza da natureza**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002

_____. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. “Segunda dissertação” In: **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OWEN, Harrison. **Open Space Technology: a user’s guide**, 3 ed. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2008.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Volume único. Organização, Introdução e Notas de Maria Aliete Galhoz. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

PRUITT, Bettye; THOMAS, Philip. **Democratic Dialogue – A Handbook for Practitioners**, Canadian International Development Agency (CIDA), International IDEA, Organization of American States (OAS), General Secretariat of the OAS (GS/OAS) and the United Nations Development Programme (UNDP), USA. 2007.

RICOEUR, Paul (1992). **Abordagens (Approches) da Pessoa**. Rio de Janeiro: Revista Filosófica Brasileira, vol. V (1), p. 11-24.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade** - entrevista com Milton Santos. 2ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria do Meio Ambiente. Instituto Florestal. **Ofício RBCV/ 2011** Ref – Carta de 06 de junho de 2011, “Solicita parecer técnico a respeito de como deverão ser encaminhadas as obras e outras intervenções na área durante a ausência do Plano de Manejo da Unidade de Conservação – APA EMBU-VERDE”.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31 n.2 p. 317-322, 2005

SEENHAGEM, Maria de Fátima (direção). **Embu, Terra das Artes**. 2012. DVD HD (71 min).

SCHARMER, Otto. *Theory U leading from the future as it emerges*. Berrett-Koehler Publishers Inc. San Francisco, 2009.

SORRENTINO, M. *et al* Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2005. v.31 n. 2, p. 285-299. 2005.

SOUZA, William Mendes. *et al* Relatório Projeto Diagnostico socioambiental da APA Embu Verde: Educação Ambiental para a sustentabilidade na bacia do rio Cotia. AT/457/2009. Levantamento de mamíferos e aves na APA Embu Verde, avaliação ecológica rápida. SEAE. Embu, 2012

SZPAKOWSKI, Susan. Little Book of Practice for Authentic leadership in Action, ALIA Institute, Canada, 2010

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. In: Revista Projeto Agenda 21 e Educação Ambiental em Área de Proteção aos Mananciais. Embu, 2006.

TRISTÃO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Editora Difei.1980.

UNGER, N. M. **(org) Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo, Edições Loyola, 1992

VAN MANEN, M. Researching Lived Experience: human science for an action sensitive pedagogy. SUNY – State University of New York Press. 1990.

VICTOR, Rodrigo.A.B.M. *et al* Application of the Biosphere Reserve Concept to Urban Areas The Case of Sao Paulo City Green Belt Biosphere Reserve, Brazil – Sao Paulo Forest Institute: A Case Study for UNESCO. *Annals New York Academy of Sciences*. 1023:237-281. 2004.

APÊNDICE

1. Roteiro de Entrevista utilizado na pesquisa (Interview Guide)

Roteiro de Entrevista utilizado na pesquisa (Interview Guide)

- Nome, Instituição, Projeto
- Permissão para gravar (áudio / vídeo)
- Conte-me a sua história com o *World Café* e como você se tornou um anfitrião.
- Como você define uma conversa significativa?
- Por que o processo do *World Café* é significativo para você, em seu trabalho, na sua prática?
- Como você define seu estilo de liderança como Anfitrião e não como Herói?
- O que significa ser um Anfitrião em seu entendimento?
- Você vivenciou algum conflito neste processo? Como lidou com isso no contexto do *World Café/Art of Hosting*?
- Como você teve contato com o *Art of Hosting / The World Café* e como inseriu a prática na sua organização?
- Quais os desafios e as potencialidades de uma liderança anfitriã?
- O que significa para você fazer parte da comunidade *Art of Hosting*?
- O que o *World Café* e o *Art of Hosting* significam para você?
- Você estaria disposto a participar de um evento do tipo *World Café* para compartilhar sua experiência e contribuir com minha pesquisa?
- ***Quais questões significativas, caso exploradas, poderiam gerar inspiração sobre como lidar com conflitos em um processo dialógico?***

ANEXOS

1. Publicação: **Revista APA Embu Verde: riqueza e fragilidade num território de conflitos.** Publicado por Sociedade Ecológica Amigos de EMBU em Dezembro/2013.
Redação: Indaia Emilia Schuler Pelosini e Maria Isabel G. Correa Franco.